

FICHA DE META DADOS – CEDIM 2019/2	
Nome da Pasta	500_JAHRE_GE_426.11
Autor/Instituição	Institut für Brasilienkunde (Bibliothek)
Número de Documentos	1
Quantidade e tipo de documentação	1 caderno que contém recortes veiculados da imprensa brasileira e alemã. Total de páginas: 69
Dia/ Mês/Ano	2000
Formato	Ofício
Resumo	Produzido pelo Institut für Brasilienkunde estes cadernos reúnem matérias veiculadas na imprensa brasileira, entre aproximadamente o ano 2000, sobre a celebração dos 500 anos do Brasil.
Palavras-Chave	500 anos; Brasil; Colonização; Redescobrimto; Descobrimto.
Notas explicativas	(A contagem de páginas obedece à regra: sempre a partir da primeira após a capa, sendo esta a “01”) A encadernação limita parcialmente a visualização completa do



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR – CAMPUS NOVA IGUAÇU
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM



	<p>texto, por isso há dificuldade de leitura, sobretudo em algumas páginas devido ao grampeamento. Listagem das páginas em língua estrangeira: 07, 08, 12, 13, 18, 19, 30, 36, 37, 38, 40, 43, 45, 46, 54, 55, 59, 60, 65 e 66.</p>
--	---

27
Bibliothek

500 JAHRE

4. 2000



Bibliothek
insti 6E 426.11
BRASILKUNDE
METTINGEN



Institut für Brasilienkunde
GE 426.11
Bibliothek

27.09.11

1 ■ 6 brasil terça-feira, 25 de abril de 2000

500 ANOS *Entidade diz em Santa Cruz*

Cimi anuncia

Abbrália que representação será por abuso de autoridade em confrontos

que processará PM baiana

Moacyr Lopes Júnior/Folha Imagem



FAIXA O índio José Carlos Araújo Ferreira, 20, descansa em pousada em Porto Seguro. Segundo o Cimi, ele foi o mais grave ferido no conflito de sábado, com dois tornozelos e a perna esquerda atingidos por bomba. Membro da tribo xucuru kariri, ele disse que só carregava uma faixa. Eleitor de FHC, algo de que diz se arrepender agora, ele tem sua estadia e remédios custeados pela Funai

PATRICIA ZORZAN
enviada especial a Porto Seguro

O Cimi (Conselho Indigenista Missionário), entidade ligada à Igreja Católica, anunciou ontem, em Santa Cruz Cabralia (BA), que entrará com uma representação por abuso de autoridade contra a Polícia Militar baiana junto ao Ministério Público Federal.

A ação foi motivada pelo confronto entre policiais e índios no último sábado, na BR-367, que liga Porto Seguro a Santa Cruz Cabralia. Segundo dados da própria PM, 141 pessoas ficaram feridas e, conforme a coordenação do movimento "Brasil Outros 500", 30 ficaram feridas.

A intenção do Cimi é que o comandante das tropas no local, coronel Wellington Müller, também seja responsabilizado pela ação.

A entidade solicitará ainda uma audiência especial na Comissão Interamericana de Direitos Humanos para denunciar a participação do governo Fernando Henrique Cardoso no caso.

Devido à presença do presidente em Porto Seguro para a comemoração dos 500 anos, a ação foi comandada pelo general Alberto Cardoso, ministro do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República. No sábado, Cardoso chegou a elogiar a atuação da corporação no episódio.



O vice-presidente do Cimi, Saulo Ferreira Feitosa, acusou ontem FHC de ter tentado manipular os índios da região. Segundo ele, nunca houve um pedido dos índios para um encontro com o presidente.

"O governo tentou cooptá-los com colchões, refeições e conseguiu até um lista de assinaturas em um papel em branco, onde o texto do convite foi escrito depois", disse. Além do confronto, serão denunciados também crimes de genocídio e a redução e invasão de terras indígenas.

Em protesto contra o conflito de sábado, o presidente da entidade, d. Franco Macerdoti, não participará da celebração da missa de amanhã, no local onde foi realizada a 1ª missa.

"Depois de ter sido detido e de presenciar as cenas de violência contra os índios nesse local, d. Franco disse que não tem condições de estar lá", declarou Feitosa.

D. Franco e o presidente da Comissão Pastoral da Terra (CPT), dom Tomas Balduino, prepararam uma carta para todos os bispos do país, solicitando um questionamento a respeito da violência utilizada pela PM contra os índios na ocasião da missa, que marcará o início da Assembleia Geral da CNBB (Conferência dos Bispos do Brasil), em Porto Seguro.

Feitosa afirmou também que não serão enviadas delegações de índios de outras partes do país à missa.

Coronel critica entidades

da Agência Folha, em Salvador

Dois dias depois de comandar a repressão aos protestos em Santa Cruz Cabralia (BA), o coronel da Polícia Militar da Bahia Wellington Müller, 44, disse ontem acreditar que os 2.000 índios participantes da manifestação "Brasil, Outros 500" foram "enganados" por representantes do Cimi, da Funai e dos partidos de oposição.

"Dias antes das comemorações, estava tudo certo para que 15 caciques entregassem um documento ao presidente (Fernando Henrique Cardoso), mas eles desistiram porque foram insuflados pelo presidente da Funai (Carlos Marés) e por outras organizações que não acompanham de perto a realidade deles", disse.

O coronel afirmou também que

não houve "excessos" na ação.

"Se houvesse qualquer tipo de excesso, teríamos registrado vítimas fatais e centenas de feridos. Fizemos tudo de acordo com a Constituição, que nos dá o direito de agir de forma preventiva e repressiva para garantir a nossa soberania", disse Müller. A operação segue até o fim do mês.

O secretário-adjunto do Cimi, Roberto Liebgott, acusou o coronel Müller de ser "mentiroso" e de ter descumprido acordo com os índios. "O coronel havia garantido que os índios teriam livre acesso a Porto Seguro em reunião antes do conflito com representantes do Ministério Público Federal e da OAB e com parlamentares e o presidente da Funai. Na verdade, ele havia preparado uma emboscada para os índios", afirmou.

Italiano encerra a festa sob protestos

WILLIAM FRANÇA
enviado especial a Porto Seguro

Nem Caetano, nem Gil, nem Gal. Quem encerrou o gigantesco espetáculo de US\$ 953 mil encenado na baía de Porto Seguro nos dias 22 e 23 foi Andrea Bocelli, o tenor pop italiano, cantando "Con te partiro".

A ausência dos ídolos da música brasileira em "O dia em que o Brasil nasceu" foi apenas uma das queixas dos espectadores. "Faltou 'brasilidade', emoção verde-amarela. Por que é a música desse cantor italiano que está tocando?", questionou Gessina Giuliano, que veio de Santa Catarina só para os festejos dos 500 anos.

A única música que empolgou o público foi o jingle da Embratur que fala que "ser feliz é viajar pelo Brasil". No primeiro dia da encenação, para 10 mil convidados VIPs, o público e a imprensa ficaram de fora.

No segundo, a Prefeitura de Porto Seguro havia distribuído convites, mas os já denominados "sem-entrada" pressionaram e as portas foram abertas no final para evitar confusão.

Houve pouca interação entre os participantes e a reação geral do público foi morna. O único momento de participação do público foi no final, quando os atores, já fora de cena, foram até a plateia e repetiram o bordão dos estádios de futebol: "Eu sou brasileiro, com muito orgulho e muito amor".

Tudo foi grandioso. As arquibancadas foram montadas à beira-mar, o cenário era composto pela reprodução detalhada de seis

naus portuguesas e em quatro delas telões transparentes dividiam a cena entre projeções e efeitos luminosos.

Um jato d'água em forma de leque também virou "pano" para a projeção de filmetes e de efeitos de raio laser (isso quando o vento permitia que a água formasse uma "cortina"). O figurino era refinado, assim como a iluminação. Mas pouco pôde ser visto do alto das arquibancadas.

As cenas em que índios em festa recepcionavam portugueses curiosos se concentraram em apenas um lado do palco.

Quem ficou do outro, só via algo quando os telões mostravam (quase nunca). O som, atrapalhado pelo forte vento, era inconsistente.

Mais problemas

Os VIPs também tiveram problemas no seu dia. O público que ficou de fora formou uma espécie de "corredor polonês" e xingavam quando os convidados (homens de paletó e gravata e mulheres em trajes de noite) passavam.

Cerca de 200 policiais militares que participavam do esquema de segurança tiveram de intervir para liberar a entrada dos convidados especiais da comemoração.

Depois, na hora da queima de fogos (25 minutos), o vento jogou toda a fumaça nos convidados, que, envoltos por cheiro de pólvora, não puderam apreciar o espetáculo.

No segundo dia, não houve fogo-fúria — só uma hora e meia depois do final do espetáculo foram disparados alguns petardos pela organização.

Abrem-se as comportas

Inxurrada de 15 mil obras da Mostra do Redescobrimento, a maior exposição de artes da América Latina, deságua hoje no Ibirapuera

Flávio Florido/Folha Imagem

Reportagem Local

re hoje para o
ico a Mostra
edescobrimen-
o parque Ibirapuera. A exposição, celebra os 500



da arte e cultura brasileiras, aberta oficialmente anteontem pelos presidentes do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, e de Portugal, Jorge Sampaio. A palavra é uma boa definição para a exposição. Ela já é considerada a maior mostra de arte da América Latina: ocupa uma área de 10 mil metros quadrados, maior que o museu do Louvre, em Paris, e contém cerca de 15 mil obras. Para percorrê-la na íntegra, o visitante precisa caminhar por mais de seis quilômetros. No exterior, são mais de 500 obras que vieram emprestadas para a exibição. O resultado é uma amostragem impressionante de obras que saíram do Brasil há mais de 300 anos e que nunca haviam retornado para cá. Enquanto está o manto tupinambá, emprestado pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, marca para o módulo Artes Populares. A organização da exposição esconde entre 1,5 e 2 milhões de visitantes que visitaram a exposição em



Peças em exibição no módulo Arte Popular, no Pavilhão Manuel da Nóbrega (parque Ibirapuera)

7 de setembro.

A mostra fica aberta de terça-feira a domingo. Terça a sexta, das 14h às 22h, sábados, domingos e feriados, das 9h às 22h. De terça a sexta, das 8h30 às 13h30, serão permitidas apenas visitas de escolas já pré-agendadas.

Para evitar filas e grandes esperas, os visitantes podem comprar os ingressos pelo telefone 0800-780500. Quem ligar com sete dias de antecedência à visita recebe em casa os bilhetes, sem nenhum custo adicional. Quem ligar com até cinco dias de antecedência deve retirar o ingresso no local, mas sem enfrentar a fila.

A exposição ocorre em três pavilhões do parque Ibirapuera: Padre Manuel da Nóbrega (Pinacoteca), Ciccillo Matarazzo (Bienal) e Lucas Nogueira Garcez, a Oca. Além do Cine Caverna, construído especialmente para a mostra.

A organização da mostra não prevê grandes filas, pois foram instaladas 28 bilheterias, espalhadas pelos quatro edifícios onde ocorre a exposição. Só no prédio da Bienal são 12 bilheterias.

Mas, certamente, apenas uma visita é pouco para quem quer fruir da exposição com a atenção que ela merece. Quem percorrer os 13 módulos da mostra de uma só vez, corre o risco de acabar não prestando atenção em obras que, em princípio não tem destaques, mas são preciosidades da arte e da cultura brasileiras. É o caso do estudo à óleo do quadro "A Negra", de Tarsila do Amaral, que se encontra no módulo Negro de Corpo e Alma.

Os ingressos para visitas curtas, por pavilhão, R\$ 7 de terça a sexta, e R\$ 10 aos sábados, domingos e feriados. O Cine Caverna custa R\$ 6. Estudantes e maiores de 60, desde que identificados, pagam meia entrada. Assinantes da Folha tem 25% de desconto. (FABIO CYPRIANO)

Módulos e destaques da mostra

Módulo: A Primeira Descoberta da América e Arte: Evolução ou Revolução? (Oca)
Curador: Walter Neves e André Prous
Destaque: O crânio de Luzia, mais antigo esqueleto humano da América (entre 11 mil e 11.500 anos). Foi encontrado em Minas Gerais em 1975

Módulo: Arqueologia (Oca)
Curador: Maria Cristina Mineiro Scatamacchia e Cristina Barreto
Destaque: Os vasos com cariatídes são exemplos de uma cultura desenvolvida que floresceu em Santarém (PA) entre os anos 1000 e 1500

Módulo: Artes Indígenas (Oca)
Curador: Lúcia Hussak van Velthem, José Antônio Braga Fernandes Dias, Luís Donisete Benzi Grupioni e Regina Polo Miller
Destaque: O manto tupinambá é todo confeccionado com as penas vermelhas do guará. Foi levado à Europa por Maurício de Nassau entre 1637 e 1644

Módulo: Carta de Caminha (Pavilhão Manoel da Nóbrega)
Curador: Emanuel Araújo e Paulo Roberto Pereira
Destaque: A carta escrita pelo escrivão de Cabral a d. Manoel é a primeira reportagem sobre as características naturais do Brasil e o primeiro contato com os índios

Módulo: Arte Barroca (Pavilhão da Bienal)
Curador: Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira
Destaque: Abordar as várias escolas barrocas espalhadas pelo país é a característica que se destaca no módulo, que traz peças impactantes, como um "Senhor Morto" da escola maranhense

Módulo: Arte Afro-Brasileira

(Pavilhão da Bienal)
Curador: François Neyt, Catherine Vanderhaeghe, Kabengele Munanga e Marta Heloísa Leuba Salum
Destaque: As peças que se sobressaem são as produzidas no golfo de Benin, Congo e Angola, regiões que mais exportaram negros para o Brasil

Módulo: Negro de Corpo e Alma (Pavilhão Manoel da Nóbrega)
Curador: Emanuel Araújo, Maria Lúcia Montes e Carlos Eugênio Marcondes de Moura
Destaque: Além de peças de afro-brasileiros, como Mestre Didi e Rubem Valentim, a mostra traz obras de negros feitas por brancos famosos, como Volpi e Lasar Segall

Módulo: Arte Popular (Pavilhão Manoel da Nóbrega)
Curador: Emanuel Araújo e Frederico Pernambuco de Mello
Destaque: a arte popular do sertão nordestino, as peças provenientes do cangaço e a cerâmica do vale do Jequitinhonha (MG) causam impacto

Módulo: Século 19 (Pavilhão da Bienal)
Curador: Luciano Migliaccio
Destaque: Além da cenografia elegante, o módulo traz como destaques "Floresta Reduzida a Carvão", de Taunay e "Tiradentes Esquartejado", de Pedro Américo

Módulo: Olhar Distante (Pavilhão da Bienal)
Curador: Pedro Corrêa do Lago e Jean Galard
Destaque: Telas de Frans Post vindas diretamente do Louvre de Paris e a primeira vista em óleo da cidade de São Paulo, do francês Pallière, são destaques no módulo

Módulo: Imagens do Inconsciente (Pavilhão da Bienal)



Curador: Nise da Silveira (1906-1987) e Luiz Carlos Mello

Destaque: A generosa sala de arte de Arthur Bispo do Rosário, talvez das mais bem montadas de todo o evento, é uma excelente introdução à produção dos pacientes psiquiátricos

Módulo: Arte Moderna (Pavilhão da Bienal)
Curador: Nelson Aguilar, Frank Espath Pedrosa e Maria Alice
Destaque: Tem de tudo, mas pouco, no módulo Arte Moderna. Destacam-se Volpi, Tarsila, Brechete e a "Coluna" de Weissmann e outros

Módulo: Arte Contemporânea (Pavilhão da Bienal)
Curador: Nelson Aguilar e Frank Espath Pedrosa
Destaque: As únicas obras que possuem visibilidade no módulo graças à sua grandiosidade são as instalações "Flor do Mangue" de Krajcberg, e "Manto Tupinambá" de Lygia Pape

Módulo: Cine Caverna (ao lado do Pavilhão da Bienal)
Destaque: Filme de Nelson Hoineff promove passeio virtual pelos sítios arqueológicos do Brasil

SISTEMA FINANCEIRO Correntista, porém, só terá direito a um cartão

CMN veta tarifas em

SAO PAULO

terça-feira, 25 de abril de 2000 dinheiro 2 ■ 3

...ção magnético ou a um DOC, gratuitos, para sacar

contas-salário

da Sucursal de Brasília

A partir de hoje, os bancos que têm convênios com empresas para o pagamento de salários, pensões ou aposentadorias poderão criar contas especiais para esse tipo de pagamento sem a cobrança de tarifas bancárias.

Segundo o diretor de Normas do Banco Central, Sérgio Darcy, a resolução do CMN (Conselho Monetário Nacional) que possibilitou a criação da conta-salário deverá obter a adesão de todos os bancos mesmo tendo um caráter facultativo.

No novo tipo de conta, o correntista terá direito apenas a um cartão magnético gratuito para sacar o dinheiro ou a um DOC (documento de crédito), também gratuito, para transferi-lo para outro banco de sua preferência. Ou seja, o correntista não terá direito a talões de cheques nem poderá fazer ou receber outro tipo de depósito.

Darcy explicou que os trabalhadores que querem transformar suas contas em contas-salário devem procurar as suas agências para solicitarem a mudança.

Na prática, somente agora, quatro anos depois que os bancos ficaram liberados para cobrarem as tarifas que quisessem, o trabalhador que recebe salário por um banco terá direito a escolher a instituição que mais lhe agrada sem ter de pagar por isso.

Os trabalhadores que mantêm

mais de uma conta em instituições diferentes têm de pagar, na maioria dos casos, uma tarifa para a manutenção de uma conta que não usam. Esse tipo de tarifa, segundo pesquisa do BC, pode custar até R\$ 20 por mês.

Recursos externos

O CMN também resolveu aumentar a disponibilidade interna de recursos captados no exterior, permitindo que as instituições captadoras façam o repasse dos recursos não utilizados para outras instituições.

De acordo com o BC, a medida poderá significar a movimentação interna de mais de US\$ 19,5 bilhões. Uma resolução anterior do CMN já havia permitido que as instituições financeiras dessem o destino que quisessem ao dinheiro trazido do exterior.

"Faltava lidar com o estoque de recursos que elas não estavam utilizando e que poderiam, portanto, ser devolvidos", disse Darcy.

Outra resolução do CMN permitiu aos bancos que não aplicaram o mínimo legal de recursos em crédito rural, no período de setembro de 99 a fevereiro de 2000, acertarem as suas contas até 28 de abril. Os bancos são obrigados a emprestar até 25% dos depósitos feitos pelos correntistas para o setor rural.

Quem não cumpre a exigência fica com os recursos retidos no BC, sem remuneração, por seis meses.



O presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, com um modelo (sem valor comercial) da cédula de R\$ 10

Nota de plástico começa a circular

Cédulas de R\$ 10 são lançadas em comemoração dos 500 anos do Descobrimento

da Sucursal de Brasília

O Banco Central teve de comprar fiado da Casa da Moeda do Brasil para colocar em circulação, a partir de ontem, as primeiras cédulas de plástico de R\$ 10, em comemoração dos 500 anos do Descobrimento.

Nessa primeira fase, a Casa da Moeda está entregando ao BC 12 milhões de cédulas, a um custo de R\$ 1,2 milhão. Mas a estatal ainda não viu um só tostão do que teria direito, devido a restrições orçamentárias do BC.

"Ainda temos crédito na praça", disse o chefe do Departa-

mento do Meio Circulante do BC, José dos Santos Barbosa. A instituição vem postergando pagamentos desde o ano passado e já deve R\$ 35 milhões ao fabricante.

O presidente da estatal, Tarcizio Caldas Pereira, disse que, para bancar o custo de produção das novas cédulas, a Casa da Moeda tomou empréstimos de curto prazo em bancos, colaborando para ampliar o déficit público.

A circulação da nova cédula de plástico começou ontem mesmo. O presidente Fernando Henrique Cardoso ficou com

um modelo da cédula, sem valor comercial. Em seguida, o BC montou guichês em seu edifício-sede para trocar as notas de papel pelas notas de plástico. Nas trocas, não eram aceitos pagamentos em cheques.

"Não duvidamos do cheque de ninguém. É que nós temos de manter constante o volume de dinheiro em circulação. Por isso, não podemos trocar dinheiro por cheques", disse Barbosa.

A partir de hoje, as cédulas já estão sendo distribuídas nas dez unidades do BC espalhadas pelo país e também pelo Banco do Brasil. As 100 mil cédulas se-

guintes serão reservadas para colecionadores e custarão, cada uma, R\$ 12 nas unidades do BC. O BC já encomendou à Casa da Moeda 30 milhões de cédulas para marcar os 500 anos do Descobrimento do Brasil. A ideia é que neste ano sejam colocadas em circulação 125 milhões de cédulas e que, até o final de 2000, o número de notas de plástico atinja 250 milhões.

O novo material custa 70% mais que o tradicional papel-moeda. Cada cédula de plástico sai por R\$ 0,10 a unidade, enquanto o material tradicional custa R\$ 0,06.

Os investidores pessoa física que mais firmaram contratos de compra foram Claudio

1995, é que se poderá verificar a possibilidade de informação privilegiada. Este caso poderia ficar configurado se fossem sempre as

No encontro, disse, conversou com vários presidentes de bancos e pôde trocar informações sobre a supervisão bancária

25.4.00
FAZ

Pfiffe statt Lambada

Nur die Politik feiert die Entdeckung Brasiliens / Von Angela Maier

PORTO SEGURO, 24. April. Statt der Klänge von Lambada, Merengue und Axé tönen Buh-Rufe durch die Nacht über dem Hafen Porto Seguros. „Was ist das für ein Fest, für das man einen Ausweis braucht?“, ruft ein Brasilianer. Zu Tausenden sind seine Landsleute nach Porto Seguro gekommen, einem kleinen Hafenstädtchen im nordöstlichen Bundesstaat Bahia, wo am 22. April 1500 die Portugiesen erstmals brasilianischen Boden betraten. Doch an den Feiern zum 500. Jahrestag der „Entdeckung“ Brasiliens mit dem brasilianischen Präsidenten Cardoso und dem portugiesischen Präsidenten Sampaio nebst einer spektakulären Inszenierung der Entdeckung können sie nicht teilnehmen. Die eigens errichtete Tribüne am Hafen ist abgeschottet: Ohne Ausweis kein Zugang. Daneben, auf der Praça Inaiá, ereifern sich Tausende Brasilianer. Mit Pfiffen werden die wenigen hundert Auserwählten in Emp-

fang genommen, die über den Platz gehen und die Tribüne ansteuern: „Die Politiker feiern, das Volk bleibt außen vor!“ Applaus erhält nur die Truppe der Militärpolizei, die in Zweierreihen über den Platz marschiert – brasilianische Ironie. Für die Politik gibt es ein Spektakel, an das Volk hat niemand gedacht. Noch am Abend zuvor drängten sich auf der „Passarela d'Alcool“ neben der Tribüne die Menschen und tanzten. Doch am Abend des Jubiläums ist selbst die „Alkoholpromenade“ aus Sicherheitsgründen gesperrt. Nicht einmal eine Leinwandübertragung sehen die Brasilianer, keine Bands spielen auf den Straßen, und auch die Buden, die am Vorabend Cocktails anboten, sind abgebaut.

Die Distanz zwischen den Mächtigen und dem Volk scheint groß wie eh und je. Wer Präsident Cardoso zu Gesicht bekommen wollte, blieb im Hotel und sah fern. Einen Tag war Cardoso in Porto Seguro, speiste mit Sampaio und spazierte mit ihm durch die für das Jubiläum renovierte historische Altstadt. Das Gefolge von 700 Jour-

nalisten und Gästen war dauernd abberiegelt. „Als Cardoso vor zwei Jahren in Porto Seguro war, hat ihn das Volk mit Eiern beworfen. Das will er wohl diesmal vermeiden“, sagt ein Bewohner der Stadt. Auch für die Indios war es ein enttäuschender Tag. Um 11 Uhr starteten 2500 Indianer bei Coroa Vermelha, zwölf Kilometer entfernt, ihren Marsch nach Porto Seguro, bei strömendem Regen. „Wir wollen den Präsidenten um mehr Land, mehr Autonomie in der Ausbildung und eine bessere Gesundheitsversorgung bitten“, sagt der Indio Tapiguru. Und die indigenen Völker wollen ihren Protest gegen die letzten 500 Jahre bekunden, in denen sie zu einer Randgruppe mit nur noch 350 000 Indianern in rund 170 Stämmen wurden. „Europa hat uns unserer Kultur, unserer Sprache und unseres Landes beraubt“, sagt Tapiguru. Schon am Ortsausgang von Coroa Vermelha stoppen Militärpolizisten den Marsch mit Tränengas. Langsam trottet die Menge den Weg zu ihren Zelten zurück. Die Protest-T-Shirts kleben an ihren Körpern. Die zum Zeichen der Trauer aufgemalte schwarz-rote Schminke in den Gesichtern ist zerlaufen.

Die anderen Demonstranten kommen gar nicht erst soweit. Die etwa 3000 teilweise radikalen landlosen Landarbeiter, die ihre Zelte 60 Kilometer entfernt in Eunápolis aufgeschlagen haben, bleiben in den Straßenkontrollen stecken. Schon in den Tagen zuvor hat die Militärpolizei auf allen Straßen nach Porto Seguro Posten eingerichtet und alle Reisenden auf Waffen und Drogen kontrolliert. In Coroa Vermelha werden Vertreter anderer Gruppen wie der Schwarzen von den Militärs festgehalten – insgesamt sorgen 5200 Polizisten für Sicherheit. Auf den T-Shirts der Demonstranten steht: „Wer sagt, dass wir entdeckt worden sind?“ Ihre Aufkleber „Fora daqui, FHC“ und „Fora daqui, FMI“ – Raus hier, Cardoso, Raus hier, Internationaler Währungsfonds – heften sich auch viele Touristen an die Kleidung. Denn Cardoso und dem Fonds, der Brasilien strenge Sparmaßnahmen verordnet hat, geben viele die Schuld an der wachsenden Armut im Land. Auch wenn viele nicht so recht wissen, warum: Die meisten Brasilianer sind nach Porto Seguro gekommen, um sich und ihr Land zu feiern. „Ich bin Brasilianerin aus ganzem Herzen“, sagt eine alte Frau. Zwei Mexikaner legten die Strecke von Mexiko bis Porto Seguro mit dem Fahrrad zurück. Die Abenteuer-Familie Schuermann ist nach zweieinhalb Jahren mit dem Segelboot auf den Meeren der Welt am Tag des Jubiläums in den Hafen eingelaufen. Eine Gruppe von 42 Wanderfreunden ist 500 Kilometer aus Salvador zu Fuß gekommen – mit einer 73 Jahre alten Frau als ältester Teilnehmerin. Eine richtige Feier war es für sie alle nicht.

24	25	26	27	28	29	30	31	31	32	33
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33
34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44
45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55
56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66
67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77
78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88
89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99
100	101	102	103	104	105	106	107	108	109	110

Der Brief des Pêro Vaz de Caminha über die Entdeckung Brasiliens (2)

„Sie sind braun von Aussehen und haben angenehme Gesichtszüge“

In der folgenden Nacht wehte ein heftiger Südost, mit Platzregen, so dass die Schiffe abgetrieben wurden, hauptsächlich das Führerschiff. Am Freitag (24. April), gegen acht Uhr morgens, ließ der Kapitän auf Anraten der Steuerleute die Anker lichten und Segel setzen. Wir fuhren, mit Booten und Kähnen im Schlepptau, nach Norden, an der Küste entlang, um zu sehen, ob wir nicht einen geschützten und guten Ankerplatz fänden, um Wasser und Holz nehmen zu können; nicht weil es uns schon fehlte, jedoch aus Vorsorge. (...)

Alfonso Lopes, unser Pilot, der sich auf einem der kleinen Schiffe befand, untersuchte gleich danach auf Befehl des Kapitäns das Innere des Hafens, da er ein umsichtiger und dazu recht geeigneter Mann war. Zwei Eingeborene, Jünglinge und von gutem Körperbau, die sich auf einem Floß befanden, nahm er gefangen. Einer von ihnen trug einen Bogen und sechs oder sieben Pfeile. Am Strande liefen viele mit Bogen und Pfeilen umher, von denen sie aber keinen Gebrauch machten. Gleich darauf, aber schon bei Nacht, brachte Lopes die beiden auf das Führerschiff, wo sie mit großer Freude und Feierlichkeit empfangen wurden.

Sie sind braun von Aussehen, fast rötlich, haben angenehme Gesichtszüge und wohlgeformte Nasen. Sie gehen nackt, ohne irgendwelche Bekleidung. Sie scheuen sich ebenso wenig, ihre Geschlechtsteile unbedeckt zu lassen wie das Gesicht. Darin sind sie von großer Unschuld. Beide trugen in der durchlocherten Unterlippe einen Knochenpflock, eine Handbreit lang und von der Dicke einer Baumwollspule, vorn spitz wie ein Bohrer. Sie führen den Pflock von innen durch die Lippe; der zwischen Lippe und Zähne befindliche Teil ähnelt dem Turm der Schachfiguren. So tragen sie ihn dort eingeschlossen, ohne dass er sie verletzt oder beim Sprechen, Essen oder Trinken hindert. Ihr Haar ist glatt. Sie tragen es kurz geschnitten, sehr hoch geschoren, bis über die Ohren und von gutem Wuchs. Einer trug unter dem Haarsturz, von Schläfe zu Schläfe führend, eine Art Perücke aus gelben Vogelfedern, ungefähr eine Elle lang, sehr dicht und buschig, die den Hinterkopf und die Ohren verdeckte. Feder an Feder war sie an den Haaren mit einer weichen, wachsartigen Masse befestigt, so dass sie recht dicht, rund und gleichmäßig war und oh-

ne Abwaschen emporgehoben werden konnte.

Der Kapitän saß, als sie kamen, reich gekleidet und mit einer großen goldenen Kette um den Hals, auf einem Stuhl, zu Füßen einen Teppich als Estrade. Sancho da Tovar, Simão de Miranda, Nicolau Coelho, Aires Correia und wir anderen vom Schiffe hockten auf jenem Teppich am Boden. Fackeln wurden angezündet. Die beiden traten ein. Sie machten weder ein Zeichen der Huldigung, noch gaben sie die Absicht zu erkennen, mit dem Kapitän oder sonst jemand zu sprechen. Einer von ihnen richtete jedoch den Blick auf die Halskette des Kapitäns, wies mit der Hand nach dem Festlande und dann nach der Kette, als wenn er uns sagen wollte, dass es dort Gold gäbe. Er schaute auch nach einem silbernen Leuchter, zeigte nach dem Lande und wiederum nach dem Leuchter, wie um auszudrücken, dort fände man auch Silber.

Ein dunkelgrauer Papagei des Kapitäns wurde ihnen gezeigt; sie nahmen ihn sofort in die Hand und wiesen nach dem Festlande, als wenn dort auch welche anzutreffen seien.

Man zeigte einen Schafbock; sie beachteten ihn nicht.

Vor einem Huhn, das man ihnen brachte, hatten sie beinahe Angst und wollten es nicht berühren. Dann taten sie es, aber wie von Misstrauen erfüllt.

Sie erhielten Speisen: Brot, gebackenen Fisch, Konfekt, Süßigkeiten, Honig und getrocknete Feigen. Sie wollten davon fast nichts nehmen, und wenn sie etwas kosteten, spien sie es gleich wieder aus. Es wurde ihnen in einer Schale Wein gebracht. Sie nippten kaum davon, mochten und wollten ihn nicht. Von dem Wasser, das ihnen in einem Henkelkrüge gereicht wurde, nahm jeder einen Schluck, trank es aber nicht, spülte nur den Mund und spie es gleich wieder aus.

Einer von ihnen sah einige weiße Rosenkranzperlen und machte Zeichen, sie ihm zu geben. Er belustigte sich sehr damit, wand sie um den Hals, wickelte sie dann um den Arm, wies nach dem Lande, dann erneut auf die Perlen und die Kette des Kapitäns, als wenn sie Gold für die Perlen geben würden. Wir wenigstens verstanden es so, da es unseren Wünschen entsprach. Wenn er aber ausdrücken wollte, er möchte gern Perlen und Kette mitnehmen, so wollten wir das nicht verstehen, weil wir sie ihm

nicht geben würden. Darauf reichte er die Perlen dem Besitzer zurück.

Beide streckten sich nun zum Schlafen mit dem Rücken auf den Teppich, ohne zu versuchen, ihre Schamteile zu bedecken, die nicht beschnitten waren. Die Schamhaare waren sorgfältig entfernt.

Der Kapitän ließ jedem ein Kissen unter den Kopf stecken, und jener mit dem Kopfschmuck achtete sehr darauf, diesen nicht zu beschädigen. Ein Mantel wurde über beide gebreitet, sie duldeten es, entspannten sich und entschliefen.

Am Sonnabendmorgen (25. April) ließ der Kapitän Segel setzen, und durch die recht breite und sechs bis sieben Faden tiefe Einfahrt ging es in die Bucht. Alle Schiffe liefen ein und ankerten bei fünf bis sechs Faden Tiefe. Der Ankerplatz kann mehr als zweihundert Fahrzeugen Schutz bieten, so groß, schön und geschützt ist er. Und gleich nachdem die Schiffe ruhig vor Anker lagen, kamen die Kapitäne auf dieses, das Führerschiff. Der Kapitän befahl Nicolau Coelho und Bartolomeu Dias, mit den zwei Eingeborenen, die ihre Bogen und Pfeile mitnehmen durften, an Land zu gehen. Beide erhielten noch je ein neues Hemd, eine rote Mütze, einen Rosenkranz mit weißen Knochenperlen, der sie um den Arm wanden, eine Schelle und eine Klingel. Mit ihnen, so befahl der Kapitän, sollte ein Verbannter gehen, ein Jüngling, Alfonso Ribeiro genannt, Diener von D. João Telo, um bei ihnen zu wohnen, ihr Leben und ihre Sitten kennen zu lernen. Mir gebot er, Nicolau Coelho zu begleiten.

Wir ruderten also pfeilgerade dem Strande zu. Hier liefen bald an die zweihundert Mann zusammen, alle nackt, mit Bogen und Pfeilen in den Händen. Unsere beiden Begleiter winkten ihnen, zurückzuweichen und die Bogen niederzulegen. Sie taten es, entfernten sich aber nicht weit. Kaum lagen die Waffen am Boden, als unsere beiden Wilden davonliefen und der verbannte Jüngling mit ihnen. Einmal im Rennen hielten sie nicht an, warteten auch nicht aufeinander, sondern liefen vielmehr um die Wette. Sie durchquerten, bis an die Schenkel eingetaucht, einen wasserreichen Fluß, der hier vorbeifließt und Süßwasser führt. So rannten sie und mit ihnen viele andere zu einem Palmenwäldchen auf der anderen Seite des Flusses, wo andere sich befanden. Dort hielten sie an. Unter ihnen war der Verbannte mit einem Manne gelaufen, der sich seiner, gleich nach-

l und die Welt

dem er aus dem Boote stieg, freundlich angenommen und ihn bis dorthin gebracht hatte. Sie schickten ihn aber bald zurück. Mit ihm kamen unsere beiden Gäste, schon nackt und ohne Mützen.

Nun liefen mehrere herbei, stiegen in das seichte Wasser und näherten sich so weit wie möglich den Booten. (...) Die beide Jünglinge, die mit uns gekommen, verschwanden, und wir sahen sie dann nicht mehr.

Von den Wilden trugen viele – wohl die meisten der anwesenden – Knochenpflocke in den Lippen. Von den übrigen hatten einige durchbohrte Lippen, in deren Öffnungen Holzsteller steckten, die wie Verschlüsse von Wasserschläuchen aussahen. Verschiedene trugen drei Pflocke, einen in der Mitte und je einen in den Mundwinkeln. Andere wieder liefen buntgewürfelt umher; ein Teil des Körpers zeigte die natürliche, der andere eine blauschwarze Farbe. Wieder andere waren schachbrettartig gemustert. Unter ihnen befanden sich drei oder vier Mädchen, sehr jung und sehr anmutig, mit tiefschwarzen, lang auf den Rücken herabhängenden Haaren. Ihre Schamteile waren recht hoch, geschlossen und von jedem Haarwuchs befreit, dergestalt, dass wir, obwohl wir sie eingehend betrachteten, keine Scham empfanden.

Eine Verständigung oder ein Gespräch mit ihnen verhinderte jedoch ihre Ungebärdigkeit, die niemand hören oder verstehen ließ. Wir bedeuteten ihnen, sich zu entfernen. Das taten sie auch und zogen sich auf die andere Seite des Flusses zurück. Drei oder vier unserer Leute verließen nun die Boote und füllten mehrere mitgeführte Fässer mit Wasser. Darauf kehrten wir zu den Schiffen zurück. Als die Wilden das bemerkten, winkten sie uns zurückzukehren. Wir wandten uns, und sie schickten den Verbannten zu uns, den sie nicht unter sich dulden wollten. Er hatte eine kleine Schüssel und zwei oder drei rote Mützen als Geschenke für den Häuptling mit sich geführt, falls es dort einen gäbe. Sie trachteten nicht, ihm etwas wegzunehmen, wiesen ihn vielmehr mit allen Geschenken zurück. Aber Bartolomeu Dias schickte ihn nochmals zurück, die Sachen abzuliefern. Er trat zu jenem, der sich seiner zuerst angenommen hatte, und gab ihm – uns sichtbar – die Geschenke. Dann kam er zu uns, und wir nahmen ihn mit.

© Johannes Pögl (Hrsg.): Die reiche Fracht des Pedro Alvares Cabral. Stuttgart, Wien: Edition Erdmann in K. Thienemanns Verlag 1986.

FA 2

Der Brief des Pêro Vaz de Caminha über die Entdeckung Brasiliens (3)

„Wie Spatzen vor dem Vogelherd“

Für den Morgen des Sonntags nach Ostern (26. April) ordnete der Kapitän Messe und Predigt auf jenem Eilande an. Er befahl allen Kapitänen der Schiffe, ihm mit den Booten zu folgen. So geschah es. Auf dem Eiland ließ er einen Thronhimmel und unter ihm einen wohlgefügt Altar errichten. (...) Während wir der Messe und Predigt beiwohnten, sammelten sich gegenüber am Strande ungefähr ebenso viele Menschen wie gestern an und schlenderten mit ihren Pfeilen und Bogen umher. Sie beobachteten uns und ließen sich nieder. Als wir nach der Messe sitzend die Predigt anhörten, erhoben sich viele von ihnen, stießen in Hörner und begannen, ein wenig zu springen und zu tanzen. Andere sprangen auf zwei oder drei Flöße, die dort lagen. Diese waren aber nicht so gebaut, wie ich sie kenne; sie bestehen nur aus drei miteinander verbundenen Balken. Auf sie schlangen sich vier oder fünf oder jene, die dazu Lust verspürten, entfernten sich aber nur wenig vom Lande, nur so weit, wie sie Grund finden konnten. Nach der Predigt begab sich der Kapitän mit wehender Fahne mit uns allen zu den Booten. Wir stiegen ein und hielten auf das Festland zu, um bei den Wilden vorbeizurudern. Auf Befehl des Kapitäns hielt Bartolomeu Dias die Spitze, um ihnen das Ruder eines Floßes zurückzugeben, das ihnen das Meer entführt hatte. In der Entfernung eines Steinwurfes folgten wir ihm. Als sie das Boot des Bartolomeu Dias erblickten, kamen sie alle ans Ufer und liefen so weit sie konnten ins Meer. Wir winkten ihnen, die Bogen niederzulegen; viele liefen sofort an Land, es zu tun, andere kamen der Aufforderung nicht nach. (...)

An jenem Eilande, wo wir Messe und Predigt hielten, brandet das Meer und legt Sand und groben Kies bloß. Während unseres Aufenthaltes gingen einige auf die Suche nach Schalthieren, fanden aber nur einige dicke, kurze Krabben, unter ihnen eine so große und dicke, wie ich sie noch nie sah. Auch Schalen von Mollusken (Berbigoes) und Küchenmuscheln fanden sie, stießen jedoch auf kein vollständiges Stück. Nach dem Essen kamen alle Kapitäne auf Befehl des Führers zu uns an Bord. Er zog sich mit ihnen und mit mir zur Beratung zurück. Darauf fragte er uns alle, ob wir es für angebracht hielten, Ew. Hoheit durch das Vorratsschiff Nachricht von dem Auffinden dieses Landes zu geben, um es besser erforschen zu lassen und mehr von ihm erfahren zu können, als uns festzustellen möglich ist, da wir unsere Reise fortsetzen müssen. Mancherlei wurde über die Anwe-

legenheit ausgeführt, alle oder fast alle meinten jedoch, der Gedanke sei sehr gut. Und so wurde es beschlossen. Gleich nachdem der Entschluß gefaßt war, fragte der Kapitän weiter, ob es ratsam sei, sich einiger dieser Menschen mit Gewalt zu bemächtigen, um sie Ew. Hoheit zu schicken, und an ihrer Stelle hier weitere zwei der Verbannten zu lassen. Unsere Meinung ging dahin, dass es zwecklos sei, sich der Menschen mit Gewalt zu bemächtigen, denn es sei Brauch der mit Gewalt Entführten, zu bestätigen, es gäbe in ihrer Heimat alles, wonach man sie frage. Bessere und viel genauere Auskünfte über das Land würden später zwei hier zurückgelassene Verbannte geben können als jene, die ja niemand versteht. (...)

Da dies allen am besten dünkte, wurde es so beschlossen. Danach ordnete der Kapitän an, in den Booten an Land zu gehen, um den Fluss zu erkunden und auch um uns zu erholen. Wir führen in Booten zum Strand, bewaffnet; die Fahne führten wir mit. Die Wilden liefen am Ufer, an der Mündung des Flusses, dem wir zustrebten, auf und ab. Eh' wir jedoch anlegten, gedachten sie der vorangegangenen Lehre, entledigten sich der Bogen und winkten uns, an Land zu kommen. Sobald jedoch die Boote die Schnäbel in den Sand bohrten, verschwanden sie alle auf die andere Seite des Flusses, der nicht breiter ist als der Wurf des Mancal-Spielles. Gleich nachdem wir an Land sprangen, durchquerten einige der Unsrigen den Fluß und mischten sich unter die Eingeborenen. (...) Der Kapitän ließ sich da-

rauffin von zwei Männern durch den Fluß tragen und befahl allen zurückzukehren. Es waren heute nicht mehr Eingeborene als gewöhnlich herbeigeströmt. Gleich nachdem der Kapitän alle zurückgewiesen hatte, näherten sich ihm einige von ihnen, nicht, weil sie in ihm den Führer erkannten (mir scheint, dafür haben sie kein Verständnis), sondern weil unser Volk schon über den Fluss zurückging. (...)

Hier konnte man schmucke Männer sehen, schwarz und rot bemalt, Körper und Beine gewürfelt, und sie wirkten so sicher recht wohlgefällig. Unter ihnen befanden sich auch vier oder fünf junge Frauen, die, nackt wie sie, keinen schlechten Eindruck machten. Eine von ihnen hatte den einen Schenkel vom Knie bis zur Hüfte und Hinterbacken mit jener schwarzen Farbe bemalt; der übrige Teil zeigte die Körperfärbung. Wieder eine andere hatte beide Knie und Kniekehlen sowie die Fußrücken bemalt; sie trug die Schamteile völlig nackt und mit solcher Unschuld entblößt, daß

Woche	Januar	Februar	März	April	Mai	Juni	Juli	August
Montag	1 2 3 4 5	5 6 7 8 9	9 10 11 12 13	13 14 15 16 17 18	18 19 20 21 22	22 23 24 25 26	26 27 28 29 30 31	31
Dienstag	1 2 3 4 5	5 6 7 8 9	9 10 11 12 13	13 14 15 16 17 18	18 19 20 21 22	22 23 24 25 26	26 27 28 29 30 31	31
Mittwoch	1 2 3 4 5	5 6 7 8 9	9 10 11 12 13	13 14 15 16 17 18	18 19 20 21 22	22 23 24 25 26	26 27 28 29 30 31	31
Donnerstag	1 2 3 4 5	5 6 7 8 9	9 10 11 12 13	13 14 15 16 17 18	18 19 20 21 22	22 23 24 25 26	26 27 28 29 30 31	31
Freitag	1 2 3 4 5	5 6 7 8 9	9 10 11 12 13	13 14 15 16 17 18	18 19 20 21 22	22 23 24 25 26	26 27 28 29 30 31	31
Samstag	1 2 3 4 5	5 6 7 8 9	9 10 11 12 13	13 14 15 16 17 18	18 19 20 21 22	22 23 24 25 26	26 27 28 29 30 31	31
Sonntag	1 2 3 4 5	5 6 7 8 9	9 10 11 12 13	13 14 15 16 17 18	18 19 20 21 22	22 23 24 25 26	26 27 28 29 30 31	31

darin nicht die geringste Schamlosigkeit lag. Eine andere junge Frau trug ein Kind, durch ein Tuch (ich weiß nicht, woraus gefertigt) derart auf der Brust festgehalten, daß man von ihm nur die Beine sehen konnte. An den Beinen der Mutter jedoch oder an ihrem Körper befand sich nicht der geringste Tuchfetzen. (...)

Nachher untersuchten wir den Bach, der gutes und viel Wasser führte. An seinem Ufer stehen zahlreiche, nicht sehr hohe Palmen, die sehr guten Palmito bergen. Wir schlugen viele um und aßen davon. Darauf kehrte der Kapitän nach der Mündung des Flusses zurück, wo wir gelandet waren. Auf der anderen Seite spielten und tanzten viele Eingeborene, einer vor dem anderen, aber ohne sich bei den Händen zu fassen. Sie machten es sehr gut. Diogo Dias, der Rentmeister von Savavém war, ein scherzhafter und Späßen zugeneigter Mann, ging auf die andere Seite des Flusses und nahm einen unserer Flötisten mit seinem Dudelsack mit. Und er begann mit ihnen zu tanzen, sie bei den Händen fassend. Sie vergnügten sich und lachten und bewegten sich sehr artig mit ihm nach den Tönen des Dudelsacks. Nach dem Tanze zeigte er ihnen rasche Umdrehungen, Übungen am Boden und den Königssprung, worüber sie in Erstaunen gerieten, lachten und sich sehr ergötzen. Und während er sie so fesselte und ihnen schmeichelte, zeigten sie bald Unwillen wie Bergwild und zogen weiter flussabwärts. (...)

Es genügt, Ew. Hoheit zu sagen, daß sie bisher, obgleich ganz zahm, von einem Augenblick zum anderen sich misstrauisch zurückziehen wie Spatzen vor dem Vogelherd. Niemand wagt jedoch, ihnen streng zu begegnen, um sie nicht noch scheuer zu machen; in allem lassen wir ihnen vielmehr ihren Willen, um sie recht zu gewinnen. (...) Die anderen zwei, welche der Kapitän an Bord hatte und denen er, wie schon gesagt, Geschenke machte, erschienen nie mehr, woraus ich schließe, daß es ein rohes, unwissendes und deshalb so störrisches Volk ist. Bei alledem sind sie jedoch wohlgepflegt und sehr sauber. Das bestärkt mich noch mehr darin, daß sie wie Vögel oder Bergwild sind, denen die Luft bessere Federn und besseres Fell verleiht als den Haustieren; denn ihre Körper sind so sauber, so wohlgenährt und wohlgestaltet, wie sie nicht besser sein können. Das läßt mich vermuten, daß sie weder Häuser noch Wohnungen haben, wo sie Zuflucht suchen; die Luft, in der sie aufwachsen, macht sie so. Bisher haben wir wenigstens noch keine Wohnungen gesehen oder irgend etwas, das man damit vergleichen könnte. Der Kapitän schickte jenen Verbannten, Alfonso Ribeiro, abermals zu ihnen. Er ging und blieb eine gute Weile, aber nachmittags kam er zurück. Die Eingeborenen wollten ihn dort nicht dulden und hatten ihn zurückgeschickt. (...) Darauf kehrten wir bei schon angebrochenem Abend auf die Schiffe zur Nachtruhe zurück.

© Johannes Pögl (Hrsg.): Die reiche Fracht des Pedro Álvares Cabral. Stuttgart, Wien: Edition Erdmann in K. Thienemanns Verlag 1986.

MEMORAÇÃO Versão original trazia referências a injustiças do presente

Vaticano censura cantos e trechos da celebração

Lula Marques/Folha Imagem



Presidente FHC e o cardeal Angelo Sodano, do Vaticano

ARMANDO ANTENORE
enviado especial a Porto Seguro

O Vaticano vetou cantos e trechos da missa que vai celebrar hoje os 500 anos de evangelização do Brasil. As partes excluídas dariam à cerimônia um tom de crítica social bem mais contundente do que aquele que os fiéis irão presenciar esta manhã no município baiano de Santa Cruz Cabrália.

Tanto os cantos quanto os trechos estavam em sintonia com as posições do clero progressista brasileiro, que costuma adicionar análises políticas à retórica religiosa. A Folha apurou que os vetos partiram do próprio cardeal Angelo Sodano, secretário de Estado do Vaticano e segundo homem na hierarquia da Santa Sé. Ele quem presidirá a celebração.

Uma comissão criada pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) concebeu o primeiro roteiro da missa e o submeteu ao Vaticano. Teve de fazê-lo porque a cerimônia contará com a presença do cardeal Sodano, que chegou ontem ao país na condição de representante do papa João Paulo 2º. Diante dos vetos, a CNBB reelaborou o roteiro.

Muitos dos trechos cortados compunham o ato penitencial —o momento da missa em que o

clero pedirá perdão pelos erros cometidos contra negros e índios. A versão original, mais longa, falava não apenas do passado, mas também das injustiças do presente, e trazia períodos que a Santa Sé considerou agressivos.

Na versão definitiva, apenas uma frase irá se referir aos indígenas: "Senhor, te pedimos perdão pelos pecados cometidos contra nossos irmãos e, em particular, contra os índios, cujos direitos nem sempre foram respeitados".

O mesmo acontecerá com a comunidade negra: "Senhor, te pedimos perdão por não termos sempre respeitado a dignidade de filhos de Deus de nossos irmãos e irmãs negros".

Entre os cantos excluídos, dois compunham a liturgia típica das missas de comunidades progressistas: "O Pão Sofrido da Terra" e "Pão em Todas as Mesas". Outro cântico vetado é conhecido como "Glória das Comunidades".

O bispo d. Geraldo Lyrio Rocha, responsável pela comissão da CNBB que organiza a missa dos 500 anos, confirmou, sem dar detalhes, que o Vaticano "deu contribuições" ao roteiro.

"A CNBB acolheu todas as indicações apresentadas pela Secretaria de Estado do Vaticano numa atitude de sintonia e comunhão", afirmou. Disse que a igreja brasileira reconhece o "pleno direito" de Sodano fazer sugestões.



Cardeal celebrará missa

da Agência Folha,
em Porto Seguro

O secretário de Estado do Vaticano, o cardeal italiano Angelo Sodano, desembarcou no início da noite de ontem no aeroporto de Porto Seguro para celebrar a missa dos 500 anos do Brasil.

O cardeal ocupa o segundo cargo na hierarquia do Vaticano e foi escolhido pelo papa João Paulo 2º para representá-lo nas celebrações dos 500 anos.

Ontem à tarde o cardeal almoçou com o presidente Fernando Henrique Cardoso, no Palácio da Alvorada, e com os ministros Andrea Matarazzo, da Secretaria de Comunicação de Governo, Raul Jungmann, do Desenvolvimento Agrário, José Gregori, da Justiça, e Paulo Renato, da Educação.

Um coral de estudantes recebeu Sodano, que viajou de Brasília em um avião da Força Aérea brasileira. Crianças da cidade apresentaram o cardeal com uma cruz e um terço.

Após ser recebido pelo presidente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), d. Jayme Chemello, Sodano agradeceu as homenagens oferecidas a ele e convidou o público presente para a missa que será celebrada hoje de manhã em Santa Cruz Cabrália.

O prefeito de Porto Seguro, Ubaldo Pinto Jr. (PFL-BA), não compareceu à recepção do cardeal para entregar a chave da cidade a Sodano, como previa o cronograma da CNBB.

A ausência do prefeito obrigou o secretário estadual de Cultura, Paulo Gaudenzi, a improvisar um discurso. "As portas de Porto Seguro estão abertas para o cardeal e não há necessidade de chaves."

No avião que trouxe Sodano para Porto Seguro, também estavam d. Eugênio Sales (RJ) e d. José Falcão (DF), além do arcebispo d. Cláudio Hummes (SP).

O cardeal italiano Angelo Sodano é o secretário de Estado do Vaticano, que cuida das relações diplomáticas da Cúria Romana e representa o papa João Paulo 2º em compromissos no exterior.

Sodano foi núncio apostólico (embaixador do Vaticano) em Santiago do Chile de 1978 a 1988, durante a ditadura do general Augusto Pinochet. Em dezembro de 1990, foi nomeado secretário de Estado do Vaticano e, em maio de 1991, promovido a cardeal.

Mantém boas relações com o ex-ditador chileno, que o condecorou duas vezes. Em 1986, dias depois de três padres franceses ligados à oposição serem expulsos do país, ele rezou uma missa de Ação de Graças pelo aniversário do golpe militar de 1973.

Em 17 de fevereiro deste ano, Sodano defendeu a libertação de Pinochet, afirmando que o general chileno tinha "o direito de retornar à sua pátria".

Índia participa de missa hoje

do enviado especial

A igreja escolheu uma índia de 12 anos para fazer a primeira leitura bíblica da missa de hoje, um trecho dos Atos dos Apóstolos. A menina se chama Maniara, vive na comunidade pataxó de Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabrália (BA), cursa a sexta série de uma escola pública local e se diz católica.

Sente-se alegre com a tarefa que recebeu do clero: "Vou gostar de ler a palavra de Deus para o grande público". Seu avô, no entanto, ameaça impedi-la de participar da celebração. Conhecido como Remunganha, ele é um dos pajés de Coroa Vermelha. Afirma estar "revoltado" com "o massacre", referindo-se ao confronto de sábado.

"Aconteceu tudo de novo", disse. "Quinhentos anos atrás, os brancos chegaram aqui e massacraram os índios. Passaram mais 500 anos, e os índios apanharam outra vez. Ficarei triste se minha neta fizer parte da missa."

MEMORAÇÃO Versão original trazia referências a injustiças do presente

Vaticano censura cantos e trechos da celebração

Lula Marques/Folha Imagem



Presidente FHC e o cardeal Angelo Sodano, do Vaticano

ARMANDO ANTENORE
enviado especial a Porto Seguro

O Vaticano vetou cantos e trechos da missa que vai celebrar hoje os 500 anos de evangelização do Brasil. As partes excluídas dariam à cerimônia um tom de crítica social bem mais contundente do que aquele que os fiéis irão presenciar esta manhã no município baiano de Santa Cruz Cabrália.

Tanto os cantos quanto os trechos estavam em sintonia com as posições do clero progressista brasileiro, que costuma adicionar análises políticas à retórica religiosa. A Folha apurou que os vetos partiram do próprio cardeal Angelo Sodano, secretário de Estado do Vaticano e segundo homem na hierarquia da Santa Sé. Ele quem presidirá a celebração.

Uma comissão criada pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) concebeu o primeiro roteiro da missa e o submeteu ao Vaticano. Teve de fazê-lo porque a cerimônia contará com a presença do cardeal Sodano, que chegou ontem ao país na condição de representante do papa João Paulo 2º. Diante dos vetos, a CNBB reelaborou o roteiro.

Muitos dos trechos cortados compunham o ato penitencial —o momento da missa em que o

clero pedirá perdão pelos erros cometidos contra negros e índios. A versão original, mais longa, falava não apenas do passado, mas também das injustiças do presente, e trazia períodos que a Santa Sé considerou agressivos.

Na versão definitiva, apenas uma frase irá se referir aos indígenas: "Senhor, te pedimos perdão pelos pecados cometidos contra nossos irmãos e, em particular, contra os índios, cujos direitos nem sempre foram respeitados".

O mesmo acontecerá com a comunidade negra: "Senhor, te pedimos perdão por não termos sempre respeitado a dignidade de filhos de Deus de nossos irmãos e irmãs negros".

Entre os cantos excluídos, dois compunham a liturgia típica das missas de comunidades progressistas: "O Pão Sofrido da Terra" e "Pão em Todas as Mesas". Outro cântico vetado é conhecido como "Glória das Comunidades".

O bispo d. Geraldo Lyrio Rocha, responsável pela comissão da CNBB que organiza a missa dos 500 anos, confirmou, sem dar detalhes, que o Vaticano "deu contribuições" ao roteiro.

"A CNBB acolheu todas as indicações apresentadas pela Secretaria de Estado do Vaticano numa atitude de sintonia e comunhão", afirmou. Disse que a igreja brasileira reconhece o "pleno direito" de Sodano fazer sugestões.



isparen

Cardeal celebrará missa

da Agência Folha,
em Porto Seguro

O secretário de Estado do Vaticano, o cardeal italiano Angelo Sodano, desembarcou no início da noite de ontem no aeroporto de Porto Seguro para celebrar a missa dos 500 anos do Brasil.

O cardeal ocupa o segundo cargo na hierarquia do Vaticano e foi escolhido pelo papa João Paulo 2º para representá-lo nas celebrações dos 500 anos.

Ontem à tarde o cardeal almoçou com o presidente Fernando Henrique Cardoso, no Palácio da Alvorada, e com os ministros André Matarazzo, da Secretaria de Comunicação de Governo, Raul Jungmann, do Desenvolvimento Agrário, José Gregori, da Justiça, e Paulo Renato, da Educação.

Um coral de estudantes recebeu Sodano, que viajou de Brasília em um avião da Força Aérea brasileira. Crianças da cidade presentearam o cardeal com uma cruz e um terço.

Após ser recebido pelo presidente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), d. Jayme Chemello, Sodano agradeceu as homenagens oferecidas a ele e convidou o público presente para a missa que será celebrada hoje de manhã em Santa Cruz Cabralia.

O prefeito de Porto Seguro, Ubaldo Pinto Jr. (PFL-BA), não compareceu à recepção do car-

deal para entregar a chave da cidade a Sodano, como previa o cronograma da CNBB.

A ausência do prefeito obrigou o secretário estadual de Cultura, Paulo Gaudenzi, a improvisar um discurso. "As portas de Porto Seguro estão abertas para o cardeal e não há necessidade de chaves."

No avião que trouxe Sodano para Porto Seguro, também estavam d. Eugênio Sales (RJ) e d. José Falcão (DF), além do arcebispo d. Cláudio Hummes (SP).

O cardeal italiano Angelo Sodano é o secretário de Estado do Vaticano, que cuida das relações diplomáticas da Cúria Romana e representa o papa João Paulo 2º em compromissos no exterior.

Sodano foi núncio apostólico (embaixador do Vaticano) em Santiago do Chile de 1978 a 1988, durante a ditadura do general Augusto Pinochet. Em dezembro de 1990, foi nomeado secretário de Estado do Vaticano e, em maio de 1991, promovido a cardeal.

Mantém boas relações com o ex-ditador chileno, que o condecorou duas vezes. Em 1986, dias depois de três padres franceses ligados à oposição serem expulsos do país, ele rezou uma missa de Ação de Graças pelo aniversário do golpe militar de 1973.

Em 17 de fevereiro deste ano, Sodano defendeu a libertação de Pinochet, afirmando que o general chileno tinha "o direito de retornar à sua pátria".

Índia participa de missa hoje

do enviado especial

A igreja escolheu uma índia de 12 anos para fazer a primeira leitura bíblica da missa de hoje, um trecho dos Atos dos Apóstolos. A menina se chama Maniara, vive na comunidade pataxó de Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabralia (BA), cursa a sexta série de uma escola pública local e se diz católica.

Sente-se alegre com a tarefa que recebeu do clero: "Vou gostar de ler a palavra de Deus para o grande público". Seu avô, no entanto, ameaça impedi-la de participar da celebração. Conhecido como Remunganha, ele é um dos pajés de Coroa Vermelha. Afirma estar "revoltado" com "o massacre", referindo-se ao confronto de sábado.

"Aconteceu tudo de novo", disse. "Quinhentos anos atrás, os brancos chegaram aqui e massacraram os índios. Passaram mais 500 anos, e os índios apanharam outra vez. Ficarei triste se minha neta fizer parte da missa."

TRECHOS

"A mesa tão grande
zia de amor e de paz
de há o luxo de algo
alegria não há já
mesa da Eucaristia
quer ensinar que a
de Deus, nosso pai,
pão partilhar."

Da música "Pão em todas as partes"

"As forças da morte,
justiça e a ganância
ter, agindo naqueles
impedem ao pobre
Sem terra, trabalho
mida, a vida não há
Quem deixa assim
age, a festa não vai
brar."

Idem

MEMORAÇÃO Evento durará 1h30min e terá presença de Daniela Mercury

CNBB quer impedir que missa vire manifestação

ATRICIA ZORZAN
enviada especial a Porto Seguro

A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) quer impedir que sejam realizadas manifestações durante a celebração da missa dos 500 anos de evangelização, hoje na praia de Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabralia, a aproximadamente 10 km de Porto Seguro.

O ambiente da celebração será sereno (em relação ao dia 22). As pessoas estão lá para rezar e não para se manifestar. Não se espera manifestações. Por isso, as manifestações serão impedidas. É uma questão de respeito", afirmou ontem, em Porto Seguro, o secretário-geral da CNBB, d. Raymundo Damasceno.

A operação de segurança do local será comandada pelo coronel Wellington Müller, o mesmo responsável pela vigilância da comemoração do Descobrimento, no último sábado, que terminou com 141 manifestantes presos e pelo menos 30 feridos levemente.

"Recomendamos a facilidade de acesso do povo ao lugar. Se houvermos de ações violentas, as colocaremos contra", declarou dom Damasceno.

A CNBB não pode interferir na segurança. Isso compete à Polícia Militar. Não há sintomas de manifestações, mas, se houver possibilidade de perturbação do am-

biente, teremos de atuar", disse o tenente-coronel Cristovam Pinheiro, assessor de comunicação do comando-geral da PM.

Segundo Pinheiro, 500 homens estarão envolvidos no esquema de segurança do local. Desse total, cerca de cem fazem parte do batalhão de choque.

"Eles estarão aquartelados, armados e em condições de serem acionados, caso haja necessidade. Os demais usarão apenas cassetetes. Mas não há expectativa de tumulto. Não fizemos barreiras e todos poderão vir. No dia 22 isso foi feito porque, se os manifestantes tivessem entrado em Porto Seguro, não haveria solenidade."

Por parte da CNBB, de acordo com d. Damasceno, não haverá restrições de público. "Índios e sem-terra serão bem-vindos", afirmou o bispo.

O secretário-geral da entidade disse ainda "lamentar" o confronto entre índios e policiais militares no último sábado.

"Lamentamos e repudiamos o que houve. Rejeitamos toda ação violenta. Faltou ter aproveitado esse momento para um encontro amigável entre as autoridades e as lideranças indígenas", declarou.

Organização

A celebração de hoje, em comemoração aos 500 anos de realização da Primeira Missa no Brasil, será presidida pelo secretário de Estado do Vaticano, cardeal Angelo Sodano, segundo homem cúria romana e representante do pa-

pa no evento.

Com duração prevista de uma hora e 30 minutos, a missa contará com a participação de índios e negros e será co-celebrada por bispos brasileiros. Daniela Mercury interpretará "Ave Maria no Morro", de Herivelto Martins.

Além de 350 bispos e 2.000 padres, também foram convidados para a cerimônia 17 representantes de igrejas de países como Itália, Canadá, Alemanha, Estados Unidos, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Timor Leste e Portugal, entre outros.

Em um altar de 250 metros quadrados foi montada uma cruz cenográfica de resina de 13 metros de altura. A cruz, assim como toda a infra-estrutura do evento, foi preparada pela Rede Globo.

A estimativa dos organizadores da cerimônia é que entre 50 mil e cem mil pessoas participem da cerimônia, com início previsto para as 9h.

Uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, e uma réplica benzida pelo papa João Paulo 2º da cruz da primeira missa farão parte do evento.

A cruz original, feita de ferro em Portugal e trazida por frades que acompanhavam Pedro Álvares Cabral ao Brasil, encontra-se hoje na catedral da Sé de Braga (Portugal). A CNBB não conseguiu autorização dos portugueses para trazê-la para a missa.

NA TV - Globo, Bandeirantes e Rede Vida, ao vivo, às 9h

Primeira Missa foi na Páscoa

da Redação

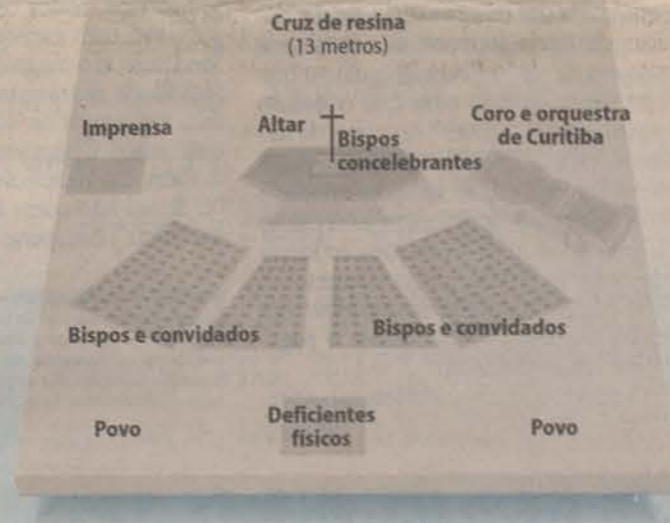
O dia 26 de abril de 1500 era um domingo de Páscoa. Pela manhã, Pedro Álvares Cabral, que havia atingido o litoral do novo território em 22 de abril, determinou que fosse rezada uma missa. O local escolhido foi um ilhéu, onde foi armado um altar.

Segundo o escrivão da esquadra de Cabral, Pero Vaz de Caminha, a missa foi rezada por frei Henrique Soares. Acabada a celebração, o padre subiu em uma cadeira alta e pregou a história do Evangelho. Para terminar, falou sobre o descobrimento da nova terra.

Caminha escreveu que enquanto os portugueses assistiam a pregação, havia na praia uma grande quantidade de índios sentados.

Ao final, muitos deles levantaram e começaram a saltar, dançar e a tocar buzinas. Cabral ordenou que seus barcos passassem ao largo dos índios, próximo à praia, antes de voltar para as naus.

Como será a missa dos 500 anos



A programação

- 7h - Recepção das caravanas
- 8h - Entronização da Imagem de Nossa Senhora
- 8h30 - Shows e coreografias - apresentação das bandeiras dos Estados
- 9h40 - Condução da Imagem da santa para a capela em Coroa Vermelha
- 10h - Missa de ação de graças pelos 500 anos de Evangelização do Brasil

Após a procissão de entrada serão entronizadas a Santa Cruz do Brasil e a imagem de N. Sra. Aparecida

- 12:00 h - Show com bandas católicas e cantores ligados à Igreja
- 16:00 h - Peça teatral reconstituindo o Descobrimento e a primeira missa, com atores de Santa Cruz Cabralia
- 20:00 h - Abertura da 38ª assembleia geral da CNBB, no Centro de Convenções

Assembléia da CNBB terá participação ecumênica

da enviada especial

A 38ª Assembléia Geral dos Bispos do Brasil, que começa hoje em Porto Seguro, terá a participação de representantes de religiões afro-brasileiras, evangélicas, indígenas, budistas e do judaísmo.

"Isso mostra que estamos abertos a todos", declarou ontem o secretário-geral da entidade, d. Raymundo Damasceno.

O encontro inter-religioso acontecerá no dia 29 e contará, entre outros, com a presença da

mãe-de-santo Carmosina, de Ilhéus.

A conferência de bispos será aberta hoje com a celebração da missa pelos 500 Anos de Evangelização no Brasil.

Pela primeira vez, em aproximadamente 30 anos, o encontro acontecerá fora do distrito de Itaiaci, em Indaiatuba, cidade próxima a Campinas.

"Queríamos dar um acento religioso e evangelizador às comemorações dos 500 anos, quando celebramos 500 anos de fé e de

evangelização no país", disse d. Damasceno.

No país para a missa, o cardeal Ângelo Sodano, segundo homem na hierarquia do Vaticano e representante do papa João Paulo 2º no evento, será homenageado pelos bispos brasileiros reunidos durante a conferência com a apresentação de grupos de danças típicas.

O tema central da reunião será os 500 anos do Descobrimento. Serão feitas ainda considerações históricas sobre o presente e o fu-

turo do país.

Outra novidade do encontro será uma visita organizada dos bispos a comunidades indígenas e moradores de favelas da região. Conforme o secretário-geral da CNBB, foram selecionados 21 representantes locais, entre áreas históricas, turísticas e de concentração de pobreza.

A assembleia será encerrada no dia 3, com a apresentação de um documento —batizado provisoriamente de Carta de Santa Cruz Cabralia e Porto Seguro.

Seite 16 / Donnerstag, 27. April 2000, Nr. 98 FAX

Deutschland

Der Brief des Pêro Vaz de Caminha über die Entdeckung Brasiliens (4)

„Sie umarmten uns und vergnügten sich“

Am Montag (27. April), nach dem Essen, gingen wir alle an Land, um Wasser zu nehmen. Es kamen viele Eingeborene, aber nicht so viele wie früher. Sehr wenige schon trugen Bogen und hielten sich zuerst etwas entfernt von uns, mengten sich aber nach und nach unter uns, umarmten uns und vergnügten sich. Manche zogen sich aber doch bald scheu zurück. Einige gaben uns mehrere Bogen für Papierblätter, alte Mützen oder sonstiges. Die Freundschaft gedieh bald so weit, daß gut zwanzig oder dreißig der Unsrigen sie in ihr Dorf begleiteten, wo viele andere sowie Frauen und Mädchen waren. Von dort brachten sie viele Bogen und Kopfschmuck von grünen oder gelben Vogelfedern mit (...). Die Besucher waren nach ihrer Aussage mit ihnen recht lustig. An diesem Tage konnten wir sie mehr nach Belieben und aus der Nähe betrachten, da wir bunt durcheinander gemischt wa-

ren. Sie liefen umher, gänzlich bunt gewürfelt bemalt, andere nur zur Hälfte, wieder andere farbig wie Raschstoff, alle mit durchbohrten Lippen, viele mit dem Pflock darin, andere ohne ihn. Einige trugen stachelige, grüne Baumfrüchte; nach der Farbe konnte man, obwohl kleiner als diese, auf Kastanien schließen. Sie waren angefüllt mit kleinen, roten Körnern, aus denen, wenn man sie zwischen den Fingern zerdrückte, jene rote Tinte hervorquoll, mit der sie sich bemalen. Je mehr sie ihre Körper benetzten, desto röter erschien diese Farbe.

Alle waren bis über die Ohren geschnitten, selbst Augenbrauen und Wimpern. Die Stirn war bei allen von Schläfe zu Schläfe schwarz gefärbt, so daß diese wie ein schwarzer Streifen von zwei Fingern Breite erschien. Der Kapitän befahl jenem Verbannten, Alfonso Ribeiro, und noch zwei anderen Verbannten, sich un-

ter sie zu mischen, ebenso Diogo Dias, weil er ein lustiger Mann war, mit dem sie sich gern vergnügten. Den Verbannten trug er auf, die Nacht bei den Eingeborenen zu verbringen. Sie gingen mit ihnen und hielten sich unter ihnen auf. Wie sie später berichteten, kamen sie nach gut einer und einer halben Meile an ein Dorf, in dem es neun oder zehn Häuser gab, von denen jedes einzelne so lang wie dieses unser Führerschiff war. Aus Holz gebaut, die Seiten von Brettern, ein Stroh bedeckt und von ziemlicher Höhe, bildeten sie einen einzigen Raum, ohne irgendwelche Zwischenteilung. Lediglich zahlreiche Pfosten waren vorhanden, und von Pfosten zu Pfosten waren recht hoch Hängematten gespannt, in denen sie schliefen. Darunter, sich zu wärmen, unterhielten sie Feuer.

Jedes Haus hatte an zwei entgegengesetzten Seiten je eine niedrige Tür. In je-

der Hütte hielten sich dreißig bis vierzig Menschen auf. Sie erhielten von ihren Speisen, vor allem Inham und andere Wurzeln, die es im Land gibt und die sie essen. Als es jedoch Abend wurde, wollten sie nicht einen der Unseren länger dort dulden und schickten sie fort. Man wollte sie sogar noch begleiten. Gegen Schellen und andere Säckelchen von wenig Wert erhandelten unsere Leute rote, sehr große und hübsche Papageien (und zwei kleine grüne), Kopfschmuck aus grünen und ein sehr hübsches Gewebe aus vielfarbigen Federn. Ew. Hoheit werden all diese Sachen selbst prüfen können, da sie der Kapitän, wie er sagte, Ew. Hoheit schicken wird. Mit diesen Nachrichten kamen sie an, und wir begaben uns auf die Schiffe zurück.

© Johannes Pögl (Hrsg.): Die reiche Fracht des Pedro Álvares Cabral. Stuttgart, Wien: Edition Erdmann in K. Thienemanns Verlag 1986.



Daniel Guimarães/Folha Imagem

Aberta mostra dos 500 para o público

A aposentada portuguesa Maria Loureiro (foto), 75, se curva para ler a identificação do quadro "Vista da Cidade do Rio de Janeiro", de August Müller, exposto no módulo "Arte do Século 19", da Mostra do Redescobrimento. A exposição foi aberta ontem para o público. Apesar de algumas obras estarem protegidas, outras continuam expostas ao sol

Januar	1	2	3	4	5
Montag	1	8	15	22	29
Dienstag	2	9	16	23	30
Mittwoch	3	10	17	24	31
Donnerstag	4	11	18	25	
Freitag	5	12	19	26	
Sonntag	6	13	20	27	
Sonntag	7	14	21	28	

„Zwischen den Bäumen flogen Papageien“

Am Dienstag (28. April), nach dem Essen, gingen wir an Land, den Holzschlägern Schutz zu geben und Wäsche zu waschen. Als wir ankamen, hielten sich am Strande gegen sechzig oder siebzig Wilde auf, ohne Bogen oder sonst eine Waffe. Gleich nach unserer Ankunft liefen sie ohne Scheu auf uns zu. Nachher strömten noch viele herbei, wohl gut zweihundert, alle ohne Bogen. So unbekümmert mischten sie sich unter uns, dass einige uns halfen, Holz zu schleppen und in die Boote zu laden. Sie balgten mit unseren Leuten und vergnügten sich sehr.

Während wir Holz schlugen, fertigten zwei Zimmerleute aus einem Stamm, der gestern zu diesem Zwecke gefällt worden war, ein großes Kreuz an. Viele von ihnen sahen den Zimmerleuten dabei zu. Ich glaube, sie taten es eher, um das eiserne Werkzeug zu betrachten, mit dem es bearbeitet wurde, als um das

Kreuz zu sehen: Denn sie besitzen nichts Eisernes und schneiden Holz und Stämme mit keilförmigen, in Holzstiele geklemmten Steinen, die so gut verschnürt sind, dass sie halten, wie die Männer erzählten, die gestern in ihren Wohnungen waren. Sie bewegten sich schon so frei unter uns, dass sie uns fast bei der Arbeit störten.

Der Kapitän befahl zwei Verbannten und Diogo Dias, in das benachbarte und auch in andere Dörfer zu gehen, wenn sie von welchen hören sollten, und unter keinen Umständen zum Schlafen auf die Schiffe zurückzukehren, selbst wenn sie weggeschickt werden sollten. Und damit zogen sie ab.

Während wir im Walde Holz schlugen, flogen zwischen den Bäumen einige Papageien, grün einige, braun andere, große und kleine, so dass es mir viele in diesem Lande zu geben scheint. Immerhin sah ich nicht mehr als höchstens

neun oder zehn. Andere Vögel sahen wir nicht, von einigen Seixas-Tauben abgesehen, welche mir viel größer erschienen als die in Portugal. Einige wollten Turteltauben gesehen haben, ich jedoch bemerkte keine. Aber da die Wälder sehr ausgedehnt, groß und verschiedenartig sind, zweifle ich daran nicht, dass es im Innern viele Vögel gibt. Gegen Abend brachten wir das Holz auf die Schiffe.

Ich glaube, Herr, die Beschaffenheit ihrer Bogen und Pfeile Ew. Hoheit noch nicht beschrieben zu haben. Die Bogen sind schwarz und lang, die Pfeile ebenfalls lang, ihre Spitzen bestehen aus zugespitztem Rohr, wie Ew. Hoheit selbst an einigen werden feststellen können, die, wie ich annehme, der Kapitän schicken wird.

© Johannes Pögl (Hrsg.): Die reiche Fracht des Pedro Álvares Cabral. Stuttgart, Wien: Edition Erdmann in K. Thienemanns Verlag 1986.

FAZ 28.4.00



	Januar							Februar							März							April							Mai											
Woche	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	1	2	3	4	5	6			
Montag																																								
Dienstag																																								
Mittwoch																																								
Donnerstag																																								
Freitag																																								
Samstag																																								
Sonntag																																								

A arte salva os 500

JOSÉ SARNEY

28.4.00

Leio em Sábado: "Todos os homens necessitam de um chão e de um lar. Não podem viver sem pátria". Ou, como queria Unamuno, sem "mátria", mãe e pátria, verdadeiro fundamento da existência". Pelo que vi sobre os festejos dos 500 anos, estamos com uma grande dívida de civismo e de amor ao Brasil, agredido sem defesa. Mas eu tenho orgulho e gosto dele, fiquei chocado com tudo que aconteceu, os insultos e os incidentes.

Partiu-se de inverdades históricas, que foram do absurdo de dizer que nossa expansão foi feita com o extermínio dos índios até um IBGE de 1500, mais preciso do que o censo atual, contando 5 milhões! A questão indígena não é a de 1500, é a de 2000, na qual não conseguimos formular uma política capaz de conjugar a preservação da cultura indígena e do habitat com a invasão da civilização moderna, baseada em outros valores.

Os índios pré-cabralinos sobreviveram. Se eram 5 milhões, hoje são 100 milhões. A maior descoberta do século 20 foi o DNA, pelo qual pode se percorrer o caminho da evolução das espécies. Basta ver o rosto da mestiçagem nas próprias lideranças indígenas. Uma pesquisa científica recente, com o estudo do DNA da população brasileira, comprovou que 70% do nosso povo tem sangue índio, branco e negro. Nos primeiros séculos eram

portugueses, ingleses, holandeses. Hoje, ano 2000, temos o brasileiro, miscigenado ao longo dos séculos, uma raça de que nos orgulhamos, um país mestiço, da convivência, sem guetos raciais: o brasileiro cordial de Sérgio Buarque de Holanda, com identidade cultural.

A festa dos 500 anos foi salva pelo povo, no Carnaval, quando o Brasil inteiro, na explosão da alegria popular mais pura, comemorou o gosto de ser brasileiro. Agora, a Mostra do Redescobrimto, inaugurada em São Paulo, iniciativa fantástica, diz do que fomos capazes de fazer no terreno definitivo da cultura. Ali podemos ver como era a primeira brasileira, Luzia, esses ossos de 10 mil anos, e os que andaram nas cavernas milenares e deixaram as pinturas rupestres, a maravilha da cerâmica de Santarém, de 5.000 anos, e uma magistral síntese da cultura brasileira nestes 500 anos, na arte dos índios, dos pretos, dos viajantes e de nossos artistas de todos os tempos.

Uma das peças mais bonitas, que faz o bicho homem ser criatura de Deus, é um adorno de cabeça dos índios urubu-kaapos, que se completa num labrete, peça de cinco penas, material delicado de cipós e mãos, mas uma obra de arte extraordinária, na beleza das cores e transcendências das formas.

A Mostra do Redescobrimto fica como o que de mais importante se fez neste século para uma visão do Brasil. A cada metro quadrado está um pedaço genial deste grande país, pelo que ele produziu e inspirou de mais alto. Percorrê-la é andar num caminho de beleza que se transporta para dentro de nós.

A mostra passa a ser a verdadeira comemoração dos 500 anos, homenagem ao Brasil, que tem homens como Edemar Cid Ferreira, o grande mecenas da cultura brasileira, que a concebeu e organizou, acolitado por colaboradores como Pedro Paulo Madeira e tantos outros, sob o patrocínio do empresariado nacional, redimido de sua alienação cultural.

José Sarney escreve às sextas-feiras nesta coluna.

54 52 - 43 57

STR. 15
TTINGEN

54 52 / 23 58

MISSA Durante ato penitencial, dom José Edson acusa a

Bispo pede perdão a

ARMANDO ANTENORE
PATRICIA ZORZAN
enviados especiais a Porto Seguro

O bispo da diocese de Eunápolis (BA), dom José Edson Santana Oliveira, pediu perdão ontem ao cardeal italiano Angelo Sodano pelo protesto do índio Matalauê durante a missa dos 500 anos de evangelização do Brasil.

"Aproveito o momento de público, se a CNBB não o fizer, (para pedir perdão) pela ofensa por terem usado o irmão índio para dizer palavras grossas na celebração. Usaram (o índio) e não foi a nossa diocese. Pedimos perdão humildemente a Vossa Eminên-



cia e a toda a igreja", declarou dom José Edson, durante missa presidida pelo cardeal ontem em Porto Seguro.

O pataxó Jerry Adriani Santos de Jesus, 24, mais conhecido como Matalauê, invadiu antontem a celebração dos 500 anos, rezada por Sodano, secretário de Estado do Vaticano e segundo homem na hierarquia da igreja.

Acompanhado de cerca de 40 índios carregando uma faixa preta em sinal de luto simbólico, o índio pataxó protestou contra o tratamento dado às populações indígenas no país. O gesto inesperado causou constrangimento à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) porque fugiu da programação previamente aprovada pela Santa Sé.

O Vaticano pretendia que a missa tivesse um caráter pouco político e não programou pronunciamentos de negros e índios ao longo da cerimônia.

Desabafo

As desculpas de dom José Edson foram transmitidas durante o ato penitencial — momento da missa em que celebrante e fiéis pedem perdão por seus erros.

Aproximadamente 50 pessoas assistiram ao desabafo, na Igreja Nossa Senhora do Brasil, centro de Porto Seguro.

O cardeal ouviu de cabeça baixa o pronunciamento de dom José Edson, e só se referiu a ele mais tarde, na homilia. "Agradeço ao senhor bispo pelas palavras no começo da santa missa."

DE S. PAULO

sexta-feira, 28 de abril de 2000 brasil 1 ■ 7

CNBB de usar pataxó para "dizer palavras grossas"

cardeal por índio

"Não acho que houve ofensa ao cardeal. Não houve referências diretas à igreja, mas o protesto pode ter causado um constrangimento por não ter sido previsto", declarou dom Raymundo Damasceno, secretário-geral da CNBB.

Segundo ele, a entidade ainda não discutiu sobre uma eventual necessidade de pedir perdão ao Vaticano pelo episódio ocorrido na missa.

"Não temos posição a esse respeito. Aquela cena foi imprevista. Pensávamos que ocorreria antes da celebração. Diante da presença dos índios, o melhor foi deixá-los se manifestar", completou o bispo.

Dom José Edson comandou o grupo da diocese de Eunápolis que, em parceria com uma comi-

são da CNBB, organizou o roteiro da missa dos 500 anos de evangelização do Brasil.

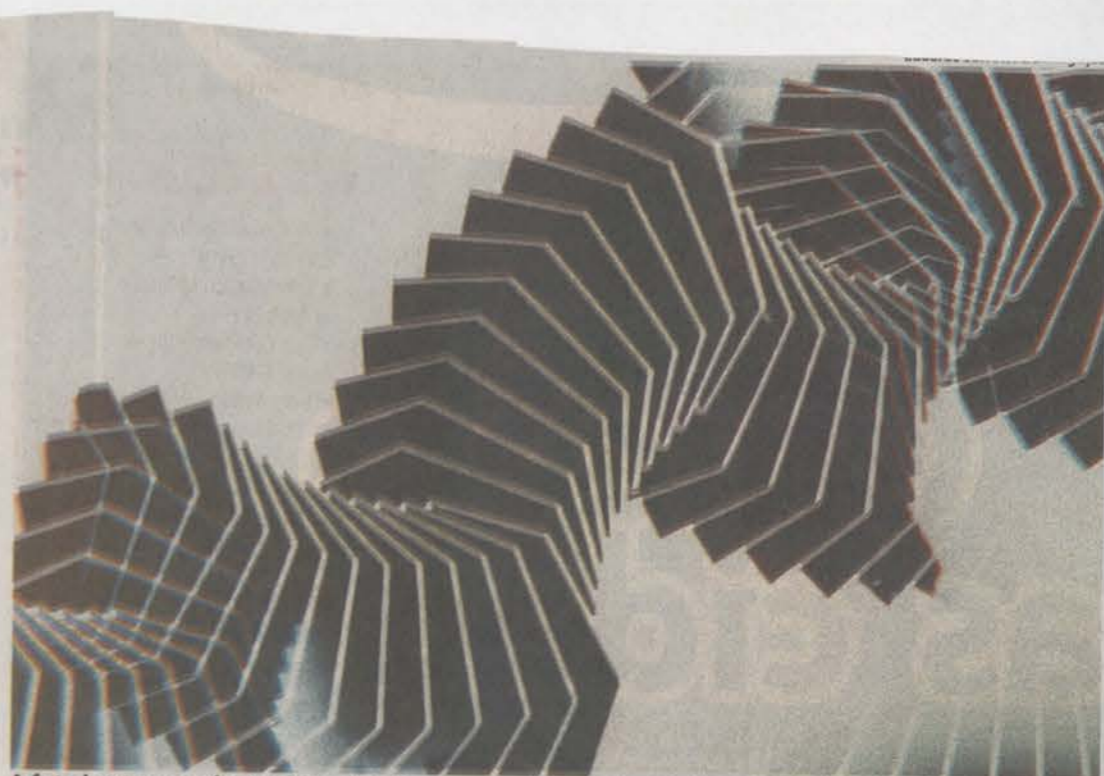
De posição mais conservadora e afinada com o Vaticano, a equipe do bispo defendia uma celebração sem muitas críticas sociais — posição inversa à do grupo ligado à CNBB.

Harmonia

O presidente do Cimi (Conselho Indigenista Missionário), dom

Franco Masserdotti, considerou ontem o protesto de Matalauê como "um importante desabafo". "Ele soltou uma voz presa na garganta. No conjunto da missa, foi a mensagem que se diferenciou muito das comemorações oficiais. Pelos aplausos recebidos, acho que expressou o pensamento dos bispos."

Na avaliação de dom Masserdotti, não se pode dizer que exista "harmonia racial" no Brasil.



A foto integra a coleção do fotógrafo, que ajudou a construir a moderna fotografia brasileira

500 ANOS *Boston homenageia o Brasil com evento de fotos e MPB*

Exposição é inaugurada hoje na biblioteca pública da cidade

free-lance para a Folha ^{28.4.00}
O Consulado do Brasil em Boston (Estados Unidos) inaugura hoje um grande evento na biblioteca pública da cidade, homenageando os 500 anos do país com a apresentação de fotografias e MPB.

A exposição, batizada de "Brazil 500 Years", mostrará a produção fotográfica de artistas contemporâneos.

Participam os fotógrafos Rogério Reis, Vilma Slomp, Cassio Vasconcellos e Anna Bella Geiger. Um dos destaques é o trabalho

de Slomp, que mistura imagens e poesias, criando, como ela diz, "devaneios plásticos", ao retratar flores e espinhos.

Anna Bella Geiger é artista plástica e já participou de mostras coletivas e individuais.

É uma artista consagrada, de trajetória que começou no final dos anos 50 e que vem atravessando décadas de inventividade, como agora, trabalhando com fotografia.

A MPB terá três apresentações, com a participação de artistas brasileiros que residem em Massachusetts, como a cantora

Yvanna Veras e os violonistas Moisés Mendes e Carlos Rocha.

Ainda serão disputadas partidas de futebol de salão dentro do torneio em que competirão seis times, representando as comunidades brasileiras locais.

(AMG)

Evento: Brazil 500 Years
Quando: hoje, às 18h; de seg. a quin., das 9h às 21h; sáb., das 9h às 17h. Até 7 de maio
Onde: Biblioteca Pública de Boston (700 Boylston Street, Copley Square, Boston, MA, tel. 00/xx/1/617/536-5400)
Quanto: entrada franca

tugal mostras que apresentassem o Brasil que seria mais interessante para os portugueses, aquele que mais poderia espantá-los hoje, assim como aconteceu entre os séculos 16 e 19", disse Reis Miranda à Folha em visita recente ao Brasil. O curador e historiador português possui relação intensa com o Brasil, pois fez licenciatura, mestrado e doutoramento em história na USP.

"Olhares Modernistas" é sobre o período em que se acentuaram os esforços de emancipação cultural e estética do Brasil, a partir da Semana de 22. Foi nesse período que aconteceu um resgate de aspectos culturais no país, como a presença negra e indígena em sua formação", complementou.

Serão apresentadas cerca de 90 obras, dispostas em quatro segmentos temáticos. O segmento Princípios destaca obras de Anita Malfatti e Brecheret. A seguir, em "A Explosão Tropical", estão Tarsila do Amaral e Lasar Segall, em que se destacam a explosão das cores e de motivos ligados à natureza brasileira. Um destaque do

terceiro segmento, Urbanidades, é a obra "Chorinho", da década de 40, de Portinari, que pertence ao museu do Chiado. O segmento que fecha a mostra é "Reinvenção da História", que além de obras de fundo histórico, como de Portinari, exibe ainda livros clássicos, como "Casa-Grande & Senzala", de Gilberto Freyre.

A seleção das obras é bastante acurada. De Tarsila do Amaral, por exemplo, apresenta desenhos, pastéis e quatro telas, algumas pouco vistas no Brasil, como "La Gare" (1925) e "Morro da Favela" (1924). De Lasar Segall, são 25 obras, entre desenhos, gravuras e uma tela ("Bananal", um clássico do acervo da Pinacoteca do Estado de SP).

"Esse ciclo de exposições é uma oportunidade para que os dois povos olhem com um pouco mais de atenção para a sua história recente e para as suas culturas de uma maneira mais intensa", disse o curador Reis Miranda. "Olhares Modernistas" fica em cartaz em Lisboa até 28 de junho.

(CELSO FIORAVANTE)

Der Brief des Pêro Vaz de Caminha über Brasilien (6 und Schluss)

„Jedes Gepräge ist ihnen aufzudrücken“

Am Mittwoch (29. April) gingen wir nicht an Land, weil der Kapitän sich den ganzen Tag im Vorratsschiff aufhielt, um es leeren und die Ladung auf die einzelnen Schiffe verteilen zu lassen. (...) An diesem Tage ereignete sich nichts weiter, das sich zu schreiben lohnte.

Am Donnerstag, dem letzten Tag im April, aßen wir sehr früh, fast gegen Morgen, und gingen an Land, noch mehr Holz und Wasser aufzunehmen. Als der Kapitän gerade von Bord gehen wollte, kam Sancho de Tovar mit seinen beiden Gästen. Da er noch nicht gegessen hatte, wurde ihm der Tisch gedeckt und wurden Speisen gebracht. Von den Gästen bekam jeder einen Stuhl. Von allem, was man ihnen reichte, aßen sie mit Vergnügen, besonders gekochten kalten Schinken und Reis. Wein wurde ihnen keiner angeboten, da Sancho de Tovar meinte, sie tränken ihn nicht gern. (...)

Als wir das Boot verließen, meinte der Kapitän, es sei angebracht, sofort zu dem in der Nähe des Flusses an einen Baum gelehnten Kreuze zu gehen, das morgen, Freitag, aufgerichtet werden soll, bei ihm alle niederzuknien und es zu küssen, damit die Eingeborenen die Verehrung wahrnehmen könnten, die wir ihm entgegenbringen. Und so geschah es. Den zehn oder zwölf Wilden, die sich in der Nähe befanden, wurde bedeutet, das Gleiche zu tun. Sofort kamen alle und küssten das Kreuz.

Diese Menschen erscheinen mir von einer solchen Unberührtheit, dass sie, wenn wir ihre und sie unsere Sprache verstünden, bald Christen würden, um so eher, da sie, wie es den Anschein hat, keinen Glauben haben noch etwas von einem solchen wissen. Wenn deshalb die Verbannten, die hier bleiben werden, gut ihre Sprache lernen und sie verstehen, dann werden sie bald – ich zweifle nicht daran – nach der frommen Absicht Ew. Hoheit Christen werden und unseren heiligen Glauben annehmen, wozu des Herrn Wille sie führen möge; denn dieses Volk ist gut und von einer schönen Einfalt. Leicht wird ihnen jedes Gepräge aufzudrücken sein, das man ihnen geben will. Und da der Herr, der ihnen gute Körper und gute Gesichter wie richtigen Menschen gab, uns nach hier führte, war es, glaube ich, nicht ohne Absicht.

Ew. Hoheit, so sehr bemüht, den heiligen katholischen Glauben zu verbreiten, werden sich deshalb auch ihrer Rettung annehmen. Und Gott gebe, dass es mit geringer Mühe gelingen möge!

Sie pflanzen nicht und ziehen auch kein Vieh auf. Es gibt hier weder Rinder noch Ziegen noch Schafe noch Hühner oder irgendein an das Zusammenleben mit dem Menschen gewöhntes Tier. Sie leben nur von jenen Inhameknollen, von denen es hier viele gibt, und von den Samen und den Früchten, die Erde und Bäume von selbst spenden. Und dabei sind sie viel stärker und viel wohlgenährter als wir trotz Weizen und Gemüse.

Zu den Klängen einer unserer Trommeln tanzten und sprangen sie an diesem Tage stets mit unseren Leuten umher, derart, dass sie schon mehr unsere als wir ihre Freunde sind. Wenn wir sie durch Zeichen befragten, ob sie auf die Schiffe wollten, erklärten sie sich gleich dazu bereit, so dass sie alle gekommen wären, wenn wir sie aufgefordert hätten. Wir nahmen jedoch in dieser Nacht nicht mehr als vier oder fünf mit an Bord, und zwar der Kapitän zwei, Simão de Miranda einen als Diener und Aires Gomes einen anderen ebenfalls als Diener. Unter den beiden des Kapitäns befand sich einer jener Gäste, die man ihm brachte, als wir hier ankamen. Er trug das ihm damals geschenkte Hemd; mit ihm kam einer seiner Brüder. Sie wurden diese Nacht sehr gut bewirtet, sowohl mit Speisen als auch mit Betten, mit Matratzen und Betttüchern, um sie noch freundlicher zu stimmen.

Und heute, am Freitag, dem ersten Tag des Mai, gingen wir gegen Morgen mit unserer Fahne an Land. Wir landeten oberhalb des Flusses, nach Süden zu, wo es uns günstiger schien, das Kreuz aufzurichten, da es dort besser gesehen werden kann. Hier bezeichnete der Kapitän die Stelle, wo das Loch gegraben werden sollte, um es einzusetzen. Während es ausgeworfen wurde, ging er mit uns allen flussabwärts zum Kreuz. Mit den singenden Geistlichen und Priestern an der Spitze trugen wir es von dort im Prozessionszuge fort. (...) Nachdem das Kreuz erhöht war, an das wir vorher Ew. Hoheit Wappen und Spruch geschlagen, errichteten wir zu seinen Füßen einen Altar. Hier las der Pater Frei Henrique die Messe, bei der die schon erwähnten Geistlichen sangen und bedienten. Bei uns befanden sich fünfzig oder sechzig Eingeborene, kniend wie wir alle. Als wir an das Evangelium kamen und uns alle mit emporgestreckten Händen aufrichteten, taten sie es mit uns, erhoben die Hände und blieben so bis gegen Ende, um sich

dann wieder mit uns zu setzen. Als wir Gott dankten und uns hinknieten, taten sie wie wir und verhielten sich mit erhobenen Händen derart ruhig, dass es uns – ich versichere es Ew. Hoheit – mit großer Rührung erfüllte.

So verblieben sie mit uns bis zum Abendmahl. Danach empfingen die Geistlichen und Priester das Abendmahl, ebenso der Kapitän mit einigen von uns. Mehrere der Eingeborenen erhoben sich während der Feier, da die

Sonne sehr brannte, andere verweilten. Unter diesen war ein Mann von fünfzig oder fünfundfünfzig Jahren, der die Gebliebenen sammelte und noch andere hinzurief. Indem er sich unter ihnen bewegte und zu ihnen sprach, deutete er mit dem Finger nach dem Altar, darauf zum Himmel, als wenn er ihnen etwas Schönes sage. So fassten wir es auch auf. (...) Nach der Predigt brachte Nicolau Coelho viele zinnerne Kreuze mit Kruzifixen, die ihm von seiner letzten Reise geblieben waren. Wir hielten dafür, jedem eins umzuhängen. Der Pater Frei Henrique ließ sich, dies zu tun, zu Füßen des Kreuzes nieder und hing jedem – einem nach dem anderen – sein an einem Faden befestigtes Kreuz um den Hals, nachdem er sie es erst küssten und sie die Hände erheben ließ. Es kamen viele herbei, alle Kreuze wurden verteilt, ungefähr vierzig oder fünfzig. Danach gingen wir – es war schon gut eine Stunde nach Mittag – zum Essen auf die Schiffe. Der Kapitän führte den Alten, der jene Bewegung nach dem Altar und zum Himmel gemacht hatte, und einen seiner Brüder mit sich. Er zeichnete ihn sehr aus, gab ihm ein maurisches Hemd und dem Bruder ein gewöhnliches.

Wie mir und allen erschien, fehlt diesen Menschen, um sämtlich Christen zu sein, nichts weiter als die Kenntnis unserer Sprache, denn sie fassten unser Tun wie wir selbst auf, woraus wir schließen, dass sie keinerlei Götzendienst oder sonstige Verehrung kennen. Ich glaube wohl, dass sie, wenn Ew. Hoheit jemand schicken, der länger unter ihnen verweilt, sich nach den Wünschen Ew. Hoheit richten werden. Wenn deshalb jemand geschickt werden sollte, so unterlasse er nicht, gleich einen Geistlichen mitzubringen, um sie zu taufen. Sie werden dann schon größeres Wissen von unserem Glauben durch die beiden Verbannten haben, die unter ihnen bleiben werden und heute auch das Abendmahl nahmen.

Unter allen Eingeborenen, die heute herbeieilten, befand sich nur eine Frau, eine junge, die während der ganzen Messe verweilte. Man gab ihr ein Tuch, sich zu bedecken, und wickelte es um sie. Gleichwohl dachte sie beim Niedersetzen nicht daran, es zurechtzuziehen und sich zu bedecken. Deshalb, Herr, ist die Unschuld dieser Menschen nicht geringer als die Adams, was Schamhaftigkeit anbelangt. Ew. Hoheit mögen daraus schließen, ob sich bekehren wird oder nicht, wer in solcher Unschuld lebt, wenn man ihn nur lehrt, was er zu seiner Rettung bedarf.

Danach küssten wir vor ihren Augen das Kreuz, verabschiedeten uns und gingen essen. Ich denke, Herr, mit den beiden Verbannten werden noch zwei Schiffsjungen hier bleiben, die diese Nacht in einem Boote von unserem Schiffe an Land flohen und nicht wiederkehrten. Wir nehmen an, dass sie hier bleiben werden, weil wir morgen, so Gott will, in See stechen.

Dieses Land, Herr, scheint mir, von der südlichsten Spitze, die wir sahen, bis zu der nördlichsten, die wir von diesem Hafen aus erblicken können, eine Ausdehnung von gut zwanzig bis fünf- undzwanzig Meilen Küste zu haben. In der Nähe des Meeres befinden sich an einigen Stellen große Lehnhügel, manche rot, andere weiß; der Erdboden ist eben und mit Wäldern bedeckt. Von Landspitze zu Landspitze ist alles sehr ebener und herrlicher Strand. Das Hinterland schien uns, vom Meer aus gesehen, sehr groß; wenn wir die Augen wandern ließen, erblickten sie nur von Wald bedecktes Land, das uns sehr ausgedehnt erschien.

Bis jetzt konnten wir noch nicht erfahren, ob es Gold oder Silber oder Metallsachen oder Eisen darin gibt; wir sahen auch nichts dergleichen. Immerhin hat das Land an und für sich sehr gute Lüfte, frisch und gemäßigt wie in Entre Diors und Minho. Zu dieser Jahreszeit fanden wir sie wie dort. Gewässer sind viele da, unzählige. Und das Land ist derart lieblich, dass in ihm, wenn man es nutzen will, dank seines Wasserreichtums alles gedeihen wird.

Der größte Gewinn, den man indes von ihm haben kann, ist meiner Meinung nach die Errettung seines Volkes. Und sie muss der wichtigste Samen sein, den Ew. Hoheit hier ausstreuen sollten. Und wenn man an dem Lande nichts weiter als einen Zwischenlandungsplatz auf dem Seeweg nach Kalikut haben sollte, würde es genügen, abgesehen von der Gelegenheit, den innigen Wunsch Ew. Hoheit zu erfüllen: die Verbreitung unseres heiligen Glaubens.

Und solcherart gebe ich hier Ew. Hoheit Kunde von dem, was ich in diesem Euren Lande sah. Wenn ich ein wenig verweilte, möge mir Ew. Hoheit verzeihen. Der Wunsch, alles zu berichten, ließ mich ins Einzelne gehen.

Es ist gewiss, Herr, dass sowohl in dem Amte, das ich jetzt ausfülle, wie in jedem anderen Dienst Ew. Hoheit an mir stets einen ergebenen Diener finden werden. Ich bitte deshalb, mir besondere Gnade zu erweisen und meinen Schwiegersohn Jorge de Osório von der Insel São Tomé kommen zu lassen, was ich als besondere Gunstbezeugung auffassen werde. Ich küsse die Hände Ew. Hoheit.

Von diesem sicheren Hafen, von Ew. Hoheit Insel des Wahren Kreuzes, heute, Freitag, den ersten Tag im Mai 1500, Pêro Vaz de Caminha.

© Johannes Pögl (Hrsg.): Die reiche Fracht des Pedro Álvares Cabral. Stuttgart, Wien: Edition Erdmann in K. Thienemanns Verlag 1986.

500 ANOS *Prestação de contas cobra doações e jantares; barco,* Despesas com nau ino

ABNOR GONDIM
da Sucursal de Brasília

A prestação de contas do Instituto Memorabilia para a construção da Nau Capitânia inclui despesas não previstas no convênio de R\$ 2,3 milhões firmado com o Ministério do Esporte e Turismo em agosto do ano passado.

Pelo menos R\$ 1.583,43 foram gastos com almoços e jantares em restaurantes do Rio de Janeiro, sede da entidade. Essas despesas incluíram 42 doses de uísque e 25 refeições, além de refrigerantes, vinho, cerveja, vodca e caipirinha.

A nau é uma réplica da embarcação da frota de Pedro Álvares Cabral. Foi construída por R\$ 3,8 milhões para integrar as comemorações dos 500 anos, no último dia 22, em Porto Seguro (BA). A nau não cumpriu sua missão por causa de defeitos e está novamente no estaleiro.

O objetivo do convênio firmado pelo ex-ministro Rafael Greca, exonerado antontem pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, visava tão-somente cobrir os gastos para o término da nau, que começou a ser construída em 1998 com doações de empresas públicas e privadas.

Alguns recibos de refeições com bebidas incluídos na prestação de contas foram preenchidos em nome do próprio presidente do Instituto Memorabilia, Sérgio Aguiar. Outros foram emitidos em nome da entidade.

Além disso, recursos do convênio foram usados para pagar despesas de toda ordem, como impostos e compra de detergentes. Serviram para bancar até os salários das duas assessoras do presidente do instituto — Ieva Cardoso e Ana Júlia Morales de Aguiar.

Aguiar também utilizou recursos do convênio para viajar a Lisboa e Salvador, onde a nau foi

construída na Base Naval de Aratu. Foram parar na conta do convênio adiantamentos pagos ao presidente da entidade para viajar e suas despesas com táxi.

No último dia 1º de março, o presidente do instituto recebeu R\$ 500 de adiantamento para as despesas relativas à viagem realizada a Lisboa com a finalidade de participar da regata internacional alusiva à viagem comemorativa dos 500 anos do Brasil.

Pouco mais de R\$ 100 de recursos do convênios foram empregados para pagar uma fatura do cartão de crédito do presidente da entidade.

Caridade ilegal

O dinheiro do convênio foi usado para pagar contas telefônicas do instituto e para a compra de dois computadores para a entidade. Também consta da prestação de contas que R\$ 303 foram aplicados pelo instituto para fazer caridade com dinheiro público a favor do Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância).

Os procuradores da República no Distrito Federal Luiz Francisco de Souza e Guilherme Schelb requisitaram cópias da prestação de contas do convênio ao Ministério do Esporte e Turismo e ao próprio presidente do Instituto Memorabilia.

Segundo eles, decisão do TCU (Tribunal de Contas da União) considera ilegais despesas alheias ao objeto de convênio.

"A nau é uma inutilidade", disse o procurador da República Luiz Francisco de Souza. "Lá foram enterrados R\$ 2,3 milhões de recursos públicos, que só servirão para a entidade" — pelo contrato, a nau será cedida ao instituto após as comemorações.

Eles promoveram ação judicial contra o ministro e o instituto por causa do convênio. Na avaliação deles, a construção de uma embarcação deveria ser feita mediante licitação pública.

OUTROLADO

Gastos eram necessários, diz Aguiar

da Sucursal de Brasília

O presidente do Instituto Memorabilia, Sérgio Aguiar, afirmou ontem que as despesas administrativas da entidade e os gastos com refeições e bebidas podem ser pagos com os recursos do convênio firmado com o Ministério do Esporte e Turismo para a construção da réplica da Nau Capitânia.

"Sou engenheiro e entendo de construção", disse ele. "Para você construir uma casa, tem de incluir os gastos administrativos da contratação de mão-de-obra. Isso é internacionalmente reconhecido como algo lógico."

Aguiar justificou os gastos com refeições e bebidas como reuniões de trabalho realizadas com a finalidade de atrair patrocinadores para o projeto, embora o governo tenha alocado os recursos necessários para a conclusão da embarcação.

"O projeto não acabou com a construção da nau. A embarcação será transformada em um museu flutuante. Se isso for ilegal, a gente devolve o dinheiro."

Para o presidente da entidade, as despesas com refeições fazem parte dos custos de divulgação do projeto.

Na sua opinião, a entidade obteve cerca de R\$ 1 milhão com empresas públicas e privadas para construir a nau e só recorreu ao ex-ministro Rafael Greca por falta de patrocinadores. (AG)

de R\$ 3,8 milhões, tem defeitos e não foi à festa

luem bebidas

A prestação de contas na construção da Nau Capitânia

Despesas incluem jantar de mais de R\$ 500, bebidas e produtos de limpeza

A & B Promoções e Eventos Ltda.

Rua de Candelária, N.º 9 - 13.º andar - Centro
Tel. 203-1322 - RIO DE JANEIRO - RJ
CNPJ 00.583.682/0001-04 - Insc. Estadual 88.279.193
CEP: 20091-000 - IFE 94.10

Nota Fiscal de Venda ao Consumidor

SÉRIE D-1 Nº 000897

(Extrato em 3 Vias) 1ª Via

Ilmo. Sr. SERGIO G. LYRA DE AGUIAR

Rua AA-110

Rio de Janeiro 23 de Outubro de 1999

Quant. Descrição das Mercadorias (R\$) Valor Total

11 Whisky Mini 130,90

20 Whisky S 29,30

1 Whisky 2,00

10 Whisky 30,00

1 Whisky 2,00

2 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

1 Whisky 5,00

Em nome do Instituto Memorabilia, responsável pela construção da nau, a A & B Promoções e Eventos emite uma nota fiscal de **R\$ 226,87**. Entre as despesas estão o consumo de uísque, vodka, campari e caipirinha

RECIBO

Recebemos de Administrativo e financeiro a importância de **R\$ 538,80** referente a despesa realizada em nosso restaurante, conforme documento de caixa nº: 26444, anexo.

Rio de Janeiro, 23 de Outubro de 1999

Caixa do Restaurante - Matrícula nº: _____

Outra das despesas com a construção da nau apresentadas e aprovadas pelo Ministério do Esporte e Turismo foi uma nota de **R\$ 538,80** por "despesa realizada" no restaurante do late Clube do Rio de Janeiro em 23 de outubro do ano passado

Extrato de Conta

Corporative Services

SERGIO G. LYRA DE AGUIAR
INSTITUTO MEMORABILIA

Dezembro 1999

11) Saldo atual: **111,00**

Préziado Associado, ficamos muito satisfeitos por estarmos procedendo à renovação de sua conta junto à American Express. Lembramos que para sua maior comodidade, o valor da anuidade dos cartões é parcelado e debitado mensalmente em seu Extrato. Obrigados por utilizar os nossos serviços e contatá-los sempre conosco, em qualquer lugar do mundo.

Ty de Novembro	89,00
Taxa de anuidade faturamento parcial 01 de 02	
Ty de Novembro	81,00
Taxa de associação - Empresa	
Total das lançamentos em Real para SERGIO G LYRA DE AGUIAR	111,00

Sérgio Guilherme Lyra de Aguiar, presidente do instituto, apresentou extrato de renovação de seu cartão de crédito entre as despesas com a construção da nau, num total de **R\$ 111**

RELIGIÃO Para entidade, pedido de desculpas a cardeal So CNBB teme reação d

ARMANDO ANTEORE
PATRICIA ZORZAN
enviados especiais a Porto Seguro

Na avaliação da cúpula da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), o pedido de desculpas feito ao cardeal Angelo Sodano pelo bispo de Eunápolis, d. José Edson Santana Oliveira, pode ratificar no Vaticano a sensação de que



parte da igreja brasileira apoiou o protesto dos índios na celebração dos 500 anos da Primeira Missa. Anteontem, durante missa presidida pelo cardeal no centro de Porto Seguro, d. José Edson pediu perdão pelo protesto feito por um grupo de cerca de 40 índios durante a celebração da missa dos 500 anos de evangelização. Em discurso, o pataxó Jerry Adriani Santos de Jesus, conhecido como Matalauê, criticou o tratamento dado às populações indígenas desde o Descobrimento. A Folha apurou que d. Jayme Chemello, presidente da CNBB, demonstrou preocupação com a possibilidade de as declarações do bispo de Eunápolis passarem ao Vaticano a imagem de que o protesto teria sido organizado com o apoio do chamado setor progressista da entidade. Ontem, o bispo afirmou que essa foi de fato sua intenção. "Pedi desculpas porque gostaríamos de dar a ele (o cardeal) a

dano pode indicar apoio da igreja a protesto de índios lo Vaticano a ato

melhor recepção. O cardeal não compreendeu aquela atitude forte, se aquilo estava sendo dito para ele. Pedi perdão por aquilo que ele não compreendeu", afirmou d. José Edson. Segundo o bispo, o cardeal Angelo Sodano, secretário de Estado do Vaticano e segundo homem na hierarquia da igreja, teria ficado abismado com a utilização de certas expressões por Matalauê. "Ele foi usado, mas palavras como 'você não têm vergonha', que

equivalem a chamar a todos de sem vergonha, são muito fortes. Essa agressão foi exagerada e a pessoa que fez isso (escrever o discurso) não demonstrou fidelidade ao cargo que ocupa na CNBB. Foi uma traição", atacou ele. Matalauê afirmou que o texto lido na missa foi de sua autoria. Pela manhã, a CNBB criticou a miséria, o desemprego, a corrupção e a falta de reforma agrária no país. "Para o social, há pouco dinhei-

ro, mas para a corrupção, há muito", disse d. João Oneres Marchiori, bispo de Lages (SC). Ao comentar as discussões no Congresso sobre o salário mínimo de R\$ 151, disse ainda que "os responsáveis pelo país não tem conhecimento sobre a realidade do brasileiro". "É como diz o ditado. Estando eu e minha burra cheia, tanto se me dá que viva ou morra a mulher alheia", afirmou d. Francisco Austregésilo, bispo de Afogados da Ingazeira (PE)

29.4.10
Porto Seguro

LUCIANO MENDES DE ALMEIDA

Para comemorar os 500 anos da primeira missa em solo brasileiro, a 38ª Assembléia Geral dos Bispos Católicos do Brasil inaugurou seus trabalhos, na manhã do dia 26 de abril, com solene eucaristia em Coroa Vermelha (BA). A liturgia foi presidida pelo cardeal Angelo Sodano, legado do papa João Paulo 2º, e concelebrada por 360 bispos e muitos sacerdotes, com grande participação do povo de Deus.

A manhã de sol, logo interrompida por fortes chuvas, ajudou a imaginar as intempéries daqueles mares tempestuosos, quando a armada de Pedro Álvares Cabral tocou o litoral da Terra de Santa Cruz. Sobre as águas, ao lado do altar monumento, via-se uma frágil nau, réplica das que integravam a frota de 13 navios que traziam, na época, mais de mil homens.

A celebração litúrgica a céu aberto, com cânticos e incenso, permitiu elevar a Deus o pedido de perdão pelas faltas cometidas, num anseio de reconciliação profunda. Recordamos, com dor, as violações da dignidade de filhos de Deus, contra as populações indígenas, as vítimas da hedionda escravidão a que foram submetidos os irmãos vindos da África e os que hoje sofrem a exclusão social. A palavra firme do índio pataxó Matalauê, transmitida ao país pela TV, terá feito a todos refletir a respeito das injustiças que ainda pesam sobre os índios brasileiros, nestes dias brutalmente cercados em sua liberdade e feridos pela tropa policial.

Na hora do "Pai Nosso", as mãos se entrelaçaram, e os sinos das igrejas repericaram em muitas cidades, irmanando as comunidades numa prece de gratidão a Deus pelo benefício imenso da fé cristã e pelo povo que hoje somos, formado de tantas raças, trazendo no corpo as marcas do sofrimento e alegrias de nossa história.

A 38ª Assembléia da CNBB, de 26/4 a 3/5, além das liturgias eucarísticas quotidianas e do Dia de Espiritualidade sobre a Santíssima Trindade, com pregações de d. Antonio Ribeiro, arcebispo de Goiânia, terá momentos de presença dos bispos nas comunidades locais. Haverá ainda, no espírito do Ano Jubilar, celebração ecumênica com irmãos evangélicos, oração inter-religiosa e, em especial, a prece com a comunidade indígena pataxó no monte Pascoal.

No dia 27, o cardeal Sodano foi homenageado e apresentou mensagem do papa à Assembléia Geral. À tarde, coube ao padre Virgílio Uchoa e demais membros da equipe fazer uma excelente análise da conjuntura nacional e da posição da Igreja em face dos demais desafios da realidade brasileira.

Em pauta constam: palestras sobre os 500 anos de evangelização, planejamento pastoral 2001-2002, a aprovação de uma carta pastoral coletiva ao povo brasileiro; relatórios previstos no estatuto e comunicações dos vários setores de evangelização.

No final destes dias de confraternização entre os bispos e de zelo pela missão recebida de Jesus Cristo, haverá uma palavra de esperança da CNBB ao nosso povo à luz da proclamação do Ano Jubilar.

A fim de que a paz e a alegria marquem, após cinco séculos, a vida dos índios, vítimas da violência, procuremos todos assumir —diante de Deus, sob a proteção da padroeira do Brasil— o compromisso em favor da imediata regularização das 508 terras indígenas não demarcadas.

D. Luciano Mendes de Almeida escreve aos sábados nesta coluna.

REFLEXÃO DA COMEMORAÇÃO "Chega de desculpas", diz líder indígena formado em direito

Índios planejam marcha a Brasília

Moacyr Lopes Jr. 26.abr.2000/Folha Imagem

THOMAS TRAUMANN
enviado especial a Brasília

Após os tumultos dos festejos dos 500 anos da chegada portuguesa ao Brasil, os índios planejam uma marcha a Brasília para pressionar o Congresso a aprovar o novo estatuto que rege seus povos. As comemorações transcorreram em clima de quase guerra.



O primeiro sinal ocorreu quando um índio discutiu e quase agrediu o presidente do Congresso Antonio Carlos Magalhães. No aniversário do Descobrimento, manifestantes indígenas enfrentaram e apanharam da polícia baiana. Outro grupo invadiu a celebração dos 500 anos da Evangelização. "Chega de pedidos de desculpas. Se a sociedade quer acertar as suas contas com os índios, há muito o que fazer", disse à Folha o advogado Paulo Pankararu, 29, representante da nova geração de líderes indígenas.

Existem no Brasil 350 mil índios de 227 etnias que falam 175 línguas diferentes. Quase a metade tem tido um contato tão estreito e prolongado com os descendentes dos colonizadores que chega a ser surpreendente que ainda se identifiquem como indígenas.

Poucas representam tão bem esse processo de aculturação quanto os pacararus. Os quase 4.000 integrantes da tribo se comunicam em português. Parte do seu território foi tomado por migrantes que acompanham as obras da barragem de Itaipiraca. Nos anos 80 e 90, pressionados pela miséria e a falta de espaço, cerca de 1.500 pancararus tentaram a sorte em São Paulo. Perderam. Vivem tão miseráveis quanto no sertão.

Apesar disso, Pankararu afirma que os 500 anos de descobrimento "não é uma data para ficar lamentando". À seguir os principais trechos da entrevista:

★
Folha - Qual é a sua avaliação do conflito em Porto Seguro?
Paulo Pankararu - O que fize-



Índios pataxós assistem à missa dos 500 anos de evangelização

ram foi criminoso. Nossa manifestação era pacífica. Fomos tratados a cassetete e bomba como se nós fôssemos os invasores desta terra. E não estou vendo no governo vontade de punir os responsáveis.

Folha - Qual a consequência da repressão policial no diálogo dos índios com o governo?

Pankararu - O que era pouco se acabou. Com o Marés (Carlos Frederico Marés, ex-presidente da Funai) tínhamos um canal de comunicação. Mas com a saída dele e o estilo do ministro José Gregori (Justiça) já deu para notar que o governo não tem muito interesse em falar com a gente.

Folha - O movimento indígena está em pé de guerra?

Pankararu - Sim, vamos continuar lutando. Nosso próximo passo é uma marcha a Brasília para pressionar o Congresso que ainda não votou o projeto do Es-

tatuto das Sociedade Indígenas.

Aliás, um dos pontos polêmicos desse projeto é a exploração econômica dentro das reservas. Muitos reclamam que alguns povos indígenas se envolvem na exploração ilegal de madeira, mas não discutem como os índios podem conseguir desenvolver as suas aldeias, ter uma vida melhor.

Queremos também uma audiência com o presidente Fernando Henrique Cardoso.

Folha - O que vocês esperam do presidente?

Pankararu - Vou dizer o que a gente não espera: é um pedido de desculpas. Chega de desculpas.

Folha - Na missa em Porto Seguro, a igreja pediu desculpas.

Pankararu - Virou moda dizer "sinto muito". O governo, a Igreja, a sociedade querem acertar suas contas com os índios? Então é hora de demarcar as terras indígenas, aprovar o novo estatuto,

reformular a Funai e dar condições para os índios terem uma vida digna. Há muito o que fazer além de pedir desculpas.

Folha - Os índios estão mais agressivos?

Pankararu - Também fazemos parte desse país como os outros brasileiros. Temos direito de defender nossos direitos. Não queremos confronto, queremos solução. O nosso grande problema é a posse da terra. Há invasões e ocupações de não-índios em boa parte delas. Pelas nossas avaliações, com R\$130 milhões se resolve as indenizações para os não-índios e as demarcações das reservas. Em se tratando de Orçamento da União não é tanto dinheiro assim.

Folha - Não é irônico que a maior reivindicação indígena seja comprar de volta terras que estão demarcadas como suas?

Pankararu - Mas é assim mesmo. Recentemente trabalhei como advogado da reserva São Marcos, em Roraima. Parte da área seria usada para passar fios de eletricidade e como indenização a aldeia recebeu R\$ 4 milhões. Eles pegaram o dinheiro e usaram para indenizar as famílias de não-índios que ocupavam parte da reserva.

Folha - Por que o sr. decidiu ser advogado?

Pankararu - Para usar a lei a favor dos indígenas.

Folha - A lei desfavorece os índios?

Pankararu - O caso do meu povo é típico. A nossa terra foi invadida com apoio do Estado. Os pancararus moram há séculos no baixo São Francisco, entre Pernambuco, Bahia e Alagoas. Por terem batido ao lado do Exército brasileiro na Guerra do Paraguai, os pancararus receberam de Dom Pedro 2º a posse de 14.400 hectares. Mas em 1942, o Serviço de Proteção ao Índio (órgão federal anterior à Funai) reduziu essa área para 8.100 hectares.

Folha - Por quê?

Pankararu - Para construir a barragem de Itaipiraca, a Chesf (Companhia Hidro Elétrica do São Francisco) reduziu as terras indígenas e levou não-índios para a região.



500 ANOS Responsável não está habilitado

Comissão analisa problemas da nau

da Agência Folha

O Crea (Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia) da Bahia criou ontem uma comissão de engenheiros para apurar a responsabilidade por falhas técnicas na réplica da nau de Pedro Álvares Cabral, que custou R\$ 3,8 milhões ao governo federal e à iniciativa privada.

A suspeita é que a embarcação, que não chegou a Porto Seguro (BA) no dia 22 para as comemorações dos 500 anos do Brasil, tenha sido construída sob a responsabilidade técnica de um profissional sem habilitação para engenharia naval.

O francês Henri Schломoff, res-

ponsável pela construção, não é formado em arquitetura, mas em belas artes pela universidade de Marselha, na França.

Na anotação de responsabilidade técnica (ART), o responsável é o engenheiro Carlos Eduardo Balthazar da Silveira Silva.

Ele será convocado a depor no Crea. Se houver acobertamento, o relatório vai para o Ministério Público e Henri pode ser denunciado por exercício ilegal.

A Marenostro, empresa contratada para construção na nau, afirmou que não existe razão para investigação do Crea baiano.

Segundo ela, o responsável pela construção foi mesmo o engenheiro Balthazar.

Versicherungen • Rechtss





Greca, que ri entre os índios dias antes de perder o emprego: saiu elogiando

ROBERTO STUCKERT PEREIRA, O GLOBO

IOR

entrou em ação a ala da Polícia Militar baiana, integrada por 5 000 rapazes bem nutridos. O resultado foi o que se viu na TV. Os índios, que apanham dos brancos desde os tempos de Cabral, apanharam novamente, desta vez em companhia dos sem-terra.

Na batalha campal de Porto Seguro, houve pancadas e prisões, mas apenas uma vítima com cicatrizes de guerra para mostrar aos netos. Ainda assim, com cicatrizes modestas. Chama-se José Carlos Araújo Ferreira, 22 anos. Apesar do sobrenome lusitano, é índio, mora em Alagoas e voltou para casa com um

O JOGO DOS SETE ERROS

Os brasileiros não conseguiram repetir em 2000 o que os portugueses fizeram em 1500. O governo federal e um grupo de empresas investiram 3,5 milhões de reais na construção de uma réplica incrementada com motores e camarotes da nau usada por Pedro Álvares Cabral. O objetivo era fazer a viagem entre Salvador e Santa Cruz Cabrália a tempo de participar da festa dos 500 anos. Um festival de defeitos fez com que a embarcação voltasse rebocada para o porto de origem. Mas não tem nada, não. A nave perdeu as comemorações, mas vêm aí as festas juninas. Vai ter madeira de sobra para fogueira. Veja a seguir os sete erros que impediram o sucesso da missão

1 Uma semana antes da viagem, a Marinha considerou a nau instável e mandou colocar um peso extra de 14 toneladas de chumbo para corrigir o problema.

2 O engenheiro responsável admitiu que esqueceu de fatores ambientais no cálculo. Refez as contas e disse que o navio precisaria de 18 toneladas de chumbo a mais e não as 14 determinadas pela Marinha.

3 A essa altura, não havia tempo hábil para encomendar as 4 toneladas a mais de chumbo. O peso foi completado com sacos de cimento.

4 Na segunda-feira, já atrasada, a nau deixou o porto. Ainda na Baía de Todos os Santos, as cordas que sustentam o mastro cederam. A viagem parou para que elas fossem reajustadas.

5 A bomba de água responsável pelo resfriamento do primeiro motor pifou. A nau seguiu com o motor auxiliar.

6 Em seguida, o tanque de óleo combustível foi contaminado com água. O segundo motor parou, deixando a nau à deriva na costa de Ilhéus.

7 Resolvido esse problema, o comando hidráulico do leme quebrou. A nau voltou rebocada para Salvador.



WILSON BE ENRIKHA FAIDE

Marés: o presidente da Funai estava com os dias contados e aproveitou a confusão para sair atirando

humilde corte na perna. De acordo com a polícia e as autoridades federais envolvidas na segurança do presidente, empregou-se apenas a força necessária para evitar o pior. "O gás lacrimogêneo foi lançado para impedir o contato físico, o confronto com os índios", afirma o ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, general Alberto Cardoso. Como diz a citação famosa, a história se repete — da primeira vez, como tragédia; da segunda, como farsa. Quando aqui desembarcaram há 500 anos, os portugueses não evitaram o contato físico com os índios. E com as índias, principalmente. Cinco séculos depois, as autoridades de Brasília jogam gás lacrimogêneo na turma da tanga para mantê-la a distância.

Examinando-se a festa sem as paixões dos que nela se envolveram fisicamente, tudo terminou bem no fim das contas. Não houve vítimas graves. O prejuízo com a caravela avariada vai para os cofres públicos, sempre tão generosos. Os sem-terra, mesmo tendo recebido do governo um território equivalente a cinco Dinamarcas, puderam manifestar seu eterno descontentamento com Brasília. E isso é o que eles mais gostam de fazer. Os índios, que pela primeira vez na História brasileira estão passando por uma fase de crescimento populacional e são donos de reservas superior ao tamanho de duas Alemanhas, também tiveram uma boa oportunidade para relembrar ao país os cinco séculos de exploração que sofreram. No governo, também houve ganhos. O presidente Fernando Henrique Cardoso arrumou por fim um pretexto inamovível para derrubar o ministro que organizou a



festa dos 500 anos, o paraense Rafael Greca, do Esporte e Turismo, demitido na quinta-feira passada. É obrigatório relembrar que Greca estava marcado para a demissão havia meses, desde que começaram os rumores sobre aqueles negócios esquisitos com bingos. A festa do Descobrimento só forneceu a gota d'água que faltava. Amante dos detalhes, o ministro fez questão de colocar a insígnia dourada de deputado na lapela do paletó antes de conversar com o presidente FHC sobre sua saída. "Desde a minha posse como ministro, ela estava guardada na gaveta da mesa de cabeceira", diz Greca. Depois da demissão, para relaxar, Greca ouvia concerto de

Bach para flauta no seu gabinete decorado com as cores da bandeira nacional, enquanto sua mulher, Margarita, andava pela sala com uma máquina fotográfica. "Margarita, a bênção da minha vida, está fotografando o gabinete para nós levarmos de lembrança", explicou o ex-ministro. Esse vai fazer falta.

O presidente da Fundação Nacional do Índio, Carlos Frederico Marés, decidiu pedir demissão quando viu no que deu a festa. "Não posso permanecer num governo que faz uma agressão física ao movimento indígena organizado", declarou. "O confronto foi um ato de violência comparável à repressão militar da década de 60", disse. Perceba-



numa mesma semana, FHC foi comparado a Collor e a Costa e Silva, Médici, Geisel... Colocado na presidência da Funai pelo ex-ministro da Justiça José Carlos Dias, Marés não se entendia com o novo ministro, José Gregori, e seria demitido mais cedo ou mais tarde. Provavelmente mais cedo. Teve a esperteza de politizar a sua saída.

Assim, a festa dos 500 anos acabou em Marquês de Sapucaí. Talvez uma das razões desse desenlace maravilhosamente brasileiro seja a feliz intervenção do caráter afável que o habitante desta terra adquiriu no cruzamento das três raças que dão o eixo dominante de seu temperamento. Durante os cinco séculos de sua História, o Brasil passou por muitos períodos de brutalidade, exercida invariavelmente contra os elementos mais frágeis de sua população. Os índios eram 6 milhões no Descobrimento e são apenas 350 000 hoje. Os negros foram para o canavial, a senzala e o açoite. É preciso não esquecer, no entanto, que o Brasil nunca teve guerras religiosas ou étnicas produzidas com a mortandade que se vê ainda hoje em outros países. Há uma língua geral e uma cultura comum num território que poderia ter-se estilhaçado em dezenas de países, não fosse a herança que o brasileiro carrega

dentro de si, de um membro de uma mesma nação, do Pará ao Rio Grande do Sul. Porto Seguro foi, na semana passada, um bom símbolo do Brasil cinco séculos depois do Descobrimento. Muito discurso, muito lufa-lufa, muito mau teatro de todos os lados e, no fim, todo mundo de volta à rotina na Quarta-feira de Cinzas.

Não se poderia pedir a estrangeiros que vissem a festa como acontecimento pitoresco. No dia seguin-

Estudantes, índios, punks e sem-terra tentam entrar em Porto Seguro. À direita, jornais estrangeiros criticam a violência da repressão

FIASCO VIA SATÉLITE

The Observer
Indians lead protests as Brazil parties

CORRIERE DELLA SERA

La Chiesa chiama gli indios

The Boston Globe

Police under fire after Brazil celebrations

Le Monde

Le Brésil fête ses 500 ans sous haute surveillance

EL PAIS

Libération

Le Brésil célèbre ses 500 ans en réprimant les Indiens

Süddeutsche Zeitung

Jubiläum ohne Jubel



The Washington Post

Brazilians Shrug Off Discovery Festivities

Price Tag, Actions By Police Decried



AMARQO V CENTENARIO EN BRASIL. Envolvimento por la terra de los indígenas, miles de índios brasileños marcharon ayer desde varias regiones selváticas hacia Porto Seguro, sede de las festividades del V Centenario de la llegada de los portugueses a Brasil, con el propósito de exigir la restitución de las tierras que fueron expropiadas por el Gobierno.

A CURVA DA POPULARIDADE



te, os ecos da comemoração, embalados pela indignação das ONGs, espalhavam-se por publicações de todo o mundo. Nas manchetes, o país de FHC ficou muito mal. "Brasil comemora 500 anos reprimindo índios", escreveu o jornal francês *Le Monde*. O britânico *The Observer*: "Índios lideram protestos enquanto o Brasil festeja". O espanhol *El País*: "Amargo quinto centenário no Brasil". Qualquer coisa que se diga em favor dos índios brasileiros será pouco, porque a dívida do país com eles é pesadíssima. Não se pode afirmar o mesmo em relação aos integrantes do Movimento dos Sem-Terra, também barrados pela PM na festa de Porto Seguro. Como parte das comemorações dos 500 anos, o MST programou 500 invasões espalhadas pelo Brasil. Poucos dias antes do festejo, o MST estava numa cidade vizinha a Porto Seguro e havia programado uma marcha de protesto até o local do evento oficial. "Queremos protestar contra 500 anos de latifúndio", disse Valmir Assunção, da

coordenação nacional do movimento. Insuflados pelos padres do Conselho Indigenista Missionário e da Comissão Pastoral da Terra, índios e sem-terra decidiram fazer sua marcha para deixar claro que eram contra o governo. Encontraram reforço junto a integrantes do movimento negro, sindicatos e até um curioso grupo de punks, que aderiu. A polícia ergueu dez barreiras para impedir o acesso dos manifestantes a Porto Seguro e conseguiu barrá-los.

Que a história é escrita pelos vencedores é sabido. Nas cerimônias de Porto Seguro descobriu-se que os vencidos estão tendo cada vez mais voz ativa e se fazendo notar. De todo o espetáculo montado pelo governo para comemorar o descobrimento do Brasil, o que ficará são as imagens de índios e sem-terra sendo contidos à força por policiais de choque e o solene pedido de perdão feito pelos bispos católicos — e prontamente rebarbado pelas lideranças dos silvícolas. Vive-se hoje um período inédito na história da

humanidade. Pela primeira vez, oprimidos de ontem se desculparam perante aqueles que molestaram. Até o papa João Paulo II pediu perdão pelos erros cometidos pela Igreja. Nem sempre foi assim. Os Estados Unidos comemoraram o bicentenário de sua Constituição em 1987 com grandes festas. Não houve nenhum pedido marcante dos descendentes dos índios que ocupavam a América do Norte antes da chegada dos colonizadores europeus. Nunca fora costume das nações, etnias ou grupos vitoriosos se dar ao trabalho de pedir perdão pelos pecados cometidos contra os vencidos no passado.

Todo país tem suas nódoas. O inglês Henrique V, que triunfou sobre os franceses na famosa batalha de Agincourt em 1415, mandou matar milhares de prisioneiros e feridos em poder de seu exército, uma crueldade chocante até para moral da Idade Média. Foi um massacre realizado à luz do dia por arqueiros ingleses depois que os soldados regulares ingleses se recusaram a participar



Policial puxa o cabelo de manifestante rastafari: "Em todos os países do mundo, segurança de chefe de Estado é duríssima", diz o general Cardoso

também pela intolerância que resultou nas guerras religiosas e até pelo papel ambíguo que o Vaticano teve durante a perseguição aos judeus pelos nazistas durante a II Guerra Mundial. "Todos os povos, sem exceção, usaram sua superioridade técnica e bélica para a conquista", diz Jared Diamond, pesquisador americano autor do best-seller *Guns, Germs and Steel* ("Armas, Germes e Aço"), um relato brilhante de como as civilizações mais poderosas submeteram as menos aparelhadas ao longo da história humana. Estamos vivendo agora um período de rara elevação ética. É a hora do perdão. Um sentimento muito positivo, pois a lembrança envergonhada dos pecados do passado pode ser uma garantia de que eles não serão repetidos no futuro.

No caso específico do brasileiro, pedir perdão aos índios, como fizeram alguns bispos, é uma atitude civilizada, mas ela tem um aspecto bizarro. Um estudo recente do geneticista mineiro Sérgio Danilo Pena mostrou que 70% dos brasileiros que se definem como brancos têm índios ou negros, ou ambos, entre seus ascendentes. Ou seja, somos um país mestiço em que até a minoria branca tem sangue negro e índio. Sendo assim, talvez o mais adequado fosse sair pelas ruas pedindo perdão a qualquer brasileiro que se encontrar. As pessoas

execução sumária decretada pelo rei. Em parte graças a William Shakespeare, Henrique V passou à História como herói e gênio militar. Nunca ocorreu aos britânicos pedir desculpas aos franceses pela explosão de ódio de seu rei. Como a república francesa também nunca se desculpou perante os descendentes dos nobres pelos chamados "Massacres de Setembro", de 1792. Nesse episódio, os revolucionários mataram a sangue-frio 1200 prisioneiros surpreendidos enquanto dormiam em sua celas. Na Antiguidade, os romanos trucidaram povos inteiros para manter sua dominação. Ninguém espera agora que os italianos se desculpem pelos excessos dos centúrios. A história da África negra é pontilhada de conquistas sangrentas e eliminação em massa das tribos vencidas. Isso antes e depois da chegada dos europeus, que se entregaram com volúpia à conquista. Os britânicos mataram 11 000 africanos da tribo Kikuyu no Quênia nos anos 50. Até hoje não houve pedido de

perdão. E por acaso maias e astecas, destruídos pelos conquistadores espanhóis, receberam reparações ou desculpas? Não. Astecas e maias tampouco se desculparam, eles próprios, por terem dizimado as tribos menos belicosas que ocuparam a América Central antes deles. Também não se tem notícia de que os índios tupiniquins, habitantes da costa brasileira quando da chegada de Cabral, tenham tido um momento de remorso por terem expulsado os tupinambás do litoral a golpes de borduna.

A culpa parece pesar mais fortemente sobre os ombros do homem branco. O papa João Paulo II encarnou recentemente essa elevação ética que tem sido a tônica desse começo de milênio. Num édito de noventa páginas ele pediu perdão por erros cometidos pela Igreja em 2 000 anos de existência. No documento, intitulado "Memória e Reconciliação", o papa se penitencia pelo fato de a Igreja ter fechado os olhos às crueldades dos colonizadores europeus das Américas. Pede perdão

NÃO SE FAZEM MAIS NAUS COMO ANTIGAMENTE



Dos treze navios da armada de Cabral que vieram ao Brasil, sete afundaram. Na época dos descobrimentos as baixas eram consideradas normais. Embora fossem construídas com o que havia de mais sofisticado, as caravelas daquele tempo, as que navegavam, eram muito frágeis. Elas representaram um salto tecnológico tão grande que as técnicas empregadas na construção eram guardadas como se fossem segredo de Estado. Uma das principais novidades foi o desenvolvimento de uma vela que permitia às naus manobrar para navegar "contra" o vento. Essa descoberta foi decisiva para encorajar os primeiros navegadores rumo às terras desconhecidas.



Índios de fora da festa: em 500 anos, população reduzida de 6 milhões para 350 000

mais introspectivas poderiam muito bem olhar-se no espelho e pedir perdão ao índio que carregam dentro de si, escondido nas dobras de seu DNA.

Depois dessa corrente de pedidos de perdão, o brasileiro poderia também perdoar, generosamente, os incompetentes que cuidaram do projeto nau *Capitânia*. Eis aí um símbolo perfeito, carnavalesco mesmo, de como funcionam as coisas no Brasil moderno. Mesmo vivendo num país que dispõe de tecnologia náutica para construir navios de grande calado, as autoridades de Brasília não conseguiram colocar em movimento um barco de madeira igual aos que se usavam 500 anos atrás. O projeto foi desenvolvido pelo Clube Naval do Rio de Janeiro, com consultoria do arquiteto francês Henri Scholmoff, que fez diversas pesquisas em Portugal. Como a maioria das informações sobre a embarcação original foi destruída num terremoto no século XVIII, o arquiteto se baseou numa embarcação de Vasco da Gama, semelhante à de Cabral. A estrutura do casco

A vítima mais grave: corte na perna por causa de uma bomba de gás

50 3 de maio, 2000 veja

foi construída com madeira de cedro da Amazônia e recoberta por uma camada de resina especial. A *Capitânia* brasileira possui quatro banheiros e onze cabines com ar condicionado. Também foram instalados freezer, geladeira, forno de microondas, um sistema de navegação por satélite, o GPS, rádio e radar. Por segurança e para não ter de depender do vento, o barco conta com dois motores. Como se vê, a nau pode até ter dificuldade para navegar, mas no quesito conforto ela é nota 10.



AGUIBERTO LIMA/ARTE

Mais do que o fracasso náutico, chama a atenção a operação administrativa financeira que se organizou em torno da nau *Capitânia*. O governo conseguiu repetir em cada etapa de construção do barco aquela conhecida lista de vícios frequentes em obras públicas. Para alguns historiadores, a construção da nau é uma verdadeira aula sobre o Brasil estatal. Eis os vícios contidos no projeto:

Vício nº 1: Superfaturamento. Oçada em quase 4 milhões de reais, ter gente dizendo que poderia ter custado menos de 3 milhões. O Ministério Público já investiga o caso.

Vício nº 2: Atraso. Encomendada Base Naval de Aratu, em Salvador, a nau começou a ser construída em julho de 1998 e deveria estar navegando em fevereiro experimental em dezembro de 1999.

Vício nº 3: Paralisação da obra. Durante alguns meses do ano passado, o governo deixou de repassar dinheiro para o projeto. Em julho, sem poder trabalhar, os 65 funcionários que construíam o barco entraram em férias coletivas.

Vício nº 4: Projeto malfeito. O quadro da página 45 descreve os sete erros que impediram a *Capitânia* de navegar. No início da década de 90, um pequeno estaleiro baiano construiu uma réplica da nau *Niña*, da esquadra de Cristóvão Colombo. O barco foi usado no filme *1492 — A Conquista do Paraíso*, de Ridley Scott, e navega bem até hoje. A *Capitânia*...

MOSTRA Associação Brasil 500 Anos promete resolver os problemas de com

Sinalização confunde Rede

Fotos Flávio Florido/Folha Imagem

Orientação visual é ineficiente

da Reportagem Local

A comunicação visual não é problemática apenas dentro dos pavilhões da mostra. Fora deles, isto é, sob a marquise, nos jardins e nas calçadas que circundam o parque, a sinalização também pode ser vista, mas pouco acrescenta ao visitante.

O item mais problemático são três totens redondos em metal espelhado (com cerca de 4 m de diâmetro cada) colocados próximos à entrada dos pavilhões (um deles chega a obstruir totalmente a visão de um trabalho de Amílcar de Castro, no Jardim de Esculturas do MAM). Os totens deveriam indicar os módulos que cada pavilhão contém e a direção dos outros pavilhões.

Chico Homem de Mello, responsável por eles, justificou o gigantismo de sua opção. "O raciocínio tem que ser feito na escala do parque e não de um detalhe", disse à Folha nas vésperas da abertura da mostra.

Tal raciocínio levou-o ainda a infestar as calçadas que circundam o parque com postes amarelos de acrílico que só servem para indicar o nome da mostra. Segundo Homem de Mello, tudo foi aprovado pela Secretaria do Verde e Meio Ambiente, que administra o parque e cujo secretário é Ricardo Ohtake, também responsável pelo projeto gráfico dos 13 catálogos da mostra. (CF)



No alto, espaço vazio para obra, no módulo Arte: Evolução ou Revolução?; à esq., no alto, Emanuel Araújo, curador, em meio a obras não-identificadas do módulo Negro de Corpo e Alma; à esq., abaixo, fotos expostas sem legenda no mesmo módulo; acima, espaços vazios no módulo Arte Barroca

Governo começa a liberar verba de emenda coletiva em novembro

Comunicações), Dante (de Oliveira, governador de Mato Grosso), enfim, uma enorme quantidade de pessoas

comunicação visual até amanhã Redescobrimiento

FABIO CYPRIANO
da Reportagem Local

Obras de arte sem identificação. Legendas pequenas e em locais de difícil legibilidade. Indicações incorretas de trabalhos expostos. Dez dias de funcionamento da Mostra do Redescobrimiento foram suficientes para que a organização do evento decidisse refazer a comunicação visual da mostra. O responsável pela identidade visual, Chico Homem de Mello, planejou que a maioria das identificações das obras seriam coladas no chão.

Mas, o tamanho da letras difícil — e, em alguns casos até impossível — a legibilidade dos textos. "A exposição está um inferno, precisei me ajoelhar para identificar os autores das obras", contou à Folha Maria Cecília Pedrosa de Paula Machado, de 79 anos, que cedeu várias obras do inglês Charles Landseer para o módulo Olhar Distante.

"Até sexta-feira, todos os problemas de comunicação da mostra estarão resolvidos", declarou a direção da Associação Brasil 500 Anos, através da assessoria de imprensa do evento. Eles prometem que todas as identificações ficarão mais altas, sem dificultar tanto o olhar dos visitantes.

É normal que uma exposição com 15 mil obras enfrentasse problemas, mas muito terá de ser feito até amanhã para acabar com os defeitos de comunicação visual da mostra. A Folha constatou que dezenas de obras continuam ainda sem identificação, especialmente nos módulos Negro de Corpo e Alma e Arte Popular.

Entre os artistas não-identificados adequadamente estão o fotógrafo Mário Cravo Neto e o artista plástico Emmanuel Nassar, este no módulo da Carta de Caminha.

No módulo Negro de Corpo e Alma, além das identificações, fal-

tam também 20 textos explicativos. "É claro que as obras falam por elas mesmas, mas estou indo conversar agora com o Chico Homem de Mello para solucionar este problema", disse Emanuel Araújo, curador do módulo.

Araújo confirmou a dificuldade de compreensão da exposição sem os textos: "Há partes onde mostramos obras com perversidades cometidas contra os negros, e sem uma explicação as obras não têm sentido". É o caso de uma panela onde a tampa é o rosto de uma negra. Quem passa despercebido pode não entender a intenção crítica da curadoria.

Algumas resoluções foram improvisadas no módulo Arte Barroca: legendas que estavam no chão e em lugares sem iluminação foram colocadas dentro de vitrines ao lado das obras, o que certamente não faz parte do conceito proposto por Bia Lessa, a curadora do módulo.

Mesmo assim, várias placas continuavam em lugares de difícil leitura. Além disso, um gráfico que representava imagens de santos contava com legendas no chão que não coincidiam com o gráfico.

Se na Oca não há falta de legendas, os problemas são outros. Várias obras ainda não chegaram, como a réplica do crânio do Homo sapiens que pertence a um museu de Israel, e era identificado como "em trânsito".

Evento: Mostra do Redescobrimiento
Onde: Pavilhão da Bienal, Pavilhão Manoel da Nóbrega e Oca. Entrada pelos portões 3 e 10 do parque Ibirapuera (tel. 0/xx/11/573-6073)

Quando: de terça a sexta, das 14h às 22h, e sábados, domingos e feriados, das 9h às 22h. Até 7 de setembro

Quanto: de terça a sexta, R\$ 7 por pavilhão (R\$ 10 para os três pavilhões); sábados, domingos e feriados, R\$ 10 e R\$ 15 (os três pavilhões). Os ingressos podem ser comprados no local ou pelo tel. 0800-780500



ARTES PLÁSTICAS Artista carioca Adriana Varejão discorda da

Direito autoral altera

CELSO FIORAVANTE
da Reportagem Local

O espectador afinado com arte contemporânea que visitar a Mostra do Redescobrimiento, em cartaz no parque Ibirapuera, poderá — com razão — sentir falta das obras da artista carioca Adriana Varejão. Isso porque, apesar de ser um



dos cerca de 60 artistas selecionados para o módulo Arte Contemporânea, um dos 13 da mostra, ela não tem obras expostas.

Sua ausência (temporária, segundo a curadoria do evento) se deve à Lei do Direito Autoral, recurso levantado pelo advogado da artista para evitar que duas obras suas fossem exibidas sem o seu consentimento.

A questão levantada por Adriana Varejão traz para as artes plás-

ticas uma discussão antes reservada principalmente a temas como música, literatura e teatro: a propriedade da obra de arte e de sua imagem, mesmo depois de o artista ter se desfeito dela.

O início de tudo

A pendenga entre Varejão e a Associação Brasil 500 Anos, que organiza o evento, já se anunciava em janeiro, quando o curador Franklin Espath Pedroso conta-

seleção de duas obras suas e consegue sua substituição

Redescobrimiento

tou a artista para discutir a seleção de obras e falou da intenção de exibir duas obras: uma tela "sem título" de 1989 e a tela "Sudário", de 1991.

"Eu não concordei com a exposição das obras. Achei que elas não eram representativas da minha carreira hoje. Existe uma lei de direitos autorais que diz que o artista tem direito sobre a exibição de sua obra, mesmo que ela pertença a outra pessoa. Fiquei

super satisfeita ao saber que existia essa lei a meu favor", disse a artista à Folha.

"Em janeiro, Adriana havia colocado à disposição outras obras, mas ainda não havíamos ainda chegado à seleção final", disse o curador Pedroso, que divide com o curador-geral, Nelson Aguilar, a seleção de obras do módulo.

As obras, porém, foram incluídas no catálogo do módulo Arte Contemporânea. "Na época em

que o Franklin Pedroso esteve aqui para selecionar obras de outros artistas, em janeiro, ele disse que usaria obras mais antigas de Adriana Varejão. Falei então com ela, que me disse que entraria em contato com ele pois não concordava com a seleção daquelas obras", acrescentou Karla Camargo, sócia da galeria Camargo Vilaça, que representa a artista.

Três meses depois

De janeiro a 23 de abril, quando a mostra foi inaugurada, a cura-

doria manteve sua posição em relação às obras escolhidas. A artista então encaminhou, via seu advogado, uma carta em que solicitava que as obras não fossem exibidas na Mostra do Redescobrimento.

O advogado Augusto de Souza pautou sua argumentação no artigo 29 da Lei dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998), que exige a prévia e expressa autorização do artista para exposição ou circulação de suas obras.

O artigo diz: "Depende de autorização prévia e expressa do autor a utilização da obra por quaisquer modalidades...". O advogado citou ainda o artigo 24, que afirma como direito moral do autor "o de retirar de circulação a obra ou de suspender qualquer forma de utilização já autorizada, quando a circulação ou utilização implicarem afronta à sua reputação e imagem".

"Recebemos a carta do advogado de Adriana Varejão quando preparávamos a exposição, já na fase de montagem. Acatamos o pedido da artista e buscamos sua ajuda para a seleção de outras obras", disse o curador Pedroso, que só voltou a contatar a artista para a solução da pendência na quinta-feira da semana passada.

Diante do acatamento de seu pedido para que as obras não fossem exibidas, Adriana Varejão não viu necessidade em entrar com qualquer recurso legal. "Não precisei, pois eles acataram o meu pedido para a não-exibição daquelas obras. Estou tentando ter uma postura razoável e consciente sobre meu trabalho e minha carreira", justificou a artista. "É como se organizassem uma mostra em favor do Pitta e colocassem obras minhas", complementou.

Segundo o curador Pedroso, o problema não afetará a participação da artista na mostra. "Adriana Varejão não saiu. Ela continua na exposição e será mantida nas itinerâncias", garantiu.

Há dois dias

Anteontem, a curadoria da Mostra do Redescobrimento definiu as duas obras que substituiriam os trabalhos vetados por Adriana Varejão.

A assessoria de imprensa do evento informou que a partir da próxima terça-feira estariam expostos os trabalhos "Igreja Barroca" (1986) e "Atlantes" (1988), ambos do início de sua carreira.

Segundo o curador Pedroso, a substituição das obras não afetará o conceito da mostra, que possui um caráter historiográfico. Isto é: cada artista é representado por obras produzidas no período que curadoria considera o mais importante de sua carreira.

"Sempre prezamos obras do final dos anos 80 e início dos anos 90. Não abrimos mão dos critérios da curadoria, tanto que selecionaremos obras do mesmo período", disse Pedroso há duas semanas.

Procurada pela Folha, a artista plástica disse que ainda não havia assinado a autorização, mas que o faria apenas para colocar um ponto final na história.

Varejão participa, a partir de amanhã, de uma mostra coletiva em Londres, no novo espaço da Victoria Miro Gallery, onde fará uma individual no ano que vem (leia texto à esquerda).

Evento: Mostra do Redescobrimento

Onde: Pavilhão da Bienal, Pavilhão Manoel da Nobrega e Oca (antigo Museu de Aeronáutica). Entrada pelos portões 3 e 10 do parque Ibirapuera (tel. 0/xx/11/573-6073)

Quando: de terça a sexta, das 14h às 22h, e sábados, domingos e feriados, das 9h às 22h. Até 7 de setembro

Quanto: de terça a sexta, R\$ 7 por pavilhão (R\$ 10 para os três pavilhões); sábados, domingos e feriados, R\$ 10 e R\$ 15 (os três pavilhões). Os ingressos podem ser comprados no local ou pelo tel. 0800-780500

Nr. 20 / 12. Mai 2000

National-Zeitung
Deutsche Wochenzeitung

500-Jahr-Feier in Brasilien

Kein Festakt für Indios

In einer Meldung vom 24. April aus Porto Seguro, einem Küstenort rund 1000 Kilometer nördlich von Rio de Janeiro, wo Tausende von Demonstranten mehr Rechte für Indios, Schwarze und Bauern forderten, heißt es kurz und bündig: „In Brasilien ist die offizielle 500-Jahr-Feier des Landes von Protesten begleitet worden.“

Ein riesiges Aufgebot von Sicherheitskräften wurde in Stellung gebracht, denn die Regierung wollte ihre Macht gegenüber der Urbevölkerung demonstrieren; und die Präsidenten Brasiliens und Portugals sollten ungestört „ihre“ historische Datum feiern können: die Entdeckung Brasiliens durch den Portugiesen Pedro Álvares Cabral am 22. April 1500.

Von offizieller Seite wurde zum Ereignis berichtet: „Vor genau 500 Jahren hatte der portugiesische Seefahrer Álvares Cabral einen Teil der Küste des heutigen Brasiliens für Portugal in Besitz genommen.“ Mehr als 40 Schiffe ahmten anlässlich der Feierlichkeiten die Ankunft Cabrals nach. Präsident Cardoso erklärte in seiner Festansprache zwar, dass das „brasilianische Volk nicht allein aus dem portugiesischen hervorgegangen“ sei und „seinen Ur-

sprung genauso bei den Indio-Völkern finde und „auch afrikanische Wurzeln“ habe. Doch gerade Indios und Schwarze sind es, deren Schicksal durch Ausrottung, Versklavung und Ausplünderung gezeichnet ist.

In der „Brasil-Post“ wird zur Geschichte der Ureinwohner bzw. deren Nachkommen, aus deren Sicht es nichts zu feiern gibt, ins Bewusstsein gerufen: „Was ist von ihnen übrig geblieben? Einst sollen etwa 80 Millionen Eingeborene die Wälder, die Hochflächen und die Steilhänge zum Meer besiedelt haben. Doch ein Jahrhundert während Genozid aus Kolonialisierung, Christianisierung, Goldrausch und Landnahme hat die brasilianischen Indios auf heute höchstens 300.000 reduziert.“ Sie lebten entweder vielfach isoliert oder in Reservaten. Gesellschaftlich ausgegrenzt müssen nicht wenige beispielsweise als Minenarbeiter oder Tagelöhner in den Gold-, Quarz- oder sonstigen Minen des Nordens ihren Lebensunterhalt bestreiten. In aller Regel müssen Indios die niedrigsten Arbeiten verrichten. „Die Portugiesen haben uns nicht entdeckt, sondern ausgeplündert und uns das Land gestohlen“, erklärten sie im Vorfeld der

Festlichkeiten der herrschenden gesellschaftlichen Schicht.

Heimatlos auf eigenem Boden

Die Häuptlinge der überlebenden Stämme beschlossen deshalb, der versklavten, an Seuchen gestorbenen oder abgeschlachteten Vorfahren zu gedenken. Sie stellten nahe der Bucht, in der die portugiesischen Erobererschiffe Anker geworfen hatten, ein Denkmal auf: die Figur eines trauernden Indios. Doch die Statue stand nur kurze Zeit. Nach wenigen Stunden rückte die Militärpolizei an und beseitigte das Standbild. Der Festakt Herrschender sollte nicht durch Erinnerung an die Ermordungen von Indios, an die Zwangsarbeit und an die Krankheiten,

National-Zeitung
Das Gewissen der Nation

mit denen die Portugiesen die Ureinwohner infiziert hatten, getrübt werden.

Die Sklaverei schaffte das 1822 unabhängig gewordene Brasilien erst 1888 offiziell ab, später als das vormalige „Mutterland“ Portugal und später auch als die anderen amerikanischen und karibischen Staaten. Und das Brasilien von heute? Die koloniale Sklavhaltergesellschaft wirkt durch fehlgeleitete Entwicklung zu Lasten insbesondere derer, die Nachfahren der Ureinwohner sind oder direkt oder indirekt von Negerklaven abstammen, nach: Über 40 Prozent der etwa 170 Millionen Einwohner müssen mit weniger als zwei Dollar pro Tag auskommen, fast ein Viertel der Bewohner sogar mit weniger als einem Dollar. Mitte der 90er Jahre entfielen in Brasilien fast 50 Prozent der Einkommen auf die 10 Prozent Reichsten an der Spitze der Einkommenspyramide, während sich die ärmsten 20 Prozent mit 2,5 Prozent des Gesamteinkommens begnügen mussten.

500 Jahre Überlebenskampf der Indios in Brasilien – Ausrottung, Gewalt, Unterdrückung. Kein Grund für Feierlichkeiten der Urbevölkerung! Und so hielten die zum Protestmarsch formierten Nachkommen der Ureinwohner der zuschlagenden Staatsmacht in Porto Seguro entgegen: „Die Gewalt gegenüber den Indios – das ist das wahre Gesicht Brasiliens seit der Entdeckung des Landes durch portugiesische Eroberer.“



Die Nachfahren der Überlebenden der Ausrottung der Ureinwohner Südamerikas geben sich mit der ihnen zudiktierten Rolle von Menschen minderen Rechts nicht zufrieden. Unser Bild zeigt einen Demonstrationmarsch in der brasilianischen Hauptstadt Brasília, nachdem Indianer die Absperrungen vor dem Parlamentsgebäude durchbrochen haben und in die Räumlichkeiten des Kongresspräsidenten Magalhães vorgedrungen sind. Die Sprecher der rechtmäßigen Einwohner verlangten „mehr Würde und Achtung“ durch die Herrschenden sowie die Verabschiedung eines Gesetzes, das ihnen Eigenständigkeit und gleiche Rechte gewährt. Im Bild kommen die heftigen Auseinandersetzungen zwischen dem Parlamentspräsidenten und den demonstrierenden Indianern zum Ausdruck.

Sitio Guarda / Cimbres - Pesqueira - PE - BRASIL

SEDE: Sitio Guarda s/nº - Cimbres - Pesqueira - PE
ESCRITÓRIO REDACÇÃO: Rua João Guilherme Pontes Sobrinho, 351 St. 05
Boa Viagem - Recife - PE Insc. no CNPJ: 12.659.546/0001-38
Fonefax: (081) 465.8529 / 465.8958 - Cel.: 9132.6928

Apresentação

O CEDECOM - Centro de Desenvolvimento Comunitário Monsenhor José Kehrl, é uma Sociedade Civil sem fins lucrativos, fundado em 1988, com sede no Sítio Guarda/Cimbrões - Pesqueira - PE e escritório no Recife - PE, apresenta suas Ações, Objetivos e Metas destinadas ao desenvolvimento do Santuário e das comunidades locais.

Objetivos Sociais

- Promover o desenvolvimento da comunidade, através de atividades sociais, culturais, esportivas, assistenciais, educacionais, bem como através da realização de obras e melhoramentos na localidade;
- Instalar, manter e operar creches para as comunidades locais, bem como proporcionar atendimento à crianças e adolescentes em meio aberto;
- Realizar atividades voltadas ao desenvolvimento das potencialidades individuais e o incentivo às atividades artesanais, como forma de possibilitar a ampliação da renda familiar dos beneficiários;
- Colaborar no sentido de assegurar às comunidades do Sítio Guarda o direito de proteção à vida, saúde e educação;
- Promover programas e campanhas assistenciais;
- Firmar convênios, contrato ou ajustes com órgãos públicos ou entidades privadas, nacionais ou internacionais;
- Promover programas de qualificação profissional voltados ao desenvolvimento do Turismo Religioso, visando a melhoria da qualidade de vida da comunidade local e o bem estar dos peregrinos;
- Coordenar, orientar e acolher as peregrinações ao "Santuário Nossa Senhora das Graças";
- Realizar e organizar eventos culturais e educacionais voltados ao desenvolvimento social.

Ações Desenvolvidas

- Elaborou o Projeto "Monumento à Nossa Senhora das Graças" a ser instalado na entrada de Pesqueira;
- Convênio de Cooperação Técnica com a Prefeitura de Pesqueira - PE, para elaboração de projetos de desenvolvimento social;
- Parcerias com o COOPESE - Cooperativa de Serviços Educacionais e Profissionais de PE na execução dos cursos de Educação Ambiental e Condutores Turísticos Mirins/97;
- Permanente trabalho de evangelização com 04 (quatro) comunidades localizadas no Santuário Nossa Senhora das Graças;
- Permanente orientação e acolhimento aos peregrinos visitantes do Santuário.
- Promoção de campanhas assistenciais para doação de cestas básicas para famílias

Metas para 1999/2000

- Articular parcerias com órgãos públicos e privados para concretizar seus objetivos sociais;
- Instalação de 02 creches nas 04 (quatro) comunidades do Sítio Guarda para atender 300 menores das referidas comunidades;
- Instalação de oficinas de artesanato visando ampliação da renda familiar das comunidades de Sítio Guarda;
- Realizar palestras mensais sobre hábitos de higiene e saúde preventiva;
- Instalação de posto de saúde no Santuário;
- Promover campanhas junto às comunidades para comemoração do dia das Mães, Pais, Crianças e Natal;
- Apoiar a realização da Festa de Comemoração das aparições de N.S. das Graças no mês de agosto;
- Articular parcerias para implantação do Projeto Piloto de Capacitação Profissional para os Agentes do Turismo Religioso / Cimbrões;
- Articular o poder público para a melhoria das condições de acesso ao Santuário, bem como viabilizar a instalação de telefonia fixa e móvel;
- Produção de uma HOMEPAGE do CEDECOM;
- Promover junto à Prefeitura de Pesqueira a instalação do Centro de Educação Profissional e um Centro para comercialização de Artesanato na vila de Cimbrões;
- Execução do Projeto "CIMBRES - Projeto de Desenvolvimento Turístico Integrado Santuário Nossa Senhora das Graças" em área de 1.000 m² doada ao CEDECOM e viabilizar juntos aos órgãos competentes execução do mesmo;
- Promover Seminários sobre "Cidadania" para as comunidades de Cimbrões, Cajeiro e Sítio Guarda;
- Ampliação do quadro de associados para garantir a execução das metas propostas para 1999/2000;
- Desenvolver atividades assistenciais junto às 04 (quatro) comunidades localizadas no Santuário totalizando 125 famílias e 300 menores na faixa etária de 01 a 16 anos.
- Instalação de box de Informações Turísticas na Cidade de Pesqueira e Distrito de Cimbrões.



Entrevista: Riobaldo Tatarana

Roberto Pompeu de Toledo Ensaio

Em honra, ainda que tardia, aos 500 anos, passa-se a palavra a um dos mais ilustres brasileiros

Resposta — Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vaim, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar — é todos contra os acasos. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois no fim dá certo.

P — Mas sua vida parece a de alguém "perdido no vai-vem". Se Deus existe, por que isso acontece?

R — Ah, então: mas tem o Outro — o figura, o morcego, o tunes, o cramolhão, o debo, o carochi, o pé-de-pato, o mal-en-carado, aquele — o-que-não-existe!

P — Quer dizer, o diabo, uma obsessão sua. Ele existe ou não existe?

R — Que não existe, que não, que não, é o que minha alma soletra.

P — O senhor tanto diz que não existe que no fundo parece não acreditar nisso.

R — Olhe: o que devia de haver era de se reunirem-se os sábios, políticos, constituições gradas, fecharem o definitivo a noção — proclamar por uma vez, artes assembleias, que não tem diabo nenhum, não existe, não pode. Valor de lei! Só assim, davam tranquilidade boa à gente. Por que o Governo não cuida?

O entrevistado, já se sabe, é o personagem-narrador de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. As perguntas são inventadas, as respostas citações do livro. Que este breve contato com Riobaldo, para quem o conhece, sirva de reencontro, e, para quem não o conhece, de estímulo ao mergulho nas águas profundas deste livro sagrado que é o *Grande Sertão*.

P — O senhor luta por acreditar que o diabo não existe. Mas, num momento crucial, parece ter feito um pacto com ele. O senhor vendeu ou não a alma ao diabo?

R — Todos não vendem? Digo ao senhor: o diabo não existe, não há, e a ele eu vendi a alma. Meu medo é esse. A quem vendi? Medo meu é esse, meu senhor: então, a alma, a gente vende, só, é sem nenhum comprador.

N em índio, nem português. O leitor já não se fartou de índio e de português? Esta página se associa, ainda que tardiamente, às comemorações do 500º aniversário do Brasil prestando homenagem a um terceiro espécime — um brasileiro. E, entre os brasileiros, um dos mais perfeitos, jagunço tão destemido na briga quanto perplexo no redemoinho da vida, possuído da aflição de acertar o passo na dança incompreensível dos mistérios do mundo. Com os leitores, Riobaldo Tatarana.

Pergunta — Deus existe?

P — O senhor parece muito confuso...

R — Que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados... Como é que posso com este mundo? Este mundo é muito misturado.

P — Misturado como?

R — Se não, o senhor me diga: preto é preto? branco é branco? Ou: quando é que a velhice começa, surgindo de dentro da mocidade?

P — O senhor teve um grande amor — por um companheiro seu, ou talvez companheira. Aquele, em todo caso, a quem chamava Diadorim. Foi amor mesmo?

R — Se amor? Era aquele latifúndio. Eu ia com ele até o Rio Jordão... Diadorim tomou conta de mim.

P — Mas o senhor não deixou de andar com prostitutas...

R — Renego não, o que me é de doces usos: graças a Deus toda a vida tive estima a toda meretriz, mulheres que são as mais nossas irmãs, a gente precisa melhor delas, dessas belas bondades.

P — O senhor parece lembrar de cada detalhe de sua vida...

R — Não gosto de me esquecer de coisa nenhuma. Esquecer, para mim, é quase igual a perder dinheiro.

P — O senhor teve medo, na vida?

R — Homem? É coisa que treme. Cada hora, de cada dia, a gente aprende uma qualidade nova de medo!

P — Aprende com quem? Quem é bom mestre?

R — Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.

P — Ao aprender, as pessoas mudam. Não é ruim ficar mudando?

R — Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Isso que me alegra, montão.

P — O senhor chegou a chefe de bando de jagunços. Era bom mandar?

R — Tinham me dado em mão o brinquedo do mundo.

P — E a jagunçada o seguia?

R — Aonde eu ia, todos achavam natural. Chefe é chefe. Será que eles não sabiam que eu não sabia aonde ia?

Nos comentários sobre os 500 anos, só faltou exigirem que se revogasse o Brasil. Ou melhor: não faltou. Ao se insistir em que tudo deu errado, que foi tudo um equívoco, que índio isto, que português aquilo, o que no fundo se pedia era a revogação do Brasil. Mire veja o leitor e a leitora: se não houvesse Brasil, não haveria *Grande Sertão: Veredas*. E sem *Grande Sertão: Veredas* não haveria Riobaldo. Deviam ter pensado que pelo menos para isso serviu. E o resto é silêncio. Ou melhor, mais uma pergunta, senhor Riobaldo. O que é o silêncio?

R — O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais.

23.5.00 by

PÁGINA 2

Para Luiz Fernando
Levy, guerra fiscal ajuda
a descentralização



PÁGINA 3

Cresce procura
festas de casamento
hotéis cinco estrelas

US\$ 8,5 milhões para levar Mostra ao Guggenheim

Adriana Fernandes Farias
de São Paulo

A Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, que organizou a megaexposição do Redescobrimento no parque do Ibirapuera, investirá US\$ 8,5 milhões para levar parte da Mostra aos museus Guggenheim de Nova York e Bilbao. Para tanto, organizará uma nova entidade, a Brazil U.S. Council, que captará recursos nos Estados Unidos.

A intenção, segundo Edegar Cid Ferreira, presidente da Associação, é "ter um reconhecimento internacional do país através da exposição".

A mostra *Brasil: Corpo e Alma* reunirá obras do Barroco (séculos 17 e 18), da arte moderna e da arquitetura brasileiras. Chega em setembro de 2001 a Nova York e em abril do ano seguinte à Espanha. Serão cerca de 250 peças, de uma capela barroca a esculturas contemporâneas, abrangendo artistas como Antônio Francisco Lisboa (o Aleijadinho), Tarsila do Amaral e Oscar Niemeyer.

Mostra "Brasil: Corpo e Alma" chega em setembro de 2001 a Nova York e em abril de 2002 à Espanha, com 250 peças

Segundo Thomas Krens, diretor da Fundação Solomon R. Guggenheim, as peças serão selecionadas por uma equipe de curadores da fundação, assessorada por peritos e historiadores brasileiros. "A mostra tem um escopo diverso e será diferente da que está aqui", disse.

Os US\$ 8,5 milhões irão custear gastos como seleção e transporte das peças, seguro, edição de catálogo e armazenamento. "Estou tranquilo

quanto a conseguir o retorno do investimento", disse Ferreira, apostando no interesse de possíveis patrocinadores norte-americanos.

Ele explica que esse investimento foi feito pela Brasil 500 Anos por causa do curto espaço de tempo (dois anos) para levar a mostra ao exterior. "Uma exposição como essa precisa de cinco anos de planejamento", reforçou Krens.

Portugal bancará metade dos gastos para receber parte da mostra do Redescobrimento e a Argentina buscará, juntamente com a associação, os patrocinadores locais. ■



O percussionista Naná Vasconcelos, que participa do festival

O redescobrimento do Ibirapuera

PEDRO PAULO DE SENA MADUREIRA

1.6.00
R EPORTO-ME ao artigo "Mega-mostra e pires na mão", assinado por Lulu Librandi e publicado neste espaço anteontem, 29/5.

Não me cabe debater questões de política cultural, sobretudo quando conceitos graves, e de extrema pertinência, que estão em discussão séria no mundo todo, são deformados para servir de trampolim a afirmações que não correspondem aos fatos. Senão vejamos:

1 - Yacoff Sarkovas é o principal executivo da Articultura Comunicação Ltda., contratada pela Associação Brasil 500 Anos para elaborar e executar o plano de comunicação e captação de recursos da Mostra do Redescobrimento. Graças a esse trabalho, e ao da equipe da associação, realizou-se talvez o maior "case" de marketing cultural deste país.

2 - A equipe de Júlio Neves, ao longo dos últimos cinco anos, vem restaurando o Masp segundo os mais modernos procedimentos arquitetônicos e civis, ampliando, inclusive, seu espaço expositivo e sua climatização, com recursos de mais de R\$ 15 milhões, oriundos da iniciativa privada, em que se destacam o grupo Votorantim e o Banco Alfa.

3 - A memória do ilustríssimo crítico Mário Pedrosa está ressaltada no texto de introdução dos 14 catálogos da Mostra do Redescobrimento, além da presença de gigantesco painel alusivo à sua importância na entrada da exposição de arte contemporânea da mostra.

4 - A cenografia aplicada à mostra — com o intuito de atrair e seduzir o maior público possível, e para melhor relação deste com as obras — recebeu aprovação de 92% dos visitantes, segundo pesquisa do Datafolha.

5 - Quanto aos transtornos no parque Ibirapuera, é preciso considerar que

O total aplicado pela Associação Brasil 500 Anos no Ibirapuera equivale a R\$ 15,076 milhões

— conforme o plano diretor de Oscar Niemeyer para esse parque, publicado no "Diário Oficial" nº 140 do município de São Paulo, de 24/7/1996 — o MAM é a única instituição a ocupar irregularmente a marquise.

Nesse mesmo plano, destina-se área específica para a construção definitiva do MAM, até agora não iniciada.

Além disso, é fato público que o ex-secretário municipal do Verde e do Meio Ambiente, Ricardo Ohtake, ofereceu-se à diretoria do MAM para iniciar entendimentos no sentido de que este pudesse ocupar o prédio, no parque, que serve ao Prodam. Ambos os projetos exigem recursos e vontade de realizá-los.

6 - A Mostra do Redescobrimento custa, em São Paulo, R\$ 49 milhões, dos quais R\$ 1,6 milhão tem origem no Ministério da Cultura. Dois milhões e meio de reais vieram de empresas em que o governo federal tem participação acionária. A iniciativa privada, portanto, responde por 92% dos recursos totais.

É público que os recursos disponíveis para incentivos às atividades culturais, no âmbito da chamada Lei Rouanet, montam hoje a cerca de R\$ 180 milhões.

Do total arrecadado pela Mostra do Redescobrimento, até agora cerca de R\$ 9 milhões se valeram desses incentivos, ou seja, apenas 5% daquele total disponível. Sobram recursos consideráveis a

ser utilizados...

7 - Dos R\$ 49 milhões da Mostra do Redescobrimento, a diretoria da Associação Brasil 500 Anos, presidida por Edemar Cid Ferreira, aplicou: a) na Fundação Bienal de São Paulo: R\$ 1,236 milhão em recursos e cerca de R\$ 500 mil em benfeitorias; b) na Pinacoteca: R\$ 840 mil em recursos e cerca de R\$ 300 mil em benfeitorias; c) na Oca: R\$ 10,5 milhões na recuperação arquitetônica, civil, elétrica e hidráulica do prédio, com sua perfeita climatização e a instalação de elevador; d) no MAC: R\$ 60 mil em recursos; e) na marquise: R\$ 610 mil na reforma e na remoção de diversas instalações; f) no Museu da Aeronáutica (fechado no parque havia 14 anos): R\$ 850 mil para sua reabertura no parque do Cemucam, onde se construíram dois galpões (total de 1.500 m²) e se reformaram os prédios existentes, abrigando-se aí os escritórios e o acervo; g) no Museu do Folclore (também fechado no parque havia 14 anos): R\$ 180 mil para recuperação da Casa do Sertanista, que passou a acolhê-lo, estando aberto ao público.

8 - O total dos recursos aplicados pela Associação Brasil 500 Anos no Ibirapuera equivale a R\$ 15,076 milhões.

9 - No caso da Oca, da marquise, da Pinacoteca e da Bienal, contou-se com a indispensável supervisão do arquiteto Oscar Niemeyer.

A Associação Brasil 500 Anos, alicerçada nos recursos de seus patrocinadores, cumpriu um dever de cidadania ao recuperar parte do Ibirapuera para a comemoração dos 500 anos do Brasil.

Pedro Paulo de Sena Madureira, 53, editor do grupo Siciliano, é conselheiro da Fundação Bienal de São Paulo e vice-presidente da Associação Brasil 500 Anos.

STUD. 1211
WIRTSCHAFTS
2002-2003
1000-1000-1000

500 ANOS Empresa suspeita que os gastos com eventos comemorativos do Brasil foram superfaturados

Embratur suspende contratos

OUTRO LADO

“Não tem nada superfaturado”, afirma pastor

DA REPORTAGEM LOCAL

O pastor Vilarindo Lima, que organizou o evento “Com Jesus São Outros 500”, diz que não houve gastos irregulares no encontro: “Não tem nada superfaturado. Temos comprovantes de todos os gastos”, afirma.

O público estimado pela Embratur, de 2.000 pessoas, é “mentiroso”, segundo Lima. Ele diz ter uma estimativa oficial da Defesa Civil do Distrito Federal, segundo a qual compareceram 82 mil pessoas.

A Dell'Arte informa que produziu os 100 mil CDs previstos no contrato. Distribuiu 150 na sede da Embratur em Brasília, no dia 20 de abril, e 2.000 em Porto Seguro, no dia seguinte.

Segundo a empresa, o restante já foi entregue ao jornal

“Diário de Notícias”, de Portugal. Ele irá distribuir o lote no dia 7 de setembro, segundo a Dell'Arte.

Luiz Carlos Barreto, encarregado de produzir o documentário sobre a festa dos 500 anos, diz que “não há irregularidade nenhuma” no contrato.

Barreto diz que o documentário custou R\$ 592.920,00 porque foram rodadas sete horas de filme. Para filmá-las, Barreto diz ter utilizado uma equipe de 17 pessoas e 2 câmaras.

“Não é um documentário chapa-branca. Ele foi dirigido por um diretor indicado para o Oscar, o Fábio Barreto”. Fábio dirigiu “O Quatrilho”, que concorreu ao Oscar de melhor filme estrangeiro em 1996.

Júlio Neves, presidente do Masp, diz que com os R\$ 300 mil que recebeu da Embratur para fazer a exposição sobre os 500 anos “não dá para superfaturar nada.” “A exposição custou quase R\$ 1 milhão e a Embratur só deu R\$ 300 mil. É subfaturamento.”

MARIO CESAR CARVALHO
DA REPORTAGEM LOCAL

A Embratur decidiu suspender o pagamento de R\$ 4,47 milhões, relativos a gastos com eventos comemorativos dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, por suspeitar que os valores são superfaturados.

Os contratos foram assinados à época em que o ministro do Esporte e Turismo era Rafael Greca, demitido no final de abril e que reassumiu a função de deputado federal pelo PFL.

Todos os contratos estão sendo auditados, mas em pelo menos um já há veredicto — a Embratur diz que não pagará R\$ 364.135,20 para os organizadores do evento “Com Jesus São Outros 500”, realizado na Esplanada dos Ministérios em Brasília no dia 29 de abril. O encontro foi organizado por evangélicos.

“Não é justo dar dinheiro para evangélicos e não dar para espíritas, budistas ou adeptos do candomblé”, afirma Wilson Teixeira Soares, assessor da presidência da Embratur.

Segundo uma avaliação da Embratur realizada a partir de fotos, cerca de 2.000 pessoas participaram do evento “Com Jesus São Outros 500”.

Show

Não havia nada no encontro que justificasse o pagamento de R\$ 364.135,20 — e por isso o pagamento foi cancelado.

Um show realizado no estádio do Maracanã, chamado “Canta Brasil 500”, reuniu cerca de 100 mil pessoas e custou menos do

Outros projetos estão parados

DA REDAÇÃO

O Ministério do Esporte e Turismo já havia paralisado outras liberações de verbas para eventos comemorativos dos 500 anos de Descobrimento.

Cerca de R\$ 45 milhões foram destinados pelo governo para as comemorações.

A medida foi anunciada para investigação de eventuais irregularidades.

A paralisação do projeto Marcos Históricos, por exemplo, que prevê a restauração de monumentos históricos, sustou a distribuição de cerca de R\$ 17 milhões para obras e reformas em vários Estados brasileiros.

domingo, 11 de junho de 2000 A 13

comemorativos do Descobrimento do Brasil foram superfaturados

Contratos de R\$ 4,5 mi

OS EVENTOS SOB SUSPEITA

Evento	Valor, em R\$
Patrocínio do evento "Canta Brasil 500", realizado no Maracanã, no Rio, em 21 de abril	156.000,00
Patrocínio do evento "Com Jesus São Outros 500", que aconteceu em Brasília em 29 de abril	364.135,20
Produção do documentário "Comemoração dos 500 Anos do Brasil"	472.140,00
Produção de 100 mil CDs comemorativo do 5º centenário do Descobrimento	592.920,00
Reimpressão de 5.000 exemplares do livro "Guarakessaba"	150.371,10
Patrocínio de 10 mil exemplares do livro infantil "Notícias do Descobrimento"	67.417,20
Exposição de arte comemorativa dos 500 anos, realizada no Masp	312.000,00
2º Ciclo de Idéias, no Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná	42.750,00
Concertos de música e espetáculos de dança e teatro em dez pólos culturais da Europa e América Latina	2.320.000,00
Total	4.474.733,50

que a metade do "Com Jesus São Outros 500" —R\$ 156 mil.

Mesmo assim, os gastos no Maracanã estão sendo auditados.

Vilarindo Lima, presidente do Conselho de Igreja e Pastores de Brasília e pastor da igreja Batista, diz que a Defesa Civil do Distrito Federal estimou que havia 82 mil pessoas no encontro.

"Só fizemos o evento porque a Embratur disse que iria pagá-lo. Se não houvesse o patrocínio, não faríamos o encontro", declarou o pastor Lima.

Segundo ele, o patrocínio foi acertado com o então ministro Rafael Greca.

"Para a Igreja Católica deram

tudo e para nós não querem dar nada", critica.

A Igreja Católica, porém, não recebeu recursos da Embratur para os festejos dos 500 anos, segundo a assessoria da empresa.

Livro

Outro contrato que foi cancelado refere-se à edição do livro "Guarakessaba", sobre a área de preservação ambiental Guaraquecaba, que fica no norte do Paraná, Estado do ex-ministro Greca. Os 5.000 exemplares do livro de 144 páginas custariam R\$ 150.371,10. O deputado federal Rafael Greca (PFL-PR) diz que não foi ele quem sugeriu a reim-

pressão do livro, mas a comissão encarregada de organizar a festa dos 500 anos.

"Lamento que haja o corte. O mundo perderá um belo livro", afirmou Greca, por meio de sua assessoria.

A lista de contratos sob suspeita inclui 100 mil CDs com músicas de Villa-Lobos e poemas de Jorge de Lima e de Mário de Andrade, declamados pela atriz Fernanda Montenegro. Eles foram orçados em R\$ 592.920,00.

Os CDs, produzidos pela empresa Dell'Arte, deveriam ser distribuídos em Portugal, encartados no jornal "Diário de Notícias", segundo a Embratur.

Mas os CDs não deram entrada no almoxarifado da empresa em Brasília nem foram distribuídos em Portugal, diz a empresa.

O documentário sobre a festa dos 500 anos em Porto Seguro, feito pela produtora de Luiz Carlos Barreto, também está na lista de suspeitos, como foi revelado pela colunista Mônica Bergamo, da Folha, no último mês.

O documentário (de 20 minutos) e mais sete horas de imagens do Brasil custaram R\$ 472.140,00.

O evento mais caro do pacote, uma série de concertos e espetáculos de dança e teatro que percorreria dez pólos culturais da Europa e da América Latina, está cancelado. O evento custaria R\$ 2,32 milhões.

Na avaliação da Embratur, os concertos deveriam ser pagos pelo Ministério da Cultura, já que são eventos culturais.

E o ministro Francisco Weffort nem sabia que eles estavam programados.

Wem gehört der Osterberg?

Brasilien – 500 Jahre nach Ankunft der Portugiesen

Forum Weltkivide: Aug. 2000

HORST GOLDSTEIN

Schon im Vorfeld gab es vielseitige Kritik an den geplanten Feierlichkeiten aus Anlass der Ankunft der Portugiesen im Jahre 1500. Die Entdeckung Brasiliens – nennt es die offizielle Geschichtsschreibung. Der Beginn von Invasion, Völkermord und Gewalt nennen es die Opfer der Geschichte. In einem feierlichen Gottesdienst haben die Bischöfe die Opfer um Vergebung gebeten.

dauern?« Und wieder bekommt Matalaué Beifall.

Einige Tage zuvor – am 22. April, der in der traditionellen Geschichtsschreibung als Tag der Entdeckung Brasiliens durch die Portugiesen gilt – war es zu schweren Ausschreitungen der Polizei gegen Demonstranten gekommen. Die offiziellen Feierlichkeiten

sollten in Ordnung und Ruhe ablaufen. Mit Gummigeschossen und Tränengasbomben hatten Bundes- und Landstruppen in eine Menge von zweitausend Indigenas geballert. Drei Stunden lang war die Menschenmenge eingekesselt worden. An anderer Stelle wurde ein Protestmarsch von landlosen Bauern und Vertretern der Bewegung Fünfhundert andere Jahre lahm gelegt. Fünfzehn Indigenas wurden verletzt, mehr als einhundertvierzig Menschen verhaftet.

Ort und Szene sind weltweit übers Fernsehen geflimmert: Coroa Vermelha, ein Strand im Süden des brasilianischen Bundesstaates Bahia am 26. April 2000. Vor dem Hintergrund des offenen Atlantiks feiern dreihundertfünfzig Bischöfe der Nationalen Bischofskonferenz einen festlichen Gottesdienst. Anlass: Das Land wird, wie es offiziell heißt, fünfhundert Jahre alt. Da bietet sich der malerische Ort geradezu an. Denn hier hat auf den Tag genau vor fünfhundert Jahren der Franziskaner Frei Henrique von Coimbra – umgeben, auf der einen Seite von portugiesischen Seefahrern, Kaufleuten und Kriegerern, und, auf der anderen Seite, von staunenden Ureinwohnern, die den unbekanntem Ankömmlingen jede Geste nachmachten – die erste Messe auf brasilianischem Boden gefeiert.

Der Vorsitzende der Bischofskonferenz, Dom Jayme Chemello, bittet im Namen seiner Kollegen und in Anwesenheit des vatikanischen Staatssekretärs Angelo Sodano Indigenas und Schwarze um Vergebung. Die Indigenas, weil man ihre Rechte nicht immer geachtet habe, und die Schwarzen, weil diese ihre Würde als Söhne und Töchter Gottes nicht immer respektiert hätten sehen können. Daraufhin ergreift Matalaué vom Volk der Pataxó – bloßer Oberkörper, gelber Federschmuck, blaue kurze Hose und darüber ein Piassavaroock – das Mikrophon und ruft den Bischöfen zu: »Vergeben, nein, das können wir nicht. Wer sollte denn dieses ganze Morden an uns Indigenas überhaupt vergeben können!« Ein Augenblick Stille. Dann Applaus seitens der kirchlichen Würdenträger. »Wir fordern, dass die Verantwortlichen für all die Massaker in der Geschichte und auch die Urheber dafür, dass wir gerade erst bei der offiziellen Feier mit Schlagstöcken und Tränengas vertrieben wurden, bestraft werden. Soll das alles noch einmal fünfhundert Jahre

CIMI – der Indianermissionsrat der brasilianischen Bischofskonferenz – gibt wöchentlich einen Info-Brief auch in deutscher Sprache raus. Dort finden sich zahlreiche Informationen über Entwicklungen oder Ereignisse, die die indigenen Völker Brasiliens betreffen. Die Adresse lautet: <http://www.cimi.org.br/informealem.htm>

Vom 17.–21. April 2000, also direkt vor den offiziellen Feierlichkeiten aus Anlass der 500-jährigen Entdeckung

Brasiliens fand ein Treffen der indigenen Völker Brasiliens in Coroa Vermelha in Bahia statt. Das Schlussdokument dieser Versammlung findet sich im Internet unter folgender Adresse: <http://www.cimi.org.br/Outros%20500/Marcha/21deabril.htm>

Die Zeitschrift Porantim – eine Publikation von CIMI – ist ebenfalls im Internet vertreten. Die Adresse: <http://www.cimi.org.br/Porantim/principal.htm>

Das Volk der Pataxó fordert sein Recht Portugiesische Seefahrer sichteten auf dem Weg nach Indien am 22. April 1500 unbekanntes Land und nahmen es einige Tage später für ihren König in Besitz. Da sie gerade das Osterfest gefeiert haben, taufte sie den Berg, den sie vom Meer aus erkennen konnten, Monte Pascoal. So gilt der 1500 Meter hohe Osterberg in der offiziellen Historiographie Brasiliens als Symbol für

die Entdeckung des Landes durch den Portugiesen Pedro Álvares Cabral im Jahre 1500.

500 Jahre nach Ankunft der Portugiesen fordern die von den fünf Millionen Ureinwohnern, die Brasilien 1500 zählte, heute noch verbliebenen 300.000 Indigenas seit langem, dass die ihnen von Gesetzes wegen zugestandenen Gebiete vermessen und gesichert werden. Im Süden des Staates Bahia werden weite Landstriche, einschließlich des *Monte Pascoal*, von verschiedenen Gruppen der Pataxó-Indigenas beansprucht. Um ihr Anliegen voranzutreiben, war der Häuptling der Pataxó-Hã-Hã-Indigenas, Galdino Jesus dos Santos, vor drei Jahren in die Hauptstadt Brasília gefahren. Als er unter dem Schattendach einer Bushaltestelle im Zentrum der Stadt übernachtete, wurde er im Morgenrauen des 20. April 1997 von fünf jungen Männern mit Benzin übergossen und bei lebendigem Leibe verbrannt. Die jugendlichen Mörder, die – allesamt aus der Mittelschicht stammend – auf frischer Tat ertappt

wurden, gaben an, sie hätten sich nur einen »Scherz« erlauben wollen.

Enttäuscht von dem endlosen Kleinkrieg mit den zuständigen Behörden, besetzten die Pataxó am 19. September 1999 den *Osterberg* und nahmen ihn für die indigene Bewegung in Besitz.

Indigene Völker erheben ihre Stimme Vom 22.–24. September 1999 trafen sich in Porto Seguro in Südbahia 112 Vertreterinnen und Vertreter von insgesamt 39 indigenen Völkern Brasiliens. Zum Abschluss ihres Treffens verabschiedeten sie ein Manifest. Darin heißt es: »Wir sind hier in einer Gegend des Staates Bahia zusammengekommen, in der für unsere Völker eine fünfhundertjährige Geschichte von Leid und Mord ihren Anfang genommen hat. Voller Schmerz, aber nicht ohne Hoffnung haben wir das halbe Jahrtausend von Invasion, Gewalt und Völkermord noch einmal vor unseren Augen vorbeiziehen lassen. Zu unse-

»Wir möchten endlich in Frieden und Freude leben können, wie es unserer Kultur, Gesellschaftsstruktur und unseren Lebensprojekten entspricht.«

rem unsäglichen Schmerz sind Millionen unserer Eltern, Großeltern, Urgroßeltern und Führungskräfte umgebracht und Hunderte von Völkern von diesem Land weggeegft worden ... Wir sind hierher gekommen, u. a. um deutlich zu machen, dass der *Monte Pascoal* indianisches Gebiet ist, weil er ja seit jeher den Pataxó und mit ihnen allen brasilianischen Indigenas gehört hat und auch immer gehören wird. Wie der *Osterberg* der erste Markstein ist, der für die Besetzung unserer Gebiete gilt, so wird er in Zukunft ein Symbol dafür sein, dass wir alle Gebiete indigener Völker in unserem Brasilien abgegrenzt, rücküberrignet und garantiert sehen wollen. Hier beginnt für uns die Feier einer neuen Geschichte, der Aufbau eines besseren Brasiliens, so wie Millionen unserer Brüder und Schwestern, ob tot oder lebendig, es sich erträumen haben und noch immer erträumen ... Es muss endlich Schluss sein mit Völkermord, Invasion, Landraub, Betrug und Versprechen! Wir sind fest entschlossen, den Verantwortlichen nur noch bis April 2000 eine Frist zu geben, alle unsere Gebiete zu vermessen und sämtliche Eindringlinge aus ihnen zu entfernen. Wir möchten endlich in Frieden und Freude leben können, wie es unserer Kultur, unserer Gesellschaftsstruktur und unseren Lebensprojekten entspricht. Wir hoffen auf die Unterstützung der brasilianischen Gesellschaft, insbesondere aber all derer, die diese fünfhundert Jahre genau so bitter zu spüren bekommen haben wie wir: Schwarze und Mischlinge, Arme und entlaufene Sklaven, die sich längs der Flüsse niedergelassen haben, und alles, was es an Armen und Ausgeschlossenen gibt. Gemeinsam mit ihnen wollen wir für alle ein besseres Brasilien schaffen ... Aber wir möchten auch, dass sich alle Länder, die im Laufe der fünfhundert Jahre am Dahinmetzeln unserer Völker beteiligt waren, sich zu den Verbrechen bekennen, sich öffentlich davon distanzieren und unsere berechtigten Forderungen unterstützen ... An der Küste von Bahia, an der nicht nur die Invasion begann, sondern auch die Rückeroberung, am 24. September 1999.«

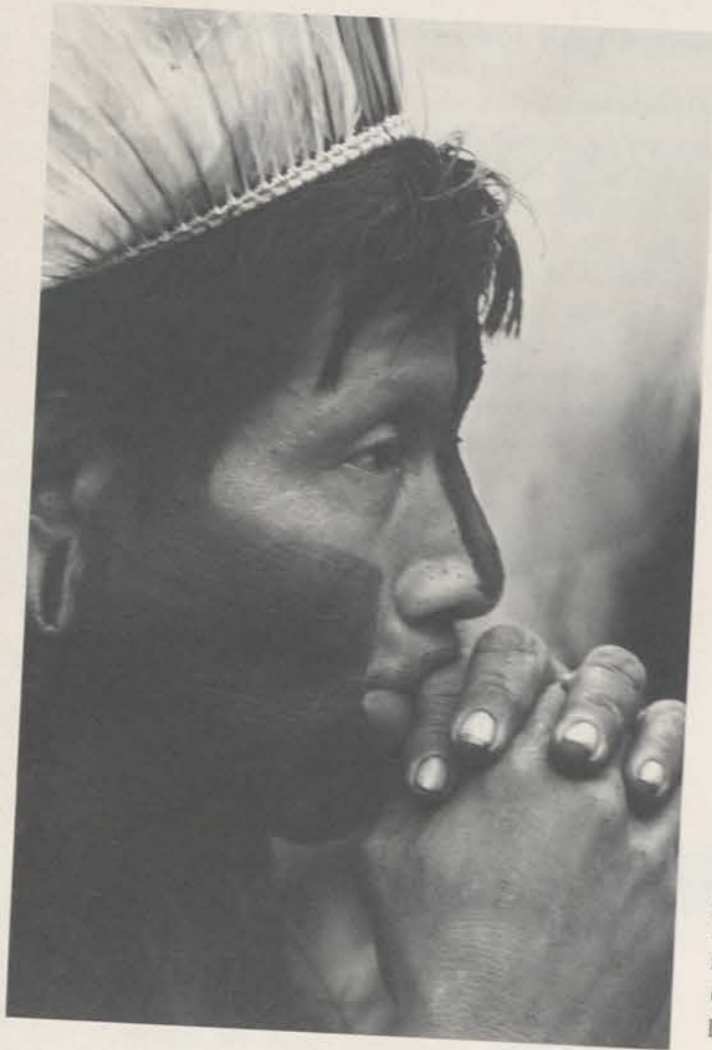
500 Jahre Widerstand Opfer von fünfhundert Jahren Vertreibung und Mord, Vergewaltigung und Versklavung, Verachtung und Verelendung sind neben den indigenen Völkern vor allem auch Millionen aus

Afrika verschleppte Sklaven, vom System ausgeschlossene Elendsgestalten und in die Misere gestoßene Habenichtse. Unter Mitwirkung der Brasilianischen Bischofskonferenz, des CIMI und zahlreicher anderer Organisationen veröffentlichte schon im Dezember 1998 die Kampagne *Brasilien: Fünfhundert Jahre Widerstand von Indigenas, Schwarzen und von kleinen Leuten aus dem Volk* eine Erklärung, der es an Deutlichkeit nicht fehlt: »So besteht die Wahrheit der afrikanischen Völker darin, dass die Menschen eingefangen, aus ihren angestammten Ländern herausgerissen und in dieses Land verschleppt wurden. Hier wurden sie dann von einem Produktionssystem, über das die Geschichte schon damals ihr Urteil gefällt hatte, fast vierhundert Jahre lang verhöhnt. Aber auch unter den Afrikanern und Afrikanerinnen gab es Helden. Sie schufen sich freie Gebiete, auf denen sie die so genannten *Quilombos* gründeten. Diese ihre *Fliehdörfer* liefern den lebendigen Beweis dafür, dass auch die Schwarzen um ihre Würde als Menschen wissen und bis auf den heutigen Tag mittels ihrer Organisation gegen ein infames Machtssystem zu kämpfen verstehen ...

Und die Wahrheit der Volksbewegungen sehen wir darin, dass kleine Leute unsere ganze Geschichte hindurch gekämpft haben, um das Ruder herumzureißen und eine gerechte Gesellschaft von Brüdern und Schwestern in die Wege zu leiten. Gerade in jüngster Zeit waren vor allem Gruppierungen im kleinen Volk im Kampf gegen die Militärdiktatur und gegen die Einführung des neoliberalen Modells in diesem Land engagiert. Im Augenblick sehen sie für die Schaffung einer neuen Gesellschaft zwei der größten Herausforderungen zum einen im Kampf für die Bodenreform und zum anderen gegen die Massenarbeitslosigkeit ... Unsere Bewegung will einen klaren, unmissverständlichen Akzent setzen gegen die offiziellen Gedenkfeiern. Diese sollen nämlich aller Welt vorgaukeln, als wäre hier im Laufe von fünfhundert Jahren eine vermeintlich geeinte, harmonische Nation gewachsen, zu der sowohl die indianischen als auch die aus Afrika *umgesiedelten* als auch die weißen europäischen Völker jeweils ihren angeblich *freiwilligen Beitrag* geleistet hätten. In den offiziellen Gedenkfeiern kommen vergangene und gegenwärtige Konflikte nicht vor. Für uns da-

Treffen indigener Völker Brasiliens im September '99 am Osterberg.
Foto: KNA-Bild





Werden die indigenen Völker Brasiliens einer besseren Zukunft entgegen sehen können?
Foto: Claus Meyer, Das Fotoarchiv

Ein neues Jahrtausend ohne jeden Ausschluss

Heute, 500 Jahre nach Beginn der Eroberung des Landes und der Evangelisierung, hat die Kirche und die Bischofskonferenz ihre Optionen getroffen. Mit ihren verschiedenen Organen ist sie an den Brennpunkten der gesellschaftlichen Konflikte präsent. Wo Landlose und Indigenas, Gewerkschaften und Genossenschaften, Arbeitslose und Prostituierte, Gefangene und Straßenkinder den Jubel der *Fünfhundert-Jahre-Feiern* nicht ertragen, dürfen sie sich der Unterstützung durch kirchliche Einrichtungen sicher sein. Nur einige dieser Institutionen können hier genannt werden: Kommission für Grund- und Bodenfragen CPT, CIMI, Pastoral für Fragen der Afrobrasilianer, Pastoral für Frauen am Rande der Gesellschaft, Iustitia et Pax, Caritas, Brasilianisches Entwicklungsinstitut IBRADES, Bewegung für Basiserziehung MEB, Kommission für Arbeiterpastoral CPO, Kinder- und Jugendpastoral, Fischer-, Migranten- und Nomadenpastoral ... Die im Jahre 2000 zum ersten Mal ökumenisch konzipierte *Campanha da Fraternidade* (Aktion der Geschwisterlichkeit während der Fastenzeit) stand denn auch unter dem Motto *Menschenwürde und Frieden – Ein neues Jahrtausend ohne jeden Ausschluss*.

HORST GOLDSTEIN

Übersetzer zahlreicher Bücher lateinamerikanischer Theologen, als freier Publizist tätig.

gegen ist der Begriff *Konflikt* in der Vergangenheit wie in der Gegenwart eine zentrale Sache, weil er sich ja auch in die Zukunft hinein auswirkt ... Die Brutalität des kolonialen Unternehmens ist verantwortlich für den Völkermord an den Ureinwohnern, dem ganze Nationen zum Opfer fielen, für die Barbarei der Versklavung, die afrikanische Familien und Gemeinwesen rücksichtslos auseinanderriß, wie auch für die erbarmungslosen Grausamkeiten, der die kleinen Leute Tag für Tag zum Opfer fielen und fallen. Ergebnis ist, dass Brasilien eine der ungleichsten Gesellschaften ist, die es auf der Erde gibt.«

MOSTRA 500 ANOS

Sergio Castro/AE



Pouca gente foi domingo até o Ibirapuera ver a Mostra do Redescobrimto

Comerciantes reclamam do baixo movimento

Otávio Canecchpio
de São Paulo

Os comerciantes que trabalham na Mostra do Redescobrimto e o público que visitou a exposição no último domingo reclamaram do baixo movimento nos três prédios que integram a exposição. Não se sabe ao certo se o Dia da Mãe foi um motivo para afugentar as pessoas, mas o que se via pelos corredores dos pavilhões eram dezenas de seguranças e monitores caminhando. Público, mesmo, muito pouco.

Na praça de alimentação choveram reclamações pela falta de clientes. "Depois do feriado de 1º de maio, começamos a vender apenas 12 sorvetes por dia", disse uma vendedora de uma barraca, Maria do Carmo. Outros comerciantes contaram que as vendas caíram nos últimos dias em mais de 30%.

Nos corredores, principalmente no segundo e terceiro andares da Bienal e no prédio da Pinacoteca, poucas pessoas e casais caminhavam entre as obras. "Acho que faltou mais divulgação e o ingresso está muito caro para as pessoas de menor poder aquisitivo", reclamou o engenheiro civil Mauro Farina, de

40 anos, que observava sozinho as esculturas e telas de Lygia Clark. Outros preferiram jogar a culpa na data. "Muita gente não veio porque é Dia das Mães", disse o engenheiro, Marcelo Garcia, de 37 anos, que ficou maravilhado com a beleza do andar que reúne as obras barrocas. "Isso aqui é maravilhoso, as pessoas não poderiam perder a oportunidade de ver", disse.

Outros acreditavam que a culpa pelo baixo movimento não está no preço do ingresso ou na data, mas sim na falta de interesse do próprio público. "As pessoas acham chato e chato assistir uma mostra de obras de arte e peças históricas. Achar que é perda de tempo", criticou a professora de história Célia Maria Ferreira, de 23 anos.

Durante a semana, metade da frequência é formada por grupos de alunos de escolas públicas e particulares. A excursão para os colégios pagos sai R\$ 6 por estudante. Eles têm direito a material didático, lanche e ao cine-caverna.

Os professores que acompanham as turmas recebem ainda um curso sobre a exposição. Já as escolas públicas não pagam nada e têm os mesmos direitos, além de ônibus fretado para levar os alunos até o Ibirapuera. ■

Erst zertreten und dann den Zertretenen helfen?

Eine alte Kirche der Sklavenhalter und eine neue Kirche der Befreiung: Bilanz im größten »katholischen« Land der Erde



Landpastoral im Nordosten Brasiliens: Einmal im Jahr kommt der Pfarrer

Vor üppigem Urwaldgrün erhebt sich auf einer kleinen, lichten Anhöhe ein gewaltiges, aus Baumstämmen gefertigtes Kreuz. An seinem Fuß ist ein Altar errichtet. Umgeben auf der einen Seite von seinen Seefahrerkollegen und auf der anderen Seite von nackten staunenden Ureinwohnern, die alle Gebärden der Fremden mitmachen, feiert hier der portugiesische Franziskaner Frei Henrique von Coimbra eine Messe. Mit dieser Szene auf einem Ölgemälde wird auf Briefmarken und T-Shirts, in Schulbüchern und im Fernsehen millionenfach verbreitet, die gängige Darstellung vom Beginn der Geschichte Brasiliens vor 500 Jahren transportiert.

Die Indiovolker Brasiliens, ursprünglich rund fünf Millionen Menschen, wurden bis auf 300 000 Überlebende zu Tode geschunden, rund vier Millionen Schwarzafrikaner wurden als Sklaven importiert nachdem sie zuvor getauft worden waren. Als Zeichen dieser »Taufe« wurde ihnen mit dem Brenneisen ein Zeichen in die Haut gebrannt.

Brasiliens Historie seit der Entdeckung durch die Weißen um 1500 ist eine Geschichte von Leid und Mord. Und die Kirche? Sie steht auf Seiten der Versklavung und der Befreiung. Fragt man nach dem Verhalten der Kirche gegenüber der Sklaverei, so ist prinzipiell zu unterscheiden, ob es sich um Indianer oder um Afrikaner handelte. Zwar hatte Papst Paul III. 1537 in seiner Enzyklika *Sublimis Deus* klargestellt, es sei Teufelswerk, zu meinen, man dürfe die Ureinwohner wie Tiere behandeln, denn auch sie seien vollgültige Menschen. Dennoch hielten sich auch Kir-

chenfürsten nicht immer an diese Richtlinien. So erschien etwa dem 1552 ernannten ersten Bischof von Brasilien, Pedro Fernandes Sardinha, beinahe jegliche Versklavung von Ureinwohnern gerechtfertigt. Dennoch, die Enzyklika blieb nicht ganz ohne Folgen. Als Vorkämpfer für Rechte und Freiheit der Indianer im Brasilien des 16. Jahrhunderts sind die Jesuiten Manuel da Nobrega und Antonio Vieira zu nennen. Franziskaner, Kapuziner, Karmeliten und Merzedarier zogen, wie überall in Iberoamerika, auch in Brasilien Tausende von Indianern in Missions- und Schutzdörfern zusammen, um sie gegen die Übergriffe ihrer europäischen Landsleute zu schützen. Besonders in Südbrasilien und Paraguay bemühten sich die Jesuiten, die Indianer mit begrenzter Selbstverwaltung und ökonomischer Autarkie vor Ausbeutung und Versklavung durch die Kolonisten zu schützen. Als 1759 der Premierminister des portugiesischen Königs Josés I., Marquis von Pombal, die Jesuiten aus Portugal und Brasilien vertrieb, konnten die verbleibenden Orden das Werk der Jesuiten nicht fortsetzen, wahrscheinlich weil ihnen das Gespür für den positiven Wert der indianischen Kulturen fehlte.

Eindeutig schlimmer erging es den schwarzen Sklaven. Nicht nur, dass Klöster, kirchliche Kollege, Priester und Bischöfe selbst afrikanische Sklaven und Sklavinnen besaßen. Da und dort versuchte man sogar, die schwarze Sklaverei theologisch zu rechtfertigen, indem man die Afrikaner für die Nachfahren Kains erklärte, dessen Zeichen sie zwar vor dem Tode, aber nicht vor der Verfluchung bewahren sollte; oder man berief

sich auf Genesis 9, 25, wo Noach seinen missratenen Sohn Ham als Sklaven seiner Brüder bezeichnet, und lässt die Söhne und Töchter Afrikas Abkömmlinge Hams sein.

Was das Elend der schwarzen Sklaven anbelangt, zeigten sich einige Missionare sensibel. So bemühte sich Antonio Vieira, den Sklaven ihre Leiden als reinste Form der Nachfolge Christi zu erklären. Andere, wie die Jesuiten Goncalo Leite, Miguel Garcia und Jorge Benci, stritten gegen die Auswüchse der Sklaverei, weil ihnen der Kampf gegen die Institution selbst erfolglos erschien. Doch der Orden mit den wohl meisten Propheten gegen die schwarze Sklaverei sind die Kapuziner. Sie schrecken nicht davor zurück, die Sklaverei überhaupt in Frage zu stellen. Der Grund: Sie unterstanden – als Italiener und Franzosen vor allem in dem zuvor französischen Besatzungsgebiet Maranhao tätig – nicht unmittelbar dem königlich-portugiesischen Patronat, sondern der vatikanischen *Propaganda-Fide-Kongregation*. Dies ermöglichte ihnen ein weniger kolonialistisches Verständnis als anderen. Zwei Namen stehen dafür: Carlos Jose von La Spezia (1683 bis 1752) und Jose von Bologna (1748 bis 1801).

Und heute? Bei allem befreiungstheologischen Auf und Ab, das die Kirche in Brasilien seit den achtziger Jahren mitmacht, kann kein Zweifel daran bestehen, dass sie sich mit dem großen Strom ihrer Kräfte in der Spur jener Christen bewegt, die sich im Laufe der 500 Jahre für die Kleinen und Zertretenen einsetzten. Wenn es da und dort heißt, die Theologie der Befreiung stecke in der Krise, dann stimmt daran, dass sich einige Theologen durch all die Nachstellungen, die ihnen zuteil geworden sind, entmutigen ließen. Die meisten aber tun treu ihren Dienst weiter. Frauen arbeiten an einem theologischen Ökofeminismus. Leonardo Boff und Frei Betto formulieren die kulturellen, ökologischen und holistischen Dimensionen der Befreiungstheologie weiter aus. Wichtig ist auch, dass Kirche und Bischofskonferenz an den Brennpunkten der gesellschaftlichen Konflikte präsent sind. Wo Landlose und Indianer, Gewerkschaften und Genossenschaften, Arbeitslose und Prostituierte, Gefangene und Straßenkinder den Jubel der offiziellen 500-Jahr-Feiern nicht ertragen, dürfen sie sich der Unterstützung durch kirchliche Einrichtungen sicher sein. Nur einige dieser Institutionen können hier genannt werden: *Kommission für Grund- und Bodenfragen* (CPT), *Indianermigrationsrat* (CIMI), *Pastoral für Frauen der Afrobrasilianer*, *Pastoral für Frauen am Rande der Gesellschaft*, *Justitia et Pax*, *Caritas*, *Brasilianisches Entwicklungsinstitut* (Ibrades), *Bewegung für Basiserziehung* (MEB), *Kommission für Arbeiterpastoral* (CPO), *Kinder- und Jugendpastoral*, *Fischer-, Migranten- und Nomadenpastoral*.

Die im Jahr 2000 erstmals ökumenisch konzipierte *Campanha da Fraternidade* (Aktion Geschwisterlichkeit) steht denn auch unter dem Motto »Menschenwürde und Frieden – Ein neues Jahrtausend ohne jeden Ausschluss«.

■ HORST GOLDSTEIN

500 ANOS Distrito Naval busca verbas

Construtores da Nau ainda não receberam

DA AGÊNCIA FOLHA, EM SALVADOR

Quase dez meses após a fracassada tentativa de navegador de Salvador até Porto Seguro (BA), a Nau Capitânia (réplica da embarcação utilizada por Pedro Álvares Cabral no Descobrimento, em 1500) ainda causa polêmica.

Ontem, em Salvador, marítimos que trabalharam na fabricação do navio disseram que ainda não receberam o pagamento prometido pelo 2º Distrito Naval, responsável pela embarcação.

"Trabalhei cinco meses para fazer a Nau Capitânia e até agora não recebi nada. Vou trancar a minha matrícula no curso de informática por falta de dinheiro", disse o marítimo Paulo Sérgio do Carmo. Carmo afirmou que tem direito a receber R\$ 3.000 pelos cinco meses de trabalho.

A situação do marítimo Ricardo Santana é praticamente a mesma. Desempregado, o marítimo trabalhou quatro meses na construção do navio, no ano passado.

"Ele foi contratado com um salário de R\$ 1.400 por mês e só re-

cebeu R\$ 995", disse a mulher do marítimo, Zani Santana Barros, que tentou fazer um acordo com o 2º Distrito Naval para receber a diferença salarial: "Cansei de ligar para o Rio e não obtive resposta. A única coisa que tenho é uma carta do 2º Distrito Naval informando que o órgão está empenhado na busca de recursos para pagar todos os débitos".

A Nau Capitânia, que custou quase R\$ 4 milhões aos cofres públicos, deveria ser utilizada nas comemorações dos 500 anos de Descobrimento, em abril. Após quatro tentativas frustradas de seguir da capital baiana para Porto Seguro, ela ficou em Salvador até o segundo semestre do ano passado, quando seguiu para o Rio.

A Agência Folha entrou em contato ontem com o 2º Distrito Naval. A assessora de imprensa, Cláudia Lima, disse que não podia atender. "Eu estou dirigindo. Ligue mais tarde", disse ela ao celular. A Agência Folha tentou falar com a assessora outras duas vezes, mas ela não atendeu mais o celular. (LUIZ FRANCISCO)

GRAFITE



Divulgação



bra pertencente à Mostra do Redescobrimento, que será inaugurada hoje no Chile e irá para a Alemanha, Suécia e Rússia, em 2003



EXPOSIÇÃO Museus de NY e Londres serão os próximos a receber as obras

Santiago abrigará mostra dos 500 anos

FABIO CYPRIANO
ENVIADO ESPECIAL AO CHILE

A Associação Brasil + 500 inaugura hoje, em Santiago, no Chile, a agenda 2001 de itinerâncias internacionais da Mostra do Redescobrimto, com a exposição "Brasil Profundo".

A maratona internacional teve início no ano passado, com parte da mostra —os módulos Arte Indígena e Arte Contemporânea, que foram vistos na Fundação Gulbenkian de Lisboa, em Portugal. Mas, em 2001, hoje é a largada para uma série de escalas que incluirão alguns dos mais famosos museus do mundo, como o Guggenheim, de Nova York (em setembro), e o British Museum, de Londres (em outubro).

De acordo com o presidente da Associação Brasil + 500, Edemar Cid Ferreira, "a mostra é aberta junto com a 42ª Assembléia Anual do Bid (Banco Interamericano de Desenvolvimento), que reúne aproximadamente 4.000 banqueiros de todo mundo".

"É proposital, pois um dos objetivos de nossa associação é melhorar a imagem de nosso país perante formadores de opinião de todo o mundo", completa Cid Ferreira.

Resumo

O que os banqueiros e os chilenos irão ver, no Museo Nacional de Bellas Artes de Santiago, a partir de hoje, é um resumo de quatro módulos da mostra. São eles: arte indígena, arte popular, arte moderna e barroca. O conceito da exposição —que vai até o dia 27 de maio— foi elaborado em con-

junto pelo curador-geral da Associação Brasil + 500, Nelson Aguiar, e o diretor do museu chileno, Milan Ivelic.

Entre os destaques da mostra, estão objetos pertencentes a Lamplão e Maria Bonita e obras de Aleijadinho. No total, cerca de 600 peças estão em exposição, sendo que a maioria —quase 400— são de arte popular.

A diretora Daniela Thomas, que no Brasil fez para a mostra a cenografia do módulo Imagens do Consciente, é a responsável pela ambientação da versão chilena da exposição. Para tanto, Daniela utiliza a estética de movimentos populares —tais como o maracatu, a cavallhada, o Carnaval e a Festa do Divino.

A agenda da associação já inclui itinerâncias até 2004. "Fechamos partes da Mostra do Redescobrimto para 2003, na Alemanha, Suécia e Rússia. Negociamos agora, para 2004, como será nossa participação no ano do Brasil, que a França pretende organizar e que talvez até seja o tema do Festival de Avignon", afirma o presidente Edemar Cid Ferreira.

Na América Latina, o próximo passo da Associação Brasil + 500 acontece já no mês de abril, em Buenos Aires, Argentina. Haverá a abertura de mais quatro módulos da mostra, em quatro museus da cidade. Entre eles, o Museo Nacional de Bellas Artes.

São Paulo aus erster Hand

27.4.01

Bayern - Brasilien 1500-2000

Feierliche Ausstellungseröffnung

FOTOS: BP / DK



Staatsminister Dr. Hans Zehetmair (2.v.l.) mit Dr. Friedrich Kauder (l.), Präsident der "Rugendas", GK Dr. Dieter Zeisler (r.), der Rektorin der Uniwille, Frau Marileia G. M. Lopes (2.v.r.) und Frau Traudi Kauder (Mitte)

Dr. Hans Zehetmair (Mitte), flankiert von Dr. Friedrich Kauder (l.) und Herrn Ingo Plöger, Präsident der Deutsch-Brasilianischen Industrie- und Handelskammer São Paulo

Die "Rugendas - Brasilianisch-Deutsche Gesellschaft für Ökologie, Kultur und Wissenschaft" und der "Club Transatlântico" hatten am Abend des 19. April 2001 zur feierlichen Eröffnung der Wanderausstellung "Bayern - Brasilien 1500-2000" eingeladen. In seiner Begrüßungsrede gab der Präsident des Club Transatlântico, Herr Sönke Böge "seiner besonderen Freude darüber Ausdruck, daß Transatlântico als Veranstaltungsort für die Ausstellung ausgesucht wurde, da dieser Verein seit seiner Gründung besonders um die Pflege der kulturellen Beziehungen zwischen Deutschland und Brasilien bemüht ist. Anschließend überbrachte der Bayerische Staatsminister für Wissenschaft, Forschung und Kunst Dr. Hans Zehetmair, als Vertreter des Freistaates Bayern, die Grüße seiner Landesregierung und führte u.a. folgendes aus: "Es ist mir eine große Freude, Sie zur Eröffnung der Ausstellung 'Bayern - Brasilien' im Club Transatlântico zu begrüßen. Es freut mich besonders, daß sich in den Veranstaltungsjahren zum 500. Jahr der Entdeckung Brasiliens sozusagen als Schlußpunkt eine Ausstellung einfügt, die sich mit den Beziehungen zwischen Ihrem Land und Bayern beschäftigt. 500 Jahre lang, seit der Entdeckung Bra-

ihm folgten bayerische Maler wie Ferdinand Krumholz, Johannes Grimm und Thomas Georg Drindl, von denen vor allem die beiden Letztgenannten bayerische Landschaften in Brasilien bekanntmachten. Schließlich stieg im 19. Jahrhundert sogar eine bayerische Prinzessin, Amalie von Leuchtenberg, durch Heirat zur Kaiserin von Brasilien auf. Der Kaiser von Brasilien, Don Pedro I., stiftete anlässlich seiner Vermählung mit der blutjungen Bayerin - sie war gerade 17 - der Stadt München 45.000 Golddukat für die Errichtung eines Waisenhauses. Die Stadt nannte zum Dank einen Platz und eine Straße nach ihm. Noch eine Frau aus königlich-bayerischem Haus gehört zur Geschichte Brasiliens. Die Tochter des Prinzregenten Luitpold, Therese von Bayern, bereiste 1888 als erste weibliche Mineralogin, Paläontologin und Ethnologin Brasilien und kehrte mit reichhaltigem naturwissenschaftlichen Material zurück. Heute pflegen Bayern und Brasilien ausgezeichnete und vielfältige Kontakte in Politik, Wirtschaft, Wissenschaft und Kultur. Die Beziehungen werden immer weiter intensiviert und vertieft. Deutschland ist der wichtigste Handelspartner Brasiliens in Europa, und Brasilien ist Deutschlands wichtigster Handels-

Die Reise des bayerischen Ministerpräsidenten Dr. Edmund Stoiber nach Brasilien im Jahr 1997 gab den Beziehungen zwischen unseren beiden Ländern einen neuen Schub. Als vor wenigen Monaten der brasilianische Staatspräsident Prof. Dr. Fernando Henrique Cardoso dem Freistaat Bayern die Ehre seines Besuches erwies, wurde vereinbart, die bilaterale Zusammenarbeit vor allem von Wirtschaft und Wissenschaft weiter auszubauen. Nachdem ich nun eine Reihe von Aspekten der bayerisch-brasilianischen Beziehungen beleuchtet habe, möchte ich einen Punkt, der allerdings nicht Thema der heutigen Ausstellung ist, nicht aussparen: König Fußball ist Brasilianer und in diesem Bereich setzen sich die Kontakte zu Bayern fort. Bekanntermaßen bin ich kein FC Bayern-Fan, sondern 'Löwe'. Dennoch bewundere ich die hervorragenden Leistungen, die ein Giovane Elber und Paulo Sergio erbringen, wenn es mir auch lieber wäre, sie täten es für meinen Verein 1860 München. Mein Dank für diese Ausstellung gilt der Gesellschaft Rugendas mit ihrem Vorsitzenden Herrn Dr. Kauder, der Universität Uniwille mit ihrer Rektorin Frau Lopes, dem Präsidenten des Club Transatlântico Herrn Sönke Böge und der Direktorin für Kulturbeziehungen des



Die Gäste nach dem Rundgang durch die Ausstellung beim Cocktail

siliens durch Cabral, zu dessen Schiffsbesatzung übrigens auch der Deutsche Johannes Emmerich gehörte, kennen wir Ihr Land als Küstenparadies mit unschätzbaren Naturschönheiten, wie dem Amazonasgebiet und den berühmten Wasserfällen von Iguazu. Wer heute auf Brasilien zu sprechen kommt, denkt an pulsierende Millionenstädte wie Rio de Janeiro mit seinem Wahrzeichen, dem Zuckerhut und der Christusstatue, und an den berühmten Karneval von Rio, oder an São Paulo, den wirtschaftlichen Motor des Landes. Trotz der großen geographischen Entfernung reichen die bayerisch-brasilianischen Beziehungen weit zurück, bis in die Zeit der ersten Einwanderer. Schon damals und in den folgenden Jahrhunderten zog es Menschen aus Bayern nach Brasilien: Bauern, Handwerker, Kaufleute, Naturforscher, Künstler und Wissenschaftler.

Nachdem die deutsch-brasilianische Gesellschaft für Ökologie, Wissenschaft und Kultur mit dem Namen 'Rugendas' diese Ausstellung mitorganisiert hat, möchte ich es nicht versäumen, kurz auf den Namensgeber 'Johannes Moritz Rugendas' einzugehen. Als Sproß einer Augsburger Künstlerfamilie bereiste er Anfang des 19. Jahrhunderts zweimal Brasilien und kam mit einer Vielzahl von Skizzen und Zeichnungen wieder, um den Europäern einen bleibenden Eindruck einer ihnen fernen, fremden Welt zu vermitteln.

partner in Lateinamerika. Auch dabei spielt Bayern eine herausragende Rolle. Von den 1200 Filialen deutscher Unternehmen stammen rund 100 aus Bayern, darunter Siemens, Audi, BMW, die HypoVereinsbank, aber auch viele mittelständische Betriebe.

Als Minister für Wissenschaft, Forschung und Kunst freue ich mich besonders über die erfolgreichen Kooperationen zwischen brasilianischen und bayerischen Hochschulen. Von den zahlreichen Kontakten - allein die Ludwig-Maximilians-Universität in München unterhält 15 zu brasilianischen Hochschuleinrichtungen - möchte ich den der Friedrich-Alexander-Universität Erlangen-Nürnberg mit der Universität von Joinville erwähnen.

Im Rahmen der Hochschulpartnerschaft wurde erst im vergangenen Herbst ein Umweltforschungs- und Lehrzentrum eingeweiht - ein Gebäude wie in Oberbayern, so wurde mir berichtet, mitten im Urwald, das den Namen „Rugendas“ trägt, nach der Brasilianisch-Deutschen Gesellschaft für Ökologie, Kultur- und Wissenschaft. Besonders bedanken möchte ich mich bei dieser Gelegenheit beim Vorsitzenden der Gesellschaft „Rugendas“, Herrn Dr. Friedrich Kauder, der die Partnerschaft vor zwei Jahren vermittelt und mit Hilfe seiner Gesellschaft den Bau des Umwelt- und Lehrzentrums wesentlich mitfinanziert hat.

Club Transatlântico Frau Ann Vierneisel wie dem Chefberater der Bayerischen Staatsregierung für Brasilien Herrn Günther Heis, Herrn Martin Langewellpott von der Außenhandelskammer und dem 'Haus Bayerischen Geschichte' in Augsburg für die Organisation der Ausstellung.

Mögen unsere Beziehungen sich weiter und weiter so gute Früchte tragen. Ich wünsche der Ausstellung Erfolg und viele Besucher.

Bei einem Rundgang durch die mit Sachkenntnis zusammengestellte Ausstellung gewinnt der Besucher einen umfassenden Blick über die 500jährige gemeinsame Geschichte, die Brasilien mit Bayern verbindet. Auf großen Bannern sind bayerische Pflanzlichkeiten abgebildet, die die Geschichte siliens mitgeprägt haben. Gleichzeitig wirken beschrieben, mit dem sie sich beiderseitigen Belange eingesetzt haben. Zahlreiche Besuch bewies das große Interesse, das dieser höchst informativen Ausstellung die noch bis zum 15. Mai zu sehen ist, entgegengebracht wird. Lobend wurde die gelungene Gestaltung der Ausstellung Frau Ann Vierneisel hervorgehoben.

Im Verlaufe der Veranstaltung wurden Besuchern von beflissenen Kellnern ein unübertrefflicher Qualität vom club Restaurant zubereitet.

Ludwig van Beethoven: Klavierkonzert Nr. 5 Es-dur op. 73 / Philippe Entremont / NDR-Sinfonieorchester
Ltg.: Hans Schmidt-Isserstedt
Ralph Vaughan Williams: Sinfonie Nr. 3 für Sopran und Orchester - A pastoral symphony - Rosa Mannion, Sopran / Philharmonic Orchestra London / Ltg.: Roger Norrington
Paul Dukas: Der Zauberlehrling
Orchestre National de France / Ltg.: Leonard Slatkin

M. Balakirew / S. Ljapunew: Islamey
Symphonieorchester des Bayerischen Rundfunks
Ltg.: Esa-Pekka Salonen

Livros

Palavras que frutificam

A obra do padre Antônio Vieira é lançada numa edição bem cuidada. Já não era sem tempo

Carlos Graieb

Por várias décadas, só existiram dois caminhos para quem quisesse aprofundar-se na belíssima obra do padre Antônio Vieira (1608-1697). Um deles era trazer de Portugal a edição completa da Lello & Irmão, cara e em quinze tomos. O outro era contentar-se com livrinhos brasileiros que, quando muito, reproduzem meia dúzia das mais de 200 peças de oratória escritas pelo jesuíta. Entre esses dois extremos, nada. Eis agora uma boa nova: a editora Hedra está lançando uma coleção das obras de Vieira, em quatro volumes. O primeiro (663 páginas; 49 reais) já está circulando e traz 25 sermões importantes. O próximo terá mais 25 sermões e os dois seguintes conterão um material interessante e pouco conhecido: amostras de suas cartas e de seus textos proféticos. A organização ficou a cargo de Alcyr Pécora, maior especialista brasileiro em Vieira, e a edição é caprichada. Traz páginas em fac-símile, cronologia da vida do autor, tradução das citações em latim e localização das passagens bíblicas que ele menciona.

Se alguém por aí duvida que um lançamento como esse é precioso, vale citar alguns fatos universalmente aceitos a respeito de Antônio Vieira. Ele foi um personagem central tanto na cultura quanto na política do século XVII. Foi eminência parda no reinado de dom João IV, montou missões no Brasil, serviu como diplomata na Holanda, na França e em Roma, enfrentou os tribunais da Inquisição, emprestou seu brilho à corte de Cristina da Suécia e chegou a receber convite para ser o pregador do papa. Muitos o con-

sideram o maior orador de seu tempo — e ele de fato atraía enxames de pessoas às suas missas. Mas, se isso não bastar para convencer os incrédulos, aqui vai uma opinião de peso, do poeta Fernando Pessoa, a respeito de sua habilidade literária: "Vieira foi o maior artista da língua portuguesa". O homem, em poucas palavras, foi uma das glórias do período barroco.

O consenso em torno de Vieira, no entanto, acaba justamente na constatação de sua grandeza. Depois disso, o que há é uma multidão de interpretações conflitantes. A tal ponto que se torna divertido comparar a situação dos críticos contemporâneos com aquela dos pregadores a quem Vieira ataca em uma de suas obras mais famosas, o *Sermão da Sexagésima*. O sermão foi proferido em Lisboa, no ano de 1655. Ao seu autor interessava saber o motivo de a pregação católica estar surtindo pouco efeito entre os cristãos. "Sendo a palavra de Deus tão eficaz e tão poderosa", pergunta ele, "como vemos tão pouco fruto da palavra de Deus?" Depois de muito arrazoar, Vieira conclui que a culpa é dos próprios padres. "Eles pregam palavras de Deus, mas não pregam a palavra de Deus", afirma. Dito de outra maneira, o jesuíta reclama daqueles que torcem o texto da



Bíblia para defender interesses mundanos. Sem tirar nem pôr, a mesma apreensão poderia ser feita contra aqueles que "semeiam" os textos de Antônio Vieira hoje em dia.

O padre parece adaptar-se a todos os gostos. Há um Vieira marxista, um Vieira liberal e até um Vieira multiculturalista. Os marxistas gostam de citar sermões como o de *Santo Antônio* (1642), no qual o jesuíta prega contra os privilégios da nobreza, e afirmam que ele defendia a idéia de "justiça distributiva". Liberais vêem no *Sermão XIV*, que fala sobre escravidão, um indício de que ele foi "o primeiro abolicionista moderno". Finalmente, sermões sobre os índios ou a tolerância com os judeus servem para pintar um Vieira "relativista", para quem todas as culturas teriam igual direito à existência. Mas esses leitores se esquecem das evi-



Antônio Vieira:
marxistas e liberais
o interpretaram mal

dências contrárias às suas teses. Os marxistas não repararam que Vieira subscovia a "metafísica social" de sua época, na qual o nobre é sempre nobre, o clero é sempre clero e o povo sempre povo. Não há lugar para revoluções em seu pensamento. Já os que falam em abolicionismo não mencionam que no mesmo *Sermão XIV* ele justifica o tráfico negreiro como sendo uma "primeira transmigração", que tiraria os africanos do paganismo e os aproximaria da salvação. Quanto aos multiculturalistas, esquecem-se de que liberdade, para Vieira, era liberdade no interior da Igreja. Ai do índio que não se convertesse. Seu destino era o inferno. "As pessoas querem salvar Vieira de sua própria época, isolando um ou outro aspecto de sua obra. É uma estratégia desastrosa", diz Alcir Pécora. O estudioso tem se esforçado para mostrar que cada texto do jesuíta forma uma unidade "teológico-político-retórica" e é difícil não simpatizar com seu projeto.

Deve-se reconhecer, porém, que ler Vieira atentando para todas as nuances teológicas e históricas pode causar mais suores do que uma sessão de "aeróbica do Senhor" com o padre Marcelo Rossi. É tarefa para especialistas. O que é para todos é o prazer de sua leitura. Nos estreitos limites que as regras da oratória lhe impunham, ele sabia manipular como ninguém as referências bíblicas, trabalhar as imagens e argumentações e manter o ritmo musical das frases. Vieira considerava os seus sermões "choupanas" em vez de "palácios". E não gostava que fossem lidos de maneira puramente estética. Quanto ao primeiro ponto, ele estava errado. Quanto ao segundo, não há pecado em se deleitar com esses textos maravilhosos. Leia Vieira. Suas palavras sempre frutificam. ■

DIOGO MAINARDI

Nostalgia do quê?

Pesquisa da Escola de Negócios da PUC do Rio de Janeiro revela que os jovens são mais nostálgicos do que os velhos. Não sei se a pesquisa é confiável. Em geral, não confio muito em nenhum número divulgado no Brasil. Sempre fazemos a maior confusão com números. Nossos índios só sabiam contar até dois. Essa dificuldade para lidar com números acabou por se perpetuar na nossa cultura, como demonstram a dívida da Previdência, os juros do cheque especial e a dificuldade dos políticos em explicar o crescimento vertiginoso de seus patrimônios. Em todo caso, a pesquisa da PUC afirma que a rapaziada na faixa etária entre 18 e 24 anos é mais nostálgica do que a velhacada de 59 a 70 anos.

Nostalgia do quê, exatamente? Um jovem de 24 anos nasceu em 1977. O fato mais memorável daquele ano foi o pacote de abril, quando o governo do general Ernesto Geisel, para garantir a maioria parlamentar, fechou o Congresso e nomeou 22 senadores biônicos, um por Estado. É disso que os jovens sentem nostalgia? Eu sempre imaginei que os únicos nostálgicos daquele período fossem os próprios senadores biônicos. Mas estava enganado. Fui conferir o que cada um deles faz hoje em dia. Descobri que esse negócio de se tornar senador biônico deu um certo azar. Enquanto vários dos governadores eleitos indiretamente durante a ditadura continuaram na vida política ativa, com posições de absoluto relevo, como Maluf, ACM, Marco Maciel e Jorge Bornhausen, os senadores biônicos simplesmente faleceram. Isso mesmo: dos 22, sobrevivem apenas dois ou três. Uma mortandade anor-

mal. Conclui-se que não eram tão biônicos assim.

Em compensação, há quem sinta muita nostalgia deles. Nabor Júnior, atual senador do Acre, especializou-se em elogios fúnebres dos ex-senadores biônicos. Nos últimos anos, homenageou Lourival Baptista, Saldanha Derzi e João Calmon. Alguns senadores biônicos também deixaram herdeiros. O coronel César Cals, ainda hoje recordado por suas duas maiores realizações, o garimpo de Serra Pelada e a usina nuclear de Angra dos Reis, legou-nos dois filhos deputados e uma filha nomeada para o Conselho de Justiça Federal. Além disso, graças à benemérita ação de admiradores espalhados pela administração pública, todos os senadores biônicos tiveram a honra de virar nome de rua, avenida, escola ou hospital. Amaral Furlan mereceu uma bibliote-



ca na cidade de Bairrinha. Gabriel Hermes, um teatro no Pará. Amaral Peixoto, uma rodovia no Rio de Janeiro, onde se encontram o Subir Café & Sorvete e a churrascaria Coração Express. Surpreendente é o caso de José Guimard, cujo nome foi dado à sede do Poder Legislativo do Acre. Não é esquisito que o fulcro da democracia acreana seja representado por um senador imposto pelo regime ditatorial? O mesmo vale para o edifício do Senado Federal, em Brasília, onde há alas com nomes de dois ex-senadores biônicos, Alexandre Costa e Dinarte Mariz, além de uma terceira chamada Filinto Müller, chefe da repressão da ditadura Vargas e pai de um senador biônico, Gastão Müller.

Passou a nostalgia?

FOLHA DE S. PAULO

ILUSTR

REDESCOBRIMENTO 300 funcionários da Associação Brasil 500

Versão paulista da mo

FABIO CYPRIANO
DA REPORTAGEM LOCAL

As 22h01 de amanhã, 300 funcionários da Associação Brasil 500 Anos já iniciam a desmontagem da Mostra do Redescobrimto. Quem ainda não viu a megaxposição tem apenas mais dois dias.

Há pressa para a desmontagem devido às itinerâncias da mostra que começam em menos de um mês. Já no dia 3 de outubro, o módulo Carta de Pero Vaz de Caminha será exposto no prédio do Congresso Nacional, em Brasília.

"Vou sentir saudades, estou viciada na mostra, vai ser muito triste a desmontagem", diz Daniela Thomas, a cenógrafa do módulo Imagens do Inconsciente.

Apesar do fim iminente, o clima no Ibirapuera é de festa e muito trabalho. A semana de gratuidade

está agregando à exposição novos recordes de público. Só na terça passada, mais de 47 mil pessoas compareceram ao evento. Em 117 dias de exposição, a mostra atraiu 1.741.781 pessoas. A expectativa inicial da organização era de 1,5 milhão de visitantes. No feriado de 7 de setembro, foram 35.980.

A Mostra do Redescobrimto foi aberta oficialmente pelo presidente Fernando Henrique Cardoso no dia 23 de abril e termina amanhã, às 22h. Os melhores horários de visitação são pela manhã, entre 9h e 12h, e à noite, entre 18h e 22h, quando as filas são menores.

Exposição: Mostra do Redescobrimto
Quando: até amanhã, das 9h às 22h
Onde: parque Ibirapuera (av. Pedro Álvares Cabral, s/nº, São Paulo, tel. 0/xx/11/5083-5000)
Quanto: entrada franca

DA

sábado, 9 de setembro de 2000 E 3

Anos começam desmontagem às 22h01, no Ibirapuera

stra acaba amanhã

ungen · Rechtss

ausparen ·

Erst zertreten und dann den Zertretenen helfen?

Eine alte Kirche der Sklavenhalter und eine neue Kirche der Befreiung: Bilanz im größten »katholischen« Land der Erde



Landpastoral im Nordosten Brasiliens: Einmal im Jahr kommt der Pfarrer

Vor üppigem Urwaldgrün erhebt sich auf einer kleinen, lichten Anhöhe ein gewaltiges, aus Baumstämmen gefertigtes Kreuz. An seinem Fuß ist ein Altar errichtet. Umgeben auf der einen Seite von seinen Seefahrerkollegen und auf der anderen Seite von nackten staunenden Ureinwohnern, die alle Gebärden der Fremden mitmachen, feiert hier der portugiesische Franziskaner Frei Henrique von Coimbra eine Messe. Mit dieser Szene auf einem Ölgemälde wird auf Briefmarken und T-Shirts, in Schulbüchern und im Fernsehen millionenfach verbreitet, die gängige Darstellung vom Beginn der Geschichte Brasiliens vor 500 Jahren transportiert.

Die Indioölker Brasiliens, ursprünglich rund fünf Millionen Menschen, wurden bis auf 300 000 Überlebende zu Tode geschunden, rund vier Millionen Schwarzafrikaner wurden als Sklaven importiert nachdem sie zuvor getauft worden waren. Als Zeichen dieser »Taufe« wurde ihnen mit dem Brenneisen ein Zeichen in die Haut gebrannt.

Brasiliens Historie seit der Entdeckung durch die Weißen um 1500 ist eine Geschichte von Leid und Mord. Und die Kirche? Sie steht auf Seiten der Versklavung und der Befreiung. Fragt man nach dem Verhalten der Kirche gegenüber der Sklaverei, so ist prinzipiell zu unterscheiden, ob es sich um Indianer oder um Afrikaner handelte. Zwar hatte Papst Paul III. 1537 in seiner Enzyklika *Sublimis Deus* klargestellt, es sei Teufelswerk, zu meinen, man dürfe die Ureinwohner wie Tiere behandeln, denn auch sie seien vollgültige Menschen. Dennoch hielten sich auch Kir-

chenfürsten nicht immer an diese Richtlinien. So erschien etwa dem 1552 ernannten ersten Bischof von Brasilien, Pedro Fernandes Sardinha, beinahe jegliche Versklavung von Ureinwohnern gerechtfertigt. Dennoch, die Enzyklika blieb nicht ganz ohne Folgen. Als Vorkämpfer für Rechte und Freiheit der Indianer im Brasilien des 16. Jahrhunderts sind die Jesuiten Manuel da Nobrega und Antonio Vieira zu nennen. Franziskaner, Kapuziner, Karmeliten und Merzedarier zogen, wie überall in Iberoamerika, auch in Brasilien Tausende von Indianern in Missions- und Schutzdörfern zusammen, um sie gegen die Übergriffe ihrer europäischen Landsleute zu schützen. Besonders in Südbrasilien und Paraguay bemühten sich die Jesuiten, die Indianer mit begrenzter Selbstverwaltung und ökonomischer Autarkie vor Ausbeutung und Versklavung durch die Kolonisten zu schützen. Als 1759 der Premierminister des portugiesischen Königs Joses I., Marquis von Pombal, die Jesuiten aus Portugal und Brasilien vertrieb, konnten die verbleibenden Orden das Werk der Jesuiten nicht fortsetzen, wahrscheinlich weil ihnen das Gespür für den positiven Wert der indianischen Kulturen fehlte.

Eindeutig schlimmer erging es den schwarzen Sklaven. Nicht nur, dass Klöster, kirchliche Kollege, Priester und Bischöfe selbst afrikanische Sklaven und Sklavinnen besaßen. Da und dort versuchte man sogar, die schwarze Sklaverei theologisch zu rechtfertigen, indem man die Afrikaner für die Nachfahren Kains erklärte, dessen Zeichen sie zwar vor dem Tode, aber nicht vor der Verfluchung bewahren sollte; oder man berief

sich auf Genesis 9, 25, wo Noach seinen missratenen Sohn Ham als Sklaven seiner Brüder bezeichnet, und lässt die Söhne und Töchter Afrikas Abkömmlinge Hams sein.

Was das Elend der schwarzen Sklaven anbelangt, zeigten sich einige Missionare sensibel. So bemühte sich Antonio Vieira, den Sklaven ihre Leiden als reinste Form der Nachfolge Christi zu erklären. Andere, wie die Jesuiten Goncalo Leite, Miguel Garcia und Jorge Benci, stritten gegen die Auswüchse der Sklaverei, weil ihnen der Kampf gegen die Institution selbst erfolglos erschien. Doch der Orden mit den wohl meisten Propheten gegen die schwarze Sklaverei sind die Kapuziner. Sie schrecken nicht davor zurück, die Sklaverei überhaupt in Frage zu stellen. Der Grund: Sie unterstanden – als Italiener und Franzosen vor allem in dem zuvor französischen Besatzungsgebiet Maranhao tätig – nicht unmittelbar dem königlich-portugiesischen Patronat, sondern der vatikanischen *Propaganda-Fide-Kongregation*. Dies ermöglichte ihnen ein weniger kolonialistisches Verständnis als anderen. Zwei Namen stehen dafür: Carlos Jose von La Spezia (1683 bis 1752) und Jose von Bologna (1748 bis 1801).

Und heute? Bei allem befreiungstheologischen Auf und Ab, das die Kirche in Brasilien seit den achtziger Jahren mitmacht, kann kein Zweifel daran bestehen, dass sie sich mit dem großen Strom ihrer Kräfte in der Spur jener Christen bewegt, die sich im Laufe der 500 Jahre für die Kleinen und Zertretenen einsetzten. Wenn es da und dort heißt, die Theologie der Befreiung stecke in der Krise, dann stimmt daran, dass sich einige Theologen durch all die Nachtstellungen, die ihnen zuteil geworden sind, entmutigen ließen. Die meisten aber tun treu ihren Dienst weiter. Frauen arbeiten an einem theologischen Ökofeminismus. Leonardo Boff und Frei Betto formulieren die kulturellen, ökologischen und holistischen Dimensionen der Befreiungstheologie weiter aus. Wichtig ist auch, dass Kirche und Bischofskonferenz an den Brennpunkten der gesellschaftlichen Konflikte präsent sind. Wo Landlose und Indianer, Gewerkschaften und Genossenschaften, Arbeitslose und Prostituierte, Gefangene und Straßenkinder den Jubel der offiziellen 500-Jahr-Feiern nicht ertragen, dürfen sie sich der Unterstützung durch kirchliche Einrichtungen sicher sein. Nur einige dieser Institutionen können hier genannt werden: *Kommission für Grund- und Bodenfragen (CPT)*, *Indianermissonsrat (CIMI)*, *Pastoral für Fragen der Afrobrasilianer*, *Pastoral für Frauen am Rande der Gesellschaft*, *Justitia et Pax*, *Caritas*, *Brasilianisches Entwicklungsinstitut (Ibrades)*, *Bewegung für Basiserziehung (MEB)*, *Kommission für Arbeiterpastoral (CPO)*, *Kinder- und Jugendpastoral*, *Fischer-, Migranten- und Nomadenpastoral*.

Die im Jahr 2000 erstmals ökumenisch konzipierte *Campanha da Fraternidade* (Aktion Geschwisterlichkeit) steht denn auch unter dem Motto »Menschenwürde und Frieden – Ein neues Jahrtausend ohne jeden Ausschluss«.

■ HORST GOLDSTEIN



Visitantes fazem fila para visitar a mostra no feriado, anteontem

UOL ÍNDICE



- brasil
- política
- economia
- ciudades
- charge
- esportes
- caderno c
- meio ambiente
- internacional
- informática
- artigos/columnas
- semanais
- classificados
- índice geral
- capa dois

UOL ÍNDICE



■ A Oca sediava museus da Aeronáutica e do Folclore

Prédio da Oca fica com a Associação Brasil 500 Anos

Ana Paula Franzola de São Paulo

Enquanto centenas de pessoas trabalham na desmontagem da maior exposição da história do país, a Associação Brasil 500 Anos, responsável pela Mostra do Redescobrimto, se prepara para a itinerância da exposição e também para se tornar uma nova associação, agora sem caráter temporário.

A nova fundação vai se chamar Brasil+500 e, além de artes visuais, ficará encarregada de organizar eventos em outras áreas artísticas, sempre com o objetivo de melhorar a imagem e a auto-estima do país. O

novo estatuto da organização privada sem fins lucrativos ainda está sendo preparado. A diretoria por enquanto será a mesma que organizou a Mostra do Redescobrimto, mas deve ser mudada até 2003.

A nova associação não será vinculada à Fundação Bial e já tem sede oficial, o prédio da Oca, no Parque do Ibirapuera. O espaço, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, funcionou até o início do ano como sede dos museus da Aeronáutica e do Folclore. A idéia inicial da organização do evento era devolver o prédio até o final do ano, mas os planos foram mudados. ■

ver mais página 4



tercio 2000 -feira

AULO

Bel
11.9.10

ARTES PLÁSTICAS

Associação da Mostra dos 500 anos tem novos planos

Entidade desvincula-se da Bienal e conquista autonomia de ação

Ana Paula Franzola e Márcio Venciguerra de São Paulo

A transformação da Associação Brasil 500 Anos, numa entidade autônoma, segundo seu presidente, Edegar Cid Ferreira, não causou problemas com o conselho da Fundação Bienal, a quem era vinculada. Segundo ele, a associação ampliou sua atuação e, para não prejudicar o funcionamento da Fundação Bienal, foi feita a opção de transformá-la em outra entidade.

O uso da Oca como sede oficial da nova entidade foi autorizada pelo prefeito Celso Pitta pelo decreto 39609, publicado no Diário Oficial no último dia 12 de julho. A autorização não determina o prazo da utilização do imóvel e, como tem caráter precário, pode ser revogada a qualquer momento. O prédio, projetado por Oscar Niemeyer, foi todo reformado para poder ser utilizado durante a Mostra do Redescobrimto. Para a Mostra, os museus da Aeronáutica e do Folclore, que funcionavam no pavilhão, foram transferidos com a promessa de voltarem ao local até o final do ano.

O presidente da associação explica que os dois museus ganharam novas sedes, segundo ele, mais apropriadas até do que a Oca. Mas a notícia de que a Oca agora é da Associação Brasil+500 não agradou. O presidente da Associação de Pilotos e Proprietários de Aeronaves e o empresário do setor de



Edegar Cid Ferreira, presidente da Associação Brasil+500

aviação, Décio Correa, lamentam que o paulistano perca os museus da Aeronáutica e do Folclore no Ibirapuera. "O acordo com a Fundação Santos Dumont era de que a Oca voltaria a abrigar o acervo dos dois museus, que receberiam o prédio reformado", diz. Para Correa, o fato de os aviões históricos terem sido deixados ao relento em Cotia foi um crime contra o patrimônio e a memória do Brasil. "Os aparelhos sofreram danos irreversíveis", diz. A direção do Museu do Folclore, que agora ocupa da Casa do

projeto prevê a parceria com o Centro Cultural Georges Pompidou, o Beaubourg, de Paris.

Balanço

O balanço da Mostra, a maior exposição realizada no Brasil foi divulgado ontem durante uma entrevista coletiva. Além da confirmação do número de visitantes — 1.883.872 pessoas —, foi divulgado o custo total do empreendimento, R\$ 45 milhões, valor que veio da iniciativa privada. Na bilheterias foram arrecadados R\$ 4,5 milhões. ■

Sertanista, não foi encontrada para falar sobre o assunto.

Apesar de ainda estar envolvida com a itinerância de diversos módulos da Mostra do Redescobrimto, que devem ser exibidos em dez cidades brasileiras, a começar pelo Rio de Janeiro, no próximo mês, e também em países como Estados Unidos, Argentina, Chile, Inglaterra, França, Portugal, a associação já começa a tocar projetos para sua nova fase. O primeiro deles será uma exposição em homenagem aos 50 anos da televisão no Brasil. A mostra deverá ter curadoria de Marcelo Dantas e Rals Applebam. Outro



FERNANDO

Porto Seguro depois de

Ilustração Emilio Damiani, com foto de Fernando Gabeira



ISMO

FOLHA DE S.PAULO

D GABEIRA

o trauma dos 500 anos

O FURACÃO dos 500 anos passou e Porto Seguro trata agora de recolher os cacos, reencontrando seu caminho de centro turístico. A festa foi um desastre não só porque o governo resolveu espancar índios e negros para comemorar o quinto centenário. Os empresários locais acharam que iam ganhar muito dinheiro, puseram os preços na estratosfera e descobriram, um pouco tarde demais, que o Descobrimento não

estava com tanta bola assim.

Foi um trauma para os habitantes da cidade, que perderam o direito de livre circulação durante a festa, e foi um grande abalo na imagem da cidade, que se prepara há anos para se tornar um grande centro turístico de massa, embora essa opção nem sempre se revele a mais rendosa. Os ônibus chegam e partem sem que os turistas de um só dia desembolssem muito dinheiro.

Porto Seguro jogou sua sorte no turismo e abriu cerca de 30 mil leitos, capacidade muito superior à demanda. De acordo com os empresários que pensam o futuro da cidade, o turismo ficou muito concentrado na temporada de verão, e a cidade, de fato, é atraente o ano inteiro.

Uma das maneiras de combater essa atrofia foi construir um centro de convenções que possa atrair congressos para Porto Seguro, garantindo uma ocupação maior ao longo do ano.

e
seln
zeit
it

CYNTIA FARABOTTI

ENVIADA ESPECIAL A PORTO SEGURO

Apesar de a comemoração dos 500 anos do Descobrimento do Brasil ter rendido apenas capas de jornais e imagens com brigas entre manifestantes e policiais, Porto Seguro (705 km ao sul de Salvador) e o turista têm sido beneficiados com a data.

Para a festa, foram investidos cerca de R\$ 150 milhões, recurso que rendeu a ampliação do aeroporto, a abertura da BA-001 (a estrada, agora asfaltada, liga Porto Seguro a Trancoso e a Arraial d'Ajuda), a construção da rede de esgoto e de um hospital regional, além da urbanização da famosa Passarela do Alcool e da recuperação de algumas ruas.

Na cidade, o axé, a agitação e a beleza natural ainda são predominantes por todo o centro e pelos 90 quilômetros de praias.

McDonald's

O turista ganhou também uma loja McDonald's. A franquia, de número 500, foi decorada sob o tema Descobrimento do Brasil e é bem diferente das demais.

O local conta com uma grande área ajardinada nas laterais e um telhado no estilo colonial, para seguir os mesmos moldes das construções históricas da cidade.

Foi investido R\$ 1,8 milhão na

construção da franquia. O restaurante tem 320 m² e ocupa um terreno de 1.300 m².

De acordo com pesquisas da rede, os turistas têm sido o maior público do local. Em julho, por exemplo, 70% dos frequentadores da loja eram de fora da cidade.

Sossego

Mas quem ainda procura paz e quer distância da badalação do centro e das praias de Porto Seguro pode seguir até a praia de Santo André (a cerca de 30 quilômetros do centro da cidade). Vale a pena passar um dia admirando o silêncio e a beleza natural.

De ônibus, gastam-se R\$ 1,30 e cerca de 30 minutos para chegar até a balsa. O trajeto é bonito, pois margeia as praias de Coroa Vermelha e Santa Cruz Cabrália.

A pé, o turista paga pela travessia da balsa R\$ 0,40 durante a semana e R\$ 0,60 nos finais de semana. Já o preço por carro é de aproximadamente R\$ 4,50.

Para chegar à praia, ainda é preciso percorrer mais três quilômetros. Deixe de lado as excursões e vá admirando o encontro do rio João de Ilba com o mar.

Na praia, desprovida de barracas e músicas, é possível descansar ao som dos sotaques estrangeiros: italianos e franceses não faltam no local.

Se bater aquela fome na hora do



almoço, existem três restaurantes que atendem as pessoas que passeiam de escuna (a praia é rota do passeio) e também os turistas em geral. Uma boa opção é o restaurante Porto das Canoas, que está no local há 14 anos. Por R\$ 10, dá para comer à vontade no sistema self-service, que oferece muito peixe, camarão e caranguejo.

Na volta para a balsa, vale arriscar um caminho pelo meio do mangue. Um pouco cansativo, ele é percorrido pelos nativos e oferece belas fotos e paisagens.

Roteiro dos turistas em passeios de barco e próxima a Santo André, a ilha Paraíso é conhecida por seus diversos doces e pelos 40 tipos diferentes de cocada. Para chegar lá, só de escuna ou barco.

Cynthia Farabotti viajou a Porto Seguro a convite da Abih, da companhia aérea Rio Sul e do Porto Seguro Praia Hotel.

→ LEIA MAIS sobre Porto Seguro nas págs. G8 e G9.



Casas do centro histórico de Porto Seguro, que foi a base das comemorações dos 500 anos do país

RADIO 3

NDR • SFB • ORR

eten

Klavier zu 4 Händen
dy: Klaviertrio Nr. 2 o-m
er zu 4 Händen
ter
39

RIATIONEN
erg

GENWART
er
tenforum

RGELESEN

len
ojewski

letz
türe zu „Manfred“ op. 115
George Szell
oldy: 4 Lieder ohne Worte
op. 53 Nr. 4 / op. 102 Nr. 5

erweisen op. 20 Nr. 1
llywood Bowl Symphony
in
Französische Suite Nr. 2
avrilov, Klavier
art: Serenade D-dur KV 238
nerata Salzburg

us dem Streichquartett
- / Alban-Berg-Quartett
nzer B-dur RV 503
i
ile D-dur / Midori, Violine

2:00, 04:00, 05:00,
9:00, 12:00, 13:00,
9:00, 22:00

FOLHA DE S. PAULO

2.10.00

TURISMO

LITORAL DA BAHIA *Distritos têm praias que estimulam a preguiça*

Arraial e Trancoso fogem da agitação de Porto Seguro

ENVIADA ESPECIAL A PORTO SEGURO

Quem vai a Porto Seguro não pode deixar de visitar Arraial d'Ajuda e Trancoso (litoral sul). Tanto de dia quanto à noite, o que não faltam são belas praias e bares.

Em Trancoso, o que vale é ficar um dia inteiro estirado em alguma das praias. A Rio da Barra, por exemplo, é praticamente deserta e inspira a preguiça. O gostoso é ficar lá descansando.

A praia de Itaquema, conhecida pelos adeptos do nudismo, também permite que os visitantes fiquem vestidos. Quem não dispensa a infra-estrutura das barracas pode ir à praia dos Coqueiros.

Atravessando de balsa, também

não falta diversão para quem quer festas noturnas. Em Arraial, a noite ferve no luau do Parracho e no calçadão da Broadway, rua de ótimos barzinhos e restaurantes.

Em Trancoso, uma das melhores festas acontece no Pára-Raios, que fica próximo à praça do Quadrado, região histórica do distrito. Também atravessando o rio Buranhém está localizada, na ilha do Pacuio, a Capitania dos Peixes, que só funciona à noite uma vez por semana (o dia varia).

Inaugurado em janeiro, o local conta com aquários de água salgada de até 220 mil litros, que abrigam peixes, tubarões e diversas espécies marinhas. Além disso, a Capitania possui danceteria,

restaurante e bar para quem quiser aproveitar a sua noite.

Para chegar à Capitania, é preciso pegar a balsa. O preço da entrada é R\$ 15.

Como ir

Os mais econômicos podem arriscar conhecer Arraial d'Ajuda e Trancoso de ônibus ou lotação. Até a balsa (que faz a travessia do rio Buranhém), o ônibus custa R\$ 0,80. Para pedestres, o percurso de balsa custa R\$ 1. A travessia para carros custa R\$ 4,50 (preços que sobem nos finais de semana).

Da balsa até o centro de Arraial, as opções são os ônibus (R\$ 0,80) ou os lotações (R\$ 1).

A dificuldade de ir de ônibus é

que, para conhecer praias do Arraial, como Mucugê, Parracho e Pitinga, é preciso ir a pé (cerca de quatro quilômetros) ou negociar com o motorista de um lotação (que faz o percurso por, em média, R\$ 10). Outra opção é alugar um carro e curtir todas as praias. O aluguel por um dia custa cerca de R\$ 50. (CYNTIA FARABOTTI)

Índios lamentam perda de cruz

ENVIADA ESPECIAL

O turista que visitar Coroa Vermelha, localizada em Santa Cruz Cabrália (23 quilômetros ao norte de Porto Seguro), irá se deparar com a revolta dos índios pataxós. Isso porque a antiga cruz de madeira, que fica no ilhéu onde foi realizada a primeira missa do país, foi substituída por uma de metal durante as comemorações dos 500 anos do Descobrimento.

"Queremos a nossa cruz de volta", diz o índio pataxó Crispim, que entre um e outro pedido de "caimabá" (dinheiro) lamenta a perda do símbolo original.

Mas o local ainda é atraente pa-

ra quem quer conhecer um pouco mais da cultura indígena e comprar artesanato.

Novidade

A cruz de metal é a única (e talvez não muito boa) novidade histórica de Porto Seguro.

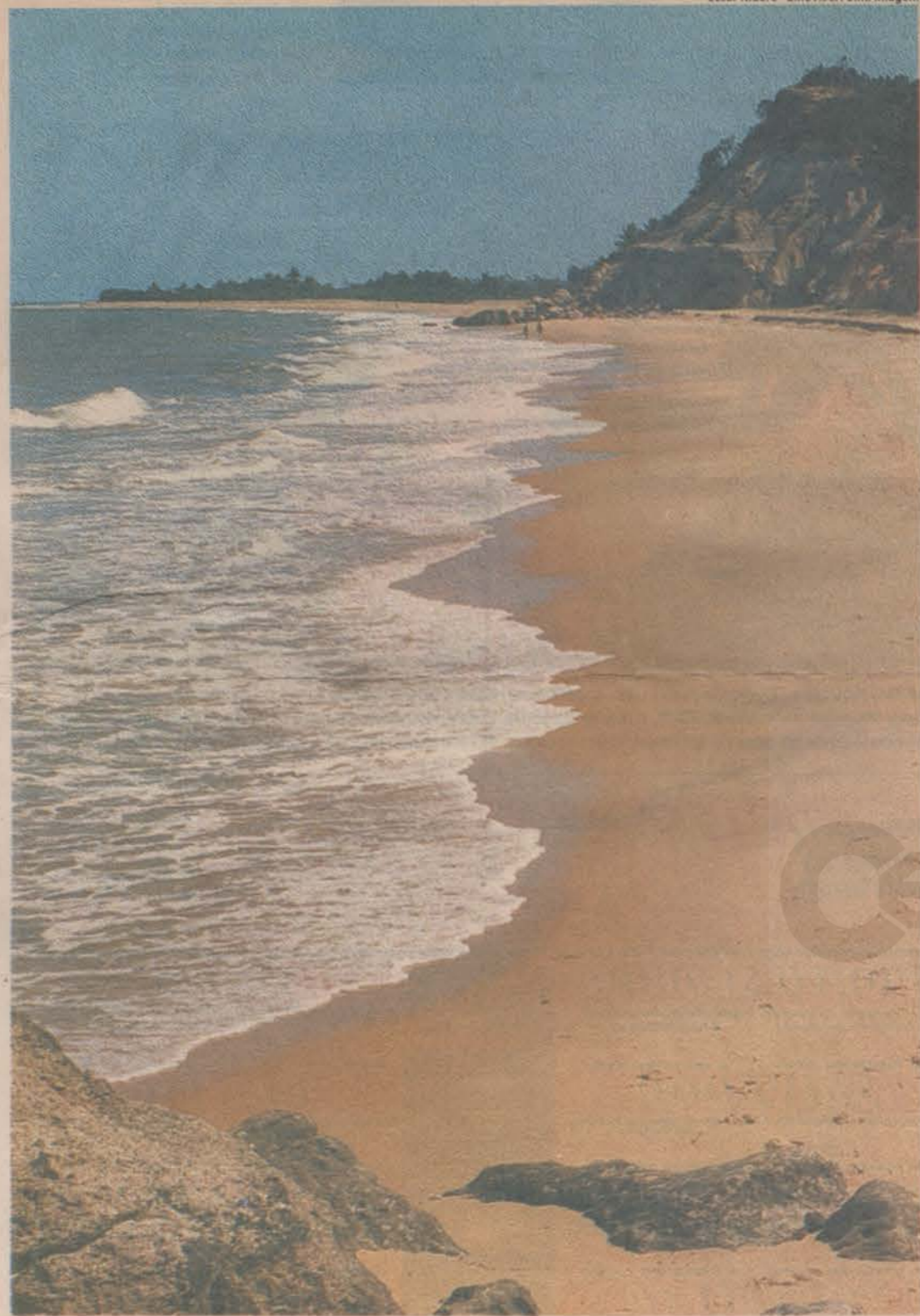
Na cidade alta do centro, por exemplo, as igrejas e as ruínas jesuítas continuam no roteiro turístico, mas, para quem já conhece o local, o passeio não reserva grandes surpresas.

Vale a pena descansar e aproveitar a paisagem no mirante da cidade alta, cuja vista mostra parte do centro e das praias de Porto Seguro. (CF)



Índios seguram faixa preta em luto simbólico na Coroa Vermelha

August
31 32 33
6 13
7 14
1 8 15
2 9 16
3 10 17
4 11 18
5 12 19



Cesar Itiberé - 2.nov.98/Folha Imagem

Praia de Trancoso, distrito de Porto Seguro que tem litoral mais deserto e sossegado para o turista

FOLHA DE S.PAULO

TURISMO

LITORAL DA BAHIA *Foram investidos cerca de R\$ 150 milhões na ci*

Festa dos 500 anos bene

Juca Varella/Folha Imagem - 24.fev.2000



Marco do Descobrimento do Brasil, com o brasão de Portugal, no centro histórico de Porto Seguro

segunda-feira, 2 de outubro de 2000 G 7

idade, que ampliou o aeroporto e abriu a rodovia BA-001

eficia Porto Seguro

CYNTIA FARABOTTI

ENVIADA ESPECIAL A PORTO SEGURO

Apesar de a comemoração dos 500 anos do Descobrimento do Brasil ter rendido apenas capas de jornais e imagens com brigas entre manifestantes e policiais, Porto Seguro (705 km ao sul de Salvador) e o turista têm sido beneficiados com a data.

Para a festa, foram investidos cerca de R\$ 150 milhões, recurso que rendeu a ampliação do aeroporto, a abertura da BA-001 (a estrada, agora asfaltada, liga Porto Seguro a Trancoso e a Arraial d'Ajuda), a construção da rede de esgoto e de um hospital regional, além da urbanização da famosa Passarela do Álcool e da recuperação de algumas ruas.

Na cidade, o axé, a agitação e a beleza natural ainda são predominantes por todo o centro e pelos 90 quilômetros de praias.

McDonald's

O turista ganhou também uma loja McDonald's. A franquia, de número 500, foi decorada sob o tema Descobrimento do Brasil e é bem diferente das demais.

O local conta com uma grande área ajardinada nas laterais e um telhado no estilo colonial, para seguir os mesmos moldes das construções históricas da cidade.

Foi investido R\$ 1,8 milhão na

construção da franquia. O restaurante tem 320 m² e ocupa um terreno de 1.300 m².

De acordo com pesquisas da rede, os turistas têm sido o maior público do local. Em julho, por exemplo, 70% dos frequentadores da loja eram de fora da cidade.

Sossego

Mas quem ainda procura paz e quer distância da badalação do centro e das praias de Porto Seguro pode seguir até a praia de Santo André (a cerca de 30 quilômetros do centro da cidade). Vale a pena passar um dia admirando o silêncio e a beleza natural.

De ônibus, gastam-se R\$ 1,30 e cerca de 30 minutos para chegar até a balsa. O trajeto é bonito, pois margeia as praias de Coroa Vermelha e Santa Cruz Cabralia.

A pé, o turista paga pela travessia da balsa R\$ 0,40 durante a semana e R\$ 0,60 nos finais de semana. Já o preço por carro é de aproximadamente R\$ 4,50.

Para chegar à praia, ainda é preciso percorrer mais três quilômetros. Deixe de lado as excursões e vá admirando o encontro do rio João de Iba com o mar.

Na praia, desprovida de barracas e músicas, é possível descansar ao som dos sotaques estrangeiros: italianos e franceses não faltam no local.

Se bater aquela fome na hora do



almoço, existem três restaurantes que atendem as pessoas que passeiam de escuna (a praia é rota do passeio) e também os turistas em geral. Uma boa opção é o restaurante Porto das Canoas, que está no local há 14 anos. Por R\$ 10, dá para comer à vontade no sistema self-service, que oferece muito peixe, camarão e caranguejo.

Na volta para a balsa, vale arriscar um caminho pelo meio do mangue. Um pouco cansativo, ele é percorrido pelos nativos e oferece belas fotos e paisagens.

Roteiro dos turistas em passeios de barco e próxima a Santo André, a ilha Paraíso é conhecida por seus diversos doces e pelos 40 tipos diferentes de cocada. Para chegar lá, só de escuna ou barco.

Cyntia Farabotti viajou a Porto Seguro a convite da Abih, da companhia aérea Rio Sul e do Porto Seguro Praia Hotel.

→ LEIA MAIS sobre Porto Seguro nas págs. G8 e G9.

Associated Press - 19.abr.2000



Casas do centro histórico de Porto Seguro, que foi a base das comemorações dos 500 anos do país

G 16 segunda-feira, 2 de outubro de 2000

TURIS

FERNANDO

Porto Seguro depois do

Ilustração Emílio Damiani, com foto de Fernando Gabeira



MO

FOLHA DE S.PAULO

GABEIRA

trauma dos 500 anos

O FURACÃO dos 500 anos passou e Porto Seguro trata agora de recolher os cacos, reencontrar seu caminho de centro turístico. A festa foi um desastre não só porque o governo resolveu espantar índios e negros para comemorar o quinto centenário. Os empresários locais acharam que iam ganhar muito dinheiro, puseram os preços na estratosfera e descobriram, um pouco tarde demais, que o Descobrimento não

estava com tanta bola assim.

Foi um trauma para os habitantes da cidade, que perderam o direito de livre circulação durante a festa, e foi um grande abalo na imagem da cidade, que se prepara há anos para se tornar um grande centro turístico de massa, embora essa opção nem sempre se revele a mais rendosa. Os ônibus chegam e partem sem que os turistas de um só dia desembolssem muito dinheiro.

Porto Seguro jogou sua sorte no turismo e abriu cerca de 30 mil leitos, capacidade muito superior à demanda. De acordo com os empresários que pensam o futuro da cidade, o turismo ficou muito concentrado na temporada de verão, e a cidade, de fato, é atraente o ano inteiro.

Uma das maneiras de combater essa atrofia foi construir um centro de convenções que possa atrair congressos para Porto Seguro, garantindo uma ocupação maior ao longo do ano.

Além disso, a cidade terá de pensar num calendário de eventos para atrair grupos especiais, como os motoqueiros.

O trauma dos 500 anos vai desaparecendo lentamente na memória dos brasileiros e, para dizer a verdade, restaram algumas obras importantes, sobretudo na Coroa Vermelha, onde os pataxós ganharam um espaço para comercializar seu artesanato e foi construído um museu do índio, que ainda não funciona. Além disso, há vôos diários e as estradas de acesso estão bem conservadas, se compararmos com outros lugares do Brasil.

Minha viagem foi também sentimental. Vivi em Porto Seguro nos anos 80, mais precisamente na cidade velha, no hotel Estrela d'Alva, cujos donos, Hélio e Zezé, tornaram-se amigos para toda a vida. Hélio morreu, vítima de um acidente de trânsito.

A ocupação das praias de Porto Seguro seguiu um modelo singular. Foram construídas grandes barracas, que se tornaram bares, centros de lazer, boates. O resultado revela visualmente o controle da cidade por um tipo de indústria turística que não hesita em desfigurar a paisagem para garantir seus negócios.

A cidade, sobretudo a área onde fica a Passarela do Alcool, não mudou muito, principalmente o calçamento, que dá sinais de fadiga, com grandes buracos.

Uma grande feira de barraquinhas foi aberta também para atrair os turistas que fazem com pras naquela área.

Quem aparece por lá depois de uma ausência de dez anos, com é meu caso, não tem do que reclamar. Tudo o que aconteceu em Porto Seguro estava previsto a partir das tendências iniciais. A história de sempre: lugar bonito, descoberto como ponto turístico por mochileiros e que, aos poucos, vai sendo ocupado pela indústria, que o utiliza de acordo com seus objetivos imediatos.

Empresários e dirigentes políticos em lugares assim costumam se fundir e, em cada eleição, como a de ontem, o futuro é colocado em debate. No caso de Porto Seguro, não há grandes caminhos a se buscar. A cidade optou pelo turismo e precisa apenas definir melhor se quer isso estrategicamente ou se não se importa com a decadência, que pode levar com ela a galinha dos ovos de ouro.

Os empresários têm sempre como recomeçar em outro lugar; os turistas, com o mesmo orçamento, podem encontrar novos centros de atração. O problema mesmo é a gente do lugar, que assiste a uma transformação violenta de seu ambiente e fica sozinha com os prejuízos. Com a infra-estrutura montada, Porto Seguro deve prosseguir seu esforço para atrair um turismo de massa e, ao longo do ano, ampliar eventos e conferências. Com tudo o que fizeram, ainda é um lugar maravilhoso para conhecer.

Lá as pessoas parecem ficar mais leves, as mulheres se enfeitam, todos parecem buscar um romance onde o Brasil começou. O comércio entendeu essa tendência combinando a beleza natural com a cultura do corpo, as danças modernas da Bahia.

O tom é um pouco exagerado, na estrada para Santa Cruz Cabralia você se sente um pouco confuso com tantos hotéis, barracas e restaurantes. Mas o que fazer quando você depende do turismo de massa e tem 30 mil leitos, a maioria ociosa?

Mostra de gravuras e mapas celebra 500 anos de história

18.10.00
04
Michele Oliveira
de São Paulo

Uma exposição de gravuras antigas originais "Old Prints", que chega este ano à nona edição, decidiu celebrar os 500 anos do Descobrimento do Brasil com uma mostra iconográfica brasileira. São mapas de viajantes — alguns datados de 1560 —, cenas das missões européias no País, como a chegada dos holandeses liderados por Nassau, ilustrações do começo do império e desenhos de portos, como o de Salvador.

Com mais de 200 gravuras e mapas, há ainda imagens da época do descobrimento, capitânicas portuguesas, época colonial e missões artísticas e científicas da primeira parte do século 19. Entre os trabalhos, há os feitos por artistas famosos, como Rugendas, Debret, De Bry, D'Anville, Spix & Martius, entre outros.

A coleção faz parte do acervo do curador da exposição, o suíço Dominique Edouard Baechler, residente no Brasil há 20 anos. Colecionador há mais de 30 anos, periodicamente ele põe à venda parte de seu acervo. "É uma grande recompensa ver estas peças sendo expostas e indo para outras casas", diz Baechler. As gravuras e mapas custam entre R\$ 200 e R\$ 16 mil. Segundo o cu-



• Papagaios: de Spix & Martius, feita na Alemanha, no século 19

rador, este tipo de obra está se tornando cada vez mais difícil de ser encontrada, o que provoca aumento nos preços. Além disso, há a atuação dos museus que, no caso dos mapas, adquirem atlas inteiros, impossibilitando a venda avulsa para colecionadores particulares.

As obras expostas estão todas montadas com molduras e passe-

partouts franceses, tradicionais da época de cada gravura. ■

Old Prints

Club Transatlântico
R. José Guerra, 130
Segunda a sexta, 8h às 22h
Até 23 de novembro
Tel.: 5181-8600, r. 200



• À esquerda, Frontispício de Atlas, gravura holandesa do século 17. Abaixo, mapa das Américas de Vischer, do século 17



Die erste Lieferung mit dem Thema „Vom Mauerbau bis zur Öffnung der Grenzen“ umfasst neben dem Grußwort von Michail Gorbatschow die ersten vier Themenblätter, die Programmübersicht (Teil 1) sowie das Original-Album mit passendem Schubert. Sie erhalten diese Lieferung zum attraktiven Komplettpreis von nur 49,00 DM/25,05 EUR (pro Einzelblatt 6,50 DM). Sie werden feststellen, dass die Briefmarken und Belege aus jener Zeit heute bereits gesuchte Dokumente und nur noch in begrenzter Anzahl verfügbar sind.

Nutzen Sie deshalb jetzt die **Möglichkeit der Vorabreservierung**. So sichern Sie sich die komplette Sammlung „10 Jahre Deutsche Einheit“ und verpassen keine der insgesamt 8 Lieferungen. Ihre erste Lieferung erfolgt im Oktober 2000. Danach erhalten Sie die weiteren Lieferungen quartalsweise zum Preis von maximal 32,50 DM/16,62 EUR.

Sie werden von den wertvollen Briefmarken und Belegen der Sammlung begeistert sein. Mit dem attraktiven Sammelsystem wird Ihre Dokumentation „50 Jahre Bundesrepublik Deutschland“ durch das Thema „10 Jahre Deutsche Einheit“ lückenlos ergänzt.

Viel Freude beim Lesen wünscht Ihnen

Ihr

Jörg Meißner

Jörg Meißner
Abteilungsleiter Philatelie

PS: Unser aktuelles Zusatzangebot: Lassen Sie sich auch von unserer neuen Jubiläumsedition Zeppelinpost – „Das Jahrhundert der Zeppeline“ überraschen und werfen Sie einen Blick in die beigelegte Zeppelin-Broschüre!

Bestellen Sie direkt:
0 18 03/24 68 68*
FAX: 0 18 03 / 24 68 69
www.deutschepost.de/philatelie
*(0,18 DM/Min.)

Die erste Entdeckung Amerikas

Die Vinland-Reisen der Wikinger vor 1000 Jahren

22. 10. 00
NH
Von Urs Bitterli

Vor acht Jahren ist das Fünfhundert-Jahr-Jubiläum der Entdeckung Amerikas begangen worden. In Ausstellungen und luxuriös aufgemachten Bildbänden, in den Gedenkenden der elektronischen Medien und in zwei Spielfilmen ist an das historische Ereignis erinnert worden; und da die vier Kolumbusreisen quellenmässig erstaunlich gut dokumentiert sind, fehlte es nicht an Informationen, um Vergangenheit zu rekonstruieren und effektiv in Szene zu setzen. Zwar gab es, vor allem in Lateinamerika, Stimmen, die den Anlass nutzten, den Beginn der «Europäisierung der Erde» mit allem Elend gleichzusetzen, das durch den weissen Menschen in die Welt gekommen sei.

Doch erwies sich, dass die Entdeckung der «Neuen Welt» im kollektiven Bewusstsein längst zu einem «lieu de mémoire» ge-



Der Nordatlantik auf einer dänischen Karte aus dem 16. Jahrhundert.

worden war, dem diese Kritik wenig anhaben konnte. Das Bild des Kolumbus als einer Schwellenfigur zwischen Mittelalter und Neuzeit, die den Aufbruch Europas über den eigenen Kulturbereich hinaus repräsentiert, blieb weitgehend intakt. Woran auch jene Kommentatoren nichts ändern konnten, welche der Entdeckung des italienischen Seefahrers ein Pionierverdienst absprachen und an die Fahrten der Wikinger im hohen Norden erinnerten, fünfhundert Jahre vor Kolumbus.

INSEL-HÜPFEN

Nun sind Pionierleistungen in der Geschichte der Seefahrten schwer nachzuweisen, denn von jenen Schiffen, die nie zurückkehren, kann niemand sagen, auf welche unbekanntesten Küstenstriche sie vielleicht gestossen sind. Dass die Wikinger dem Kolumbus bei der Entdeckung Amerikas zuvorgekommen sind, ist heute jedoch unbestritten; doch die Quellen sind lückenhaft, und die Datierung und Lokalisierung der Ereignisse ist noch immer schwierig. Wir wissen aus norwegischen und isländischen Familienchroniken oder «Sagas», die auf Grund mündlicher Überlieferung erheblich später abgefasst worden sind, dass die Wikinger zwischen dem 8. und 11. Jahrhundert von der skandinavischen Westküste aus in den Nordatlantik vorgestossen sind.

Sie bedienten sich dabei solid gezimmerter Frachtschiffe mit einem Vierecksegel; dass mit Schiffen dieser Art das Insel-Hüpfen im Nordatlantik, wie die Wikinger es betrieben, möglich ist, hat der Norweger Ragnar Thorseth 1984 gezeigt, als er mit einem nachgebauten Modell über Grönland nach Boston segelte. Um 800 entdeckten die Wikinger die Shetlandinseln, um 860 erreichten sie Island, und nach 980 begann man unter Erik dem Roten mit der Erkundung und Besiedlung Grönlands. Über die Motive dieser Fahrten ist wenig bekannt. Im Unterschied zu den Überseereisen der Portugiesen und Spanier scheinen kommerzielle, politische und religiöse Be-

gehen. Man fand Nägel aus Eisen, eine Nadel mit Ring aus Bronze, Steinlampen sowie Reste von Spindeln und Haustierknochen, was die Feststellung erlaubte, dass die Siedlung nicht auf Indianer oder Eskimos zurückgehen konnte. Zu einer prosperierenden Kolonie ist dieser Ort wohl nie geworden; wohl aber dürfte er als Ausgangsbasis zu weiteren Fahrten gedient haben.

FÄLSCHUNGEN

Für Aufregung sorgte eine 1965 von der Yale University publizierte Weltkarte, die nach der Meinung von Experten ums Jahr 1440 entstand. Auf dieser Karte befindet sich, mit scharf gezeichneten Konturen und unmissverständlich beschriftet, eine Darstellung der Insel Vinland – falls die vorgeschlagene Datierung zutrifft, ein erstaunliches Faktum, würde es doch bedeuten, dass ein halbes Jahrhundert vor Kolumbus' erster Reise ein Teil Nordamerikas bereits kartographisch festgehalten war. Doch dem Staunen der Experten folgte rasch die Ernüchterung. Die chemische Prüfung der für Teile der «Vinland-Karte» verwendeten Tinte ergab nämlich, dass es sich um eine raffinierte Fälschung handelt; als Urheber vermutet man einen jugoslawischen Historiker, der seinen Thesen auf diese Weise grössere Glaubwürdigkeit zu verschaffen suchte.

weggründe, wegzufallen, und auch eine systematisch verfolgte Absicht der Kenntniserweiterung, wie sie Prinz Heinrich dem Seefahrer zugeschrieben wird, scheint zu fehlen.

Von Island und Grönland aus wurden in den folgenden Jahren weitere Fahrten in die Küstengewässer Labradors und Neufundlands unternommen. Einer der Familienchroniken, der «Grönländer Saga», lässt sich entnehmen, dass ein gewisser Bjarni Herjulfsson im Jahre 985 bisher unbekannteste Küstenstriche im Südwesten Grönlands aufsuchte; aber das ist schon alles. Etwas mehr ist über die Fahrten von Leif Eriksson, einem Sohn Eriks des Roten, bekannt: Er entdeckte ums Jahr 1000 südlich von Grönland drei zuvor unbekannteste Gebiete, die er Helluland, Markland und Vinland nannte. Helluland und Markland bedeuten so viel wie «Land der flachen Steine» und «Waldland» – die beiden Gegenden werden heute in den Küstengewässern von Baffin Island und Labrador lokalisiert.

Die Frage nach der geographischen Lage Vinlands ist während Jahrzehnten sehr kontrovers diskutiert worden. In den «Sagas» wird Vinland als ein fruchtbares Territorium beschrieben, in dem im Besonderen wilde Reben wüchsen, und daraus ist gefolgert worden, dieses Gebiet müsse sich weiter im Süden der nordamerikanischen Ostküste, irgendwo zwischen Cape Cod und der Chesapeake Bay, befinden haben. Heute bekennt sich die Mehrzahl der Forscher zur Auffassung, das Vinland der Wikinger sei im äussersten Norden Neufundlands zu lokalisieren, in einer unwirtlichen Gegend, die den beschönigenden Namen «L'Anse aux Meadows» trägt.

Diese Auffassung wird gestützt durch die archäologischen Untersuchungen, die das norwegische Ehepaar Ingstad in den sechziger Jahren an dieser Stelle unternommen hat. Durch Grabungen sind Reste normannischer Siedlungen freigelegt worden, und mittels der Radiokarbon-Datierung konnte nachgewiesen werden, dass diese auf die Zeit um 1000 n. Chr. zurück-

Derartige Irreführung und Mystifikation hat es übrigens in diesem Zusammenhang oft gegeben. Seit dem 19. Jahrhundert werden in Amerika Ruinensteine hergestellt, deren Inschriften auf die ersten normannischen Besucher Amerikas zurückgeführt und phantasievoll interpretiert werden. So wurde 1898 weit im Landesinnern, im Bundesstaat Minnesota, der «Kensington Stone» entdeckt und langdauernder Diskussion unterworfen, und selbst aus Oklahoma und Florida wurden Inschriften gemeldet. Auch Ruinen sind gelegentlich mit Wikingern in Verbindung gebracht worden, so etwa die Reste einer Windmühle, die im 17. Jahrhundert in Newport, Rhode Island, erbaut wurde. Und immer wieder werden Kampfäxte und Schwerter exhumiert und zum Kauf angeboten, die Witzbolde und Antiquitätenhändler eingegraben haben. Tatsache ist indessen, dass es bis heute nicht gelungen ist, auf dem amerikanischen Festland Relikte normannischer Siedlungen aufzufinden, deren Echtheit nachgewiesen werden kann.

Die um 1000 n. Chr. begründete normannische Kolonie auf Vinland dürfte vielleicht noch bis zum Beginn des 12. Jahrhunderts existiert haben, doch die «Sagas» liefern nur ungenaue und schwer auf einen realen Kern zu reduzierende Informationen. Im Jahre 1003, so berichten sie,

habe Leif Erikssons Bruder Thorvald Grönland verlassen, um die Küste Vinlands zu erkunden. Dabei sei er auf feindselige Eingeborene gestossen, die er «Sraelinger» nannte und ohne Zögern tötete – die erste quellenkundlich belegte Nachricht eines Kulturzusammenstosses in der «Neuen Welt».

Die nächste überlieferte Fahrt unternahm ein gewisser Thorfinn Karlsevni, der nach der «Grönländer Sage» Vinland zwischen 1010 und 1013 mit rund hundert Kolonisten, darunter auch einigen Frauen, zu besiedeln suchte. Wieder ist die Rede von kriegerischen Auseinandersetzungen mit den «Sraelingern», die den Wikingern, welche noch nicht über Schusswaffen verfügten, offenbar arg zusetzten. Aber auch über einen seltsamen Tauschhandel wird berichtet. Es sollen, liest man in einer Quelle, Pelze gegen Milch eingetauscht worden sein; es wird wohl zu Recht vermutet, dass es sich bei der «Milch» um alkoholische Getränke gehandelt habe.

Aus den Quellen geht schliesslich noch hervor, dass im Jahre 1121 ein Bischof aus Grönland Vinland aufgesucht haben soll; doch dies scheint unwahrscheinlich. Was in der Geschichte Vinlands sonst geschah und warum diese Geschichte abbrach, wissen wir nicht. Wurden die Kolonisten von den «Sraelingern» überwältigt? Zerfleischten sie sich in inneren Streitigkeiten? Am wahrscheinlichsten scheint die Hypothese, dass die Schiffsverbindungen, für das Überleben der Siedlung unentbehrlich, auf Dauer nicht aufrechterhalten werden konnten. Und dies war wohl auch der Grund, weshalb die Wikinger ihre Kolonie in Grönland schliesslich aufgeben mussten: Mit der Eintragung in einer isländischen Chronik, datierbar ins Jahr 1347 und berichtend vom letzten aus Grönland eingetroffenen Schiff, schliesst das Kapitel der normannischen Seefahrt in den eisigen Gewässern des hohen Nordens.

Die Wikingerfahrten sind, sehr im Unterschied zu den Kolumbusreisen, geschichtlich folgenlos geblieben. Die Kontinuität der Überlieferung ist abgebrochen, und viele Fragen bleiben. Gern wüsste man zum Beispiel, was Christoph Kolumbus von den Wikingern gewusst hat, als er im August 1492 zu seiner «ersten Reise» nach Amerika aufbrach.

Mitarbeit an dieser Beilage:

- Prof. Dr. Urs Bitterli, Universität Zürich.
- Dr. Katharina Dobai, Kunsthistorikerin, Zürich.
- Dr. Eleonore Frey, Schriftstellerin, Zürich.
- PD Dr. Regina Keil, Universität Heidelberg.
- Dr. Robert Schneebeli, Historiker, Zürich.
- Renate Wiggershaus, Publizistin, Kronberg.

O mulá e o americano: 500 anos?

4.11.01

MANUELA CARNEIRO DA CUNHA

N O DOMINGO passado, aqui nos EUA, atrasaram-se os relógios em uma hora. No dia seguinte, um jornal local estampava uma charge: um mulá de turbante aparecia na tela da TV, enquanto um cidadão dizia à mulher: "Ele está mandando atrasar o relógio em 500 anos". Os grandes jornais fazem análises mais sofisticadas, mas a percepção do homem da rua aqui parece ser essa.

É um paradoxo: a primeira guerra do terceiro milênio, a mais não-convencional das guerras até hoje, tanto nas armas que intencionalmente utiliza quanto na ausência de um inimigo definido em termos de Estado, é convencionalmente reduzida por aqui a uma guerra do passado contra o futuro.

É verdade que há semelhanças históricas tristemente irônicas: os cruzados entraram na guerra santa para liberar do domínio dos infiéis muçulmanos os lugares sagrados do cristianismo. Hoje, a Al Qaeda exige que os infiéis — as tropas americanas — saiam da Arábia Saudita e liberem os lugares sagrados muçulmanos de sua presença.

Mas o chamado "fundamentalismo" parece mais ser uma ameaça de futuro do que um resquício do passado. Se examinarmos a história concreta em vez de nos fiarmos em esquemas, veremos que os países hoje sob regimes fundamentalistas já conheceram, em passado mais ou menos recente, regimes de tipo ocidental. E a ocidentalização de países como a Turquia ou o Egito foi seguida de uma boa dose de reislamização.

De forma mais crucial, a guerra israelo-árabe certamente se "fundamentalizou". Há uns dez anos, Arafat estava cercado não de muçulmanos, mas de palestinos cristãos, que usavam uma linguagem secular para reivindicar um Estado palestino. Há dez anos, em Israel, a facção religiosa não tinha a influência que agora tem. Hoje o confronto é vazado em um discurso religioso de lado a lado. Não são mais israelenses e palestinos, são agora judeus e muçulmanos que estão em guerra.

Curiosamente, os EUA parecem ter entrado no jogo e aceito os termos culturais e religiosos em que Bin Laden

tem tentado situar o conflito. Ao montar a coalizão que os apoia, os EUA brandiram a idéia de um ataque geral contra a civilização ocidental e seus valores. Tem recusado, pelo menos para a opinião pública, análises alternativas do que sucedeu e está sucedendo.

Benazir Bhutto, por exemplo, fez em Londres, há alguns anos, uma análise profética. Disse que a Ásia estava padecendo dos efeitos da Guerra Fria, em que os EUA apoiaram e armaram qualquer facção ou movimento político (entre eles os grupos de Bin Laden e de Saddam Hussein), desde que fossem instrumentais contra a influência soviética.

Os EUA colocam o conflito em termos culturais, aceitando a batalha ideológica no terreno definido pelo inimigo

Não se detiveram em analisar o caráter democrático ou não desses movimentos. Por motivos de expediente, sustentaram grupos antidemocráticos, que se voltaram contra eles. Os EUA valorizaram a democracia e a moralidade dentro de suas fronteiras e desprezaram-nas nos outros países. E concluiu: é imoral ser seletivamente moral.

O discurso de Benazir Bhutto é plausível, baseado na economia política e aponta para a miopia da política externa dos EUA. Há também outras razões estruturais, sem dúvida. Não estou aqui opinando sobre o conteúdo dessa análise, e sim sobre a opção feita pelos EUA de rejeitar esse terreno de reflexão e ter colocado o conflito em termos culturais, aceitando travar a batalha ideológica no terreno definido pelo inimigo. Como antropóloga, pode soar estranho eu estar aparentemente advogando contra a cultura. Não se trata disso: o que estou criticando não é a cultura em si, mas o uso de um discurso cultural e religioso.

Qual é a diferença? Grande. Valores culturais (que incluem opi-

niões religiosas) são como o ar que respiramos: praticamente imperceptíveis, de tão naturais que se tornam, e vitais. Entre meus valores culturais estão alguns, de cultura política, que alcançaram sua maior expressão talvez nos EUA. A liberdade de expressão é um.

Causa-me apreensão, como a muita gente daqui, que direitos individuais estejam ameaçados pelos trágicos acontecimentos de setembro. Segundo um noticiário da TV, em certos Estados, ter-se-ia tornado legal, nos aeroportos, selecionar pessoas virtualmente suspeitas com base no aspecto ou na religião. Se assim for, é um estímulo claro ao racismo. A liberdade de informação também anda mal das pernas.

Surreal foi também a notícia que saiu nos jornais de segunda-feira: alguns suspeitos dos atentados estavam se recusando a falar. Diante disso, membros do FBI discutiam duas alternativas: a mudança das normas em vigor para interrogatórios ou a possibilidade de extraditar os suspeitos para serem interrogados em países aliados onde se admite tortura e ameaças às famílias.

O que preocupa é que, para defender os valores ocidentais, se estejam fechando os olhos para os arranhões a esses valores. Ou seja, o discurso "culturalista" oculta e fere a cultura política americana do mesmo modo que o discurso religioso faz violência aos valores do islã e do judaísmo. Cultura é coisa viva, que se vai fazendo e alterando e cujos rumos são difíceis de prever. O discurso culturalista, usado para criar identidades e fidelidades, fossiliza a cultura, tornando-a um objeto que aflora à consciência ao mesmo tempo em que perde sua vitalidade. Um peixe fora d'água.

Entre o mulá afegão e o americano médio, o hiato não é de 500 anos. Queiram ou não, são contemporâneos. E mais, intrinsecamente ligados. Enquanto não conseguirmos formular essa ligação no presente e enquanto não entendermos as dimensões culturais dessa ligação, não avançaremos um palmo.

Manuela Carneiro da Cunha, doutora pela Unicamp, é professora de antropologia na Universidade de Chicago (EUA).

Abriel o Pensador a Barbosa Lima Sobrinho

Retratos do Brasil

LIVRO REÚNE 38 VARIADAS PERSONALIDADES PARA EXPLICAR QUE PAÍS É ESTE

Livro busca os sentidos dos 500 anos

DA REPORTAGEM LOCAL

Outro apanhado interessante de "retratos" do país chega às livrarias simultaneamente a "Para Entender o Brasil".

O livro "Quatro Autores em Busca do Brasil", lançado pela editora Rocco, parte de uma proposta semelhante, ainda que com um enfoque menos simplificador.

"Assentada a poeira das comemorações do 500º aniversário do Descobrimento, cabe refletir sobre o sentido — ou antes, os muitos sentidos — desses cinco séculos de história para entender também o modo como nos relacionamos, consciente ou inconscientemente, com essa herança", explica na abertura do volume José Geraldo Couto, articulista da Folha.

Para cumprir essa reflexão, o

jornalista reuniu quatro intelectuais de destaque: o historiador José Murilo de Carvalho, o psicanalista Jurandir Freire Costa, o professor de filosofia Renato Janine Ribeiro e o antropólogo Roberto DaMatta.

"A escolha dos entrevistados não foi fortuita", explica Couto. "Eles têm em comum pelo menos duas virtudes essenciais: a vocação interdisciplinar e o empenho participativo nas discussões sobre o país e seus problemas."

Além de conceder a entrevista, cada participante do livro leu todos os textos apresentados e escreveu uma conclusão.

Desse modo, José Murilo de Carvalho comentou as idéias de Roberto DaMatta, e Jurandir Freire Costa, por sua vez, polemizou com Renato Janine Ribeiro.

Em comum, os entrevistados mostraram uma postura crítica com o modo como foram feitas as comemorações dos 500 anos.

"As celebrações oficiais, refiro-me sobretudo ao que foi planejado e executado em Porto Seguro, centraram-se em três pontos: a primazia lusa, o mito das três raças e a supremacia do catolicismo", aponta Carvalho em sua entrevista. "Escondeu-se, escamoteou-se quase tudo que foi a história do Brasil e o que ele é hoje", explica o historiador.

Livro: Quatro Autores em Busca do Brasil
Autores: Renato Janine Ribeiro, Jurandir Freire Costa, José Murilo de Carvalho e Roberto DaMatta (em entrevistas ao jornalista José Geraldo Couto)

Editora: Rocco
Quanto: R\$ 18 (128 págs.)

CASSIANO ELEK MACHADO

DA REPORTAGEM LOCAL

Chega às livrarias na próxima semana um dos álbuns de retratos mais ecléticos já feitos dos habitantes desta estranha terra chamada Brasil. Os "fotógrafos" que participaram da empreitada dispõem de filmes, flashes e máquinas. Eles são economistas e líderes sindicais, políticos e humoristas, psicanalistas e carnavalescos.

"Para Entender o Brasil" é o nome do projeto, que reuniu desde o rapper Gabriel o Pensador, 26, até o jornalista Barbosa Lima Sobrinho, que escreveu seu artigo aos 103 anos, um mês antes de morrer, em julho deste ano.

"O objetivo do livro é tentar entender um pouco da identidade do povo brasileiro", sintetiza Luiz Antonio Aguiar, que organizou o livro junto com sua mulher, Marisa Sobral, com quem divide a direção da Veio Libri, empresa de consultoria para editoras.

Ajudados por Lúcia Riff, uma das principais agentes literárias do país, o casal passou quase dois anos para reunir as 38 personalidades que participam do livro.

Além de fazerem artigos, os autores do livro responderam a um mesmo questionário, com 11 perguntas. A resposta mais comum a uma delas, a que pedia a indicação de uma grande personalidade brasileira, é a que mais reflete o resultado do projeto, de acordo com Aguiar.

O nome mais votado foi o do sociólogo Herbert de Souza (1935-1997), o Betinho, criador do movimento Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida.

"Descobri lendo esses textos que estamos mais para Betinho do que para a Lei de Gerson", afirma o organizador.

O segundo colocado da enquete foi o jogador Pelé, que recebeu os votos dos jornalistas Juca Kfourri e Zuenir Ventura e dos humoristas Hubert e Marcelo Madureira, do



O ESCOLHIDO

Os autores do livro responderam a uma mesma série de 11 perguntas. A primeira pedia a indicação de uma personalidade brasileira. O mais votado (cinco menções) foi o sociólogo Betinho (1935-1997), criador da Ação da Cidadania contra a Fome

"Casseta & Planeta".

Juscelino Kubitschek só recebeu uma menção, mas saiu como um dos destaques do livro. Na questão que pedia um período notável da história do país, dez dos 38 consultados cravaram nos chamados Anos JK, o período em que Kubitschek foi presidente da República (de 1956 a 1961).

"A combinação desses dois resultados mostra aquilo de que precisamos. É com solidariedade e auto-estima, características estimuladas tanto por Betinho como por JK, que vamos recuperar o país", diz Aguiar. "Esse povo não constrói sem que exista um sonho. Não somos ingleses ou finlandeses. O imaginário é muito forte para nós", completa.

Essa necessidade de "sonhos" é, por exemplo, a tônica dos artigos do escritor Affonso Romano de Sant'Anna —que, seguindo Nelson Rodrigues, ressalta o lado "narciso às avessas" do brasileiro— e do dramaturgo Alcione

Araújo —que, parafraseando Martin Luther King, começa com: "Tenho dois sonhos" (no caso, educação e cultura).

"Os textos foram feitos separadamente, mas acabaram gerando conversas entre eles", explica Aguiar, que compara o livro com um bate-bapo na Internet. "O leitor vai se sentir como se tivesse entrado em um grande chat."

De fato a informalidade é uma das marcas dos textos. Não há nada rigoroso como "Raízes do Brasil", de Sérgio Buarque de Holanda, ou "Casa-Grande & Senzala", de Gilberto Freyre, duas das grandes interpretações do país.

"Quisemos mesmo fazer um livro útil para aquele sujeito comum, não aquele que domina conceitos", explica o organizador. Aguiar diz que, além de pedir uma linguagem simplificada aos articulistas, também solicitou que não fizessem nada muito panfletário. "Quando convidamos o Stédile, do MST, mandamos um e-mail pedindo a ele que não fizesse um panfleto. Queríamos apenas o sentimento que um sem-terra tem do país."

Os organizadores do livro fazem questão de frisar que o fato de o livro ter saído em 2000 não tem nenhuma relação com as comemorações do quinto centenário da chegada dos portugueses. "Essa história de 500 anos é uma fraude." Mas é com um trecho da carta de Pero Vaz de Caminha que os organizadores abrem um apêndice de frases sobre o país que está no final do livro.

Livro: Para Entender o Brasil

Autores: vários

Organizadores: Luiz Antonio Aguiar e Marisa Sobral

Editora: Alegro

Quanto: R\$ 32,50 (368 págs.)

Lançamento: quinta-feira, 7 de

dezembro, a partir das 20h

Onde: livreria Marcabru (r. Marquês de

São Vicente, 124, 2º piso, Rio de Janeiro,

tel. 0/xx/21/294-5994)

Obra a ser lançada esta semana tem de Ga

Fotos Folha Imagem



O jornalista Barbosa Lima Sobrinho, morto este ano



O ex-governador do Distrito Federal Cristovam Buarque



O presidente do BNDES, o economista Francisco Gros



O cantor Gabriel o Pensador, o mais novo dos autores do livro



Heloisa Buarque de Hollanda, escritora e professora da UFRJ



O economista João Pedro Stédile, diretor do MST



O professor, historiador e escritor Joel Rufino dos Santos



O empresário, advogado e colecionador José Mindlin



O escritor e desenhista gaúcho Luis Fernando Verissimo



O professor, ensaísta e crítico literário Luiz Costa Lima



Marcelo Gleiser, físico, escritor e astrônomo radicado nos EUA



O sertanista Orlando Villas Bôas, idealizador do Xingu



A escritora Rachel de Queiroz, a primeira mulher na ABL



O senador Roberto Freire, presidente nacional do PPS



O professor e presidente do IBGE Sérgio Besserman Vianna



O cineasta especializado em documentários Sílvio Tendler



Vicentinho, líder sindical duas vezes presidente da CUT



O escritor infanto-juvenil, jornalista e desenhista Ziraldo

Editoria de Arte/Folha Imagem

CONHEÇA OS OUTROS "RETRATISTAS"

Autores do livro "Para Entender o Brasil"

Afonso Romano de Sant'Anna

Poeta e crítico literário, ex-diretor da Biblioteca Nacional

Alcione Araújo

Romancista, dramaturgo e roteirista

Cora Rónai

Jornalista e escritora

Emir Sader

Sociólogo, professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Frei Betto

Frade dominicano, é assessor de movimentos sociais e pastorais e escritor, autor de 45 livros

Gerd Bornheim

Escritor e professor de filosofia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Héllon Povoas

Médico, professor da Unirio e ex-professor da Escola de Saúde Pública de Harvard

Hubert e Marcelo Madureira

Redatores e apresentadores do programa "Casseta & Planeta, Urgente!", da Rede Globo, e autores da coluna Agamenon, no jornal "O Globo"

Joãosinho Trinta

Artista plástico, coreógrafo e carnavalesco

Joel Birman

Psicanalista, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Juca Kfour

Jornalista da área de esportes

Lauro Monteiro

Médico pediatra, presidente da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência

Leonardo Boff

Teólogo e escritor, é professor de ética na Universidade Estadual do Rio de Janeiro e autor de mais de 50 livros

Luiz Gonzaga Belluzzo

Professor de economia da Unicamp (Universidade de Campinas). Foi chefe da Secretaria Especial de Assuntos Econômicos do Ministério da Fazenda (governo Sarney) e secretário de Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo (governo Quéricia)

Lula Vieira

Publicitário, professor da Escola Superior de Propaganda e Marketing e da Universidade da Cidade (RJ)

Mário Moscatelli

Biólogo

Nei Lopes

Compositor, cantor e escritor

Vera Cordeiro

Médica, fundadora da Associação Saúde Criança Renascer

Zuenir Ventura

Jornalista, escritor e professor universitário, autor de livros como "1968: O Ano Que Não Terminou"



Dienstag, 12. Dezember 2000

RE

Strand in

Vor 500 Jahren hat ein Portugiese Porto Seguro in Brasilien entdeckt - 480 J

RISE UND ERHOLUNG

Südde

Das Ende des T

fahre später kamen die Hippies als Vorboten zahlungskräftiger Touristen

Die Party geht weiter. Der Streit ist verstümmt. Die große Feier ist vorbei. Niemand wühlt mehr in verstaubten Dokumenten und berechnet, welche der drei viel diskutierten Landvarianten historische Wahrheit und welcher der drei um die Ehre konkurrierenden Orte Gewinner ist. Sicher ist: Vor 500 Jahren rief ein Portugiese namens Pedro Alvarez Cabral nach sechs Wochen Fahrt über den Atlantik: Land in Sicht! Ob er wusste, welches Land er gesichtet hatte, ist ebenso ungeklärt wie die Frage, ob er der erste Europäer auf brasilianischem Boden war. Der Gesandte der portugiesischen Krone ruderte an einem der letzten Apriltage 1500 an Land. Den Strand, an dem spärlich bekleidete Indios die Fremden freundlich begrüßten, nannte er „Ilha da Vera Cruz“.

Heute heißt dieser Strand Porto Seguro, und ist einer der beliebtesten Badeorte an Brasiliens 8000 Kilometern Küste. Porto Seguro verkräftet jedes Jahr fast so viele Urlauber wie Rimini, sieht aber anders aus. Bunte ebenerdige Häuslein reihen sich am Meer. In keinem Ort in ganz Brasilien wächst der Tourismus so schnell wie hier. Weil sich die sonnenhungrigen Urlauber auf gut 90 Kilometer Küste nördlich und südlich verteilen, hat Porto Seguro trotzdem bis heute etwas von der Gelassenheit eines kleinen Fischerorts. An den massigen Portugiesen hat hier lange niemand mehr gedacht. Bis der große Jahrestag heranrückte.

Die Feier zum 500. Geburtstag der Eroberung versprach, prächtig zu werden. Sogar der Präsident war eingeladen. Wo Cabral vielleicht die erste Messe auf dem gefundenen Festland gefeiert hat, rammten die Offiziellen ein zwölf Meter hohes Kreuz aus rostfreiem Stahl in den Boden. Die hässliche Hütte, in der Indios Kunsthandwerk verkauften, ersetzten sie durch ein schmuckes Einkaufszentrum. Am Festtag ging dann alles schief. Tausende Landlose, Studenten und Schwarze vereinten sich mit den Indios, um gemeinsam vor illustrem Publikum zu protestieren. Der Militärpolizei gingen die Nerven durch. Tränengasbomben flogen, Straßen wurden blockiert, Indios verletzt, Reporter niedergeschlagen. Die vom Tourismus leben – und das sind fast alle Bewohner dieses Küstenabschnitts –, fürchteten um ihre Einnahmen. Wer würde noch in Porto Seguro Urlaub machen wollen, nach dem Skandal?

Ein Ort nur für Fremde

Vor 500 Jahren wollte niemand freiwillig in das neue Land voller Urwald und Gefahren reisen. Nach der Entdeckung dauerte es fast hundert Jahre, bis die Portugiesen die Küste des riesigen Landes halbwegs besiedelt hatten – hier gab es weder Gewürze noch Diamanten zu vermarkten. Erst um 1650, als Abenteurer im Landesinneren Gold fanden, begannen die Portugiesen ihre Tropenkolonie zu lieben. Porto Seguro war in all den Jahren nie über einen bescheidenen Provinzort hinausgewachsen. Als im Goldrausch auch noch die nahe Landeshauptstadt Salvador de Bahia ihren Rang an Rio de Janeiro abgeben musste – weil Rio näher am Gold lag – versank Porto Seguro für die nächsten Jahrhunderte im Provinzschlaf.

Noch vor dreißig Jahren gab es nicht einmal Strom in dem Fischerort. Aber einen See mitten im Zentrum und hunderte-jährige Kakaobäume. Dann ließ der Bürgermeister der ersten Tourismus-Boomjahre 1986 den São-Francisco-See zuschütten und verscherbelte das Gelände als Baugrund. Auch die meisten Bewohner verkauften ihre Grundstücke und gründeten einen neuen Ort, das „Bairro Novo“, versteckt im Landesinneren. „Ich weiß gar nicht, was man hier noch schön finden kann“, sagt die zwanzigjährige Aninha, und erzählt von früher, als auf dem großen Platz am Meer die Kinder Ball gespielt haben. „Kritik hat der Bürgermeister abgewehrt, indem er behauptet hat, die Hälfte der Einwohner von Porto Seguro seien Kiffer und hätten es nicht anders verdient.“ erinnert sich ihr Freund Tainha.

Die Hippies waren die eigentlichen Entdecker des kleinen Ortes an der Küste von Bahia. Sie entdeckten den Strand für den Tourismus. Das ist erst gute zwanzig Jahre her. Die Hippies kamen, als die Einheimischen gerade ihre einzige reiche Phase in 500 Jahren Geschichte hinter sich hatten. Hunderte Sägewerke verarbeiteten pro Jahr eine Viertelmillion Kubikmeter Regenwaldholz, das die Großgrundbesitzer abholzten, so schnell es ging. Es ging sehr schnell. Als 1979 die ersten langhaarigen Fremden auftauchten, konnte Tainhas Mutter zusätzliche Einnahmen aus der Zimmervermietung gut gebrauchen. „Wir waren beeindruckt, dass da Leute aus anderen Ecken des Landes anreisten“, erzählt ihr Sohn. „Wir hatten ja vorher kaum Kontakt zur Außenwelt.“

Die Hippies waren eine ganz andere Art Eroberer, sie wollten keine Reichtü-

mer, nannten alle Leute „brother“, liebten ihre krausen Haare verfilzen und zogen bald über den Rio Buranhém in das Fischerdörfchen Arraial d'Ajuda und weiter südlich nach Trancoso, weil ihnen Porto Seguro zu spießig war. An den kilometerlangen sonnengelben Stränder konnten sie nach Herzenslust Joints rauchen und nackt baden. Zwar gab es anfangs nichts zu verdienen, weil in Arraial nur ein paar Fischer lebten, die selbst gerade so über die Runden kamen. Doch bald hatten die örtlichen Politiker verstanden, dass Fremde Geld bringen, organisierten jeden Sommer Musikfestivals, die sogar Europäer nach Porto Seguro lockten.

Über Mangel an Einwanderern kann niemand mehr klagen – schätzungsweise 80 Prozent der Einwohner von Porto Seguro, Arraial d'Ajuda und Trancoso sind Neuzuwanderer der letzten Jahre. Auch ein Skandal kann der Beliebtheit der Badeorte nichts mehr anhaben. Monate nach dem misslungenen Gedenkakt feiert die Stadt schon wieder. Wenn die Dämmerung Sonnenlustige nach Hause schickt, bauen in der kopfsteingepflasterten „Passarela do Alcool“, der Alkohollstraße, Schmuckverkäufer und Cocktailmixer ihre Buden auf, öffnen sich die Türen der niedrigen Kolonialhäuser: Von Wohnhäusern haben sie sich in Läden und Kneipen verwandelt. In diesem Jahr



INFORMATIONEN

Anreise: Die brasilianische Airline Varig fliegt drei mal wöchentlich von Frankfurt und München über São Paulo nach Porto Seguro, ab 1859 Mark zuzüglich Steuer und Gebühren. Varig bietet außerdem einen speziellen Service an. Ein farbenfrohes Schild am Eingang weist darauf hin, dass der Zutritt zum Schutzgebiet Jaqueira für Fremde verboten ist. Dabei sehen die Pataxó Fremde gern: Touristen finanzieren mit ihren Spenden und Eintrittsgeldern das Projekt Jaqueira. Da haben ein paar moderne Indios auf einer ordentlich geräumten Lichtung traditionelle Hütten nachgebaut, in denen sie Stammeskollegen und Touristen ihre Kultur zeigen. Der Chef des Grüppchens von Jaqueira kann den geschäftstüchtigen Häuptling Itambé nicht leiden. Weil der nur selbst Geld verdienen will, aber keine Werbung für das Regenwaldprojekt macht.

Weitere Auskünfte: Brasilianische Botschaft, Abteilung Handel, 10179 Berlin, Tel. 030/72 62 81, Fax -99, www.brasilianische-botschaft.de, www.embratur.gov.br, www.brasil.de

erwartet Porto Seguro mehr als eine Million Fremde. Hunderte von Restaurants und Hotels sind entstanden, die Einwohnerzahl hat sich in den vergangenen Jahren auf 70 000 verdoppelt. In Sommermonaten wälzen sich bis zu 80 000 Urlauber durch die Gassen. Der durchschnittliche Besucher verbringt um die 35 – weil Porto Seguro schöne Strände hat als Rio de Janeiro volle Diskotheken und viel weniger Kriminelle.

Vom Tourismus versprochen sich ein paar Indios ein besseres Leben. Nach den Hippies tauchten Pataxó auf und fingen an, in Arraial Porto Seguro Schmuck zu verkaufen. Hier sie eigentlich stammen, weiß niemand. Die Portugiesen waren auf dem Stamm der Tupiniquin gekommen. Die Pataxó rauchten Markenzigaretten, kleideten sich wie jeder normale brasilianische Hinterwäldler, tranken Cachaça und kannten weder eine eigene Sprache

noch Traditionen. Die Grundregeln des Kunsthandwerks brachte ihnen schließlich eine Studentin bei. Heute residiert Häuptling Itambé im neu eröffneten Kunsthandwerkszentrum „Pataxó“, vier Kilometer nördlich von Porto Seguro, verkauft Heilwässerchen, verlangt für jedes Foto mit Kopfschmuck Baños und will nicht mit Journalisten sprechen: Daran verdient er schließlich nichts.

Der ursprüngliche Lebensraum der Indios ist derweil zum Regenwäldchen geschrumpft. Nicht im 16. Jahrhundert, als Franzosen, Portugiesen und Engländer kubikmeterweise das „Pau Brasil“ geschlagen haben, um europäisches Tuch aus dem roten Brasilholz zu färben. Sondern im 20. Jahrhundert, als die Nachfahren der Eroberer wahllos alles abholzten, was einen Käufer fand. Jetzt sind von dem atlantischen Regenwald, der 1945 noch 85 Prozent des Bundesstaates Bahia bedeckte, fünf Prozent übrig. Die Küste ist immerhin geschützt.

Im Norden von Porto Seguro dürfen die Pataxó selbst ein Stück Regenwald verwahren. Ein farbenfrohes Schild am Eingang weist darauf hin, dass der Zutritt zum Schutzgebiet Jaqueira für Fremde verboten ist. Dabei sehen die Pataxó Fremde gern: Touristen finanzieren mit ihren Spenden und Eintrittsgeldern das Projekt Jaqueira. Da haben ein paar moderne Indios auf einer ordentlich geräumten Lichtung traditionelle Hütten nachgebaut, in denen sie Stammeskollegen und Touristen ihre Kultur zeigen. Der Chef des Grüppchens von Jaqueira kann den geschäftstüchtigen Häuptling Itambé nicht leiden. Weil der nur selbst Geld verdienen will, aber keine Werbung für das Regenwaldprojekt macht.

Indios ohne Zukunft

Allzu urwaldverbunden sind die Jungs in der Reserva noch nicht: Kurz bevor Fremde eintreffen, ziehen sie ihre Turnschuhe und T-Shirts aus und Baströcke über die Shorts, legen Federschmuck an und verwandeln sich in Bilderbuchwild. Auf dem kleinen Lehrpfad durch den Wald gibt der junge Führer zu, dass er seine eigene Kultur gerade kennen lernt. Seine Sprache hat er in der Schule gelernt – zu Hause sprechen die modernen Pataxó Portugiesisch. Am Anfang sei es ihm peinlich gewesen, sich mit Farbe aus Genipapfrüchten zu bemalen, erzählt er. Inzwischen trägt er die Bemalung wie eine Auszeichnung: „Die Siedlung unten im Dorf ist eher eine Favela, alles ist dreckig, viele trinken, lassen sich gehen“. Vierzig von 14 000 Pataxós lernen in der Reserva da Jaqueira, sich im Regenwald zu bewegen und von den Vorfürungen ihrer eigenen Vergangenheit zu leben. Eine Zukunft scheint es für die Indios in Porto Seguro kaum zu geben.

Die neuen Einheimischen leben vom Ruf des Strands. Der ist auf weiten Strecken immer noch so einsam wie vor 500 Jahren und verkräftet viele Touristen. Die Zugereisten kommen aus dem Nachbarbundesstaat Minas Gerais, aus der Bundeshauptstadt Salvador da Bahia, aus Frankreich, aus Rio oder Argenti-

nien. Wegen der einzigartigen Atmosphäre aus Lové & Peace & ganzjähriger Urlaubsstimmung – in der sich vom Tourismus sogar leben lässt – wollen viele nach den Ferien für immer bleiben. Träumen vom leichten Leben, wie einst die Kolonialisatoren. Jean-Louis hat vor einem Jahr seine gesamten Ersparnisse aus vierzig Jahren Leben in Frankreich in den Traum vom eigenen Restaurant in Porto Seguro investiert. Er hatte sich das ganz wunderbar ausgemalt: Meer und Sonne satt, wenig Arbeit. „Jetzt stehe ich jeden Tag zwölf Stunden in der Küche“, erzählt er.

Das Meer sieht er jedes Mal, wenn er einen Gast auf der Terrasse bedient. Zum Baden kommt er selten. Und er verdient weniger als in Frankreich. Einer der Einwanderer aus Rio de Janeiro hat es besser getroffen: Seine Suppenküche auf dem Broadway von Arraial d'Ajuda läuft so gut, dass er eine Filiale in Porto Seguro eröffnet hat.

Die zweiten Entdecker haben bis heute keinen Sinn für Materielles. Sie leben in Trancoso. Sitzen in der Nachmittagssonne auf dem alten grasbewachsenen

Zwei Kulturen nebeneinander. In Porto Seguro tragen auch die Eingeborenen längs westliche Kleidung. Nur wenn Touristen kommen ziehen sie sich Baströckchen über die Shorts. Fotos:cw

Dorfplatz hoch über dem Meer und basteln immer noch Glasperlenschmuck und Lederarmbänder, pinseln ihr Strand-Impressionen in Öl und nenner alle Leute „brother“. Der rastalockige Paulo wird bald vierzig und denkt nicht daran, seinen Lebensstil zu ändern. Touristen haben ihm kürzlich die Miete der nächsten Monate geschenkt. Beiläufig erzählt er, dass ihm gerade das Wasser abgestellt wurde. Cláudia kommt aus Brasília und erinnert sich nur ungern daran, wie „man dort den ganzen Tag dem Geld hinterherläuft“. Jetzt verkauft sie Schmuck, den ihr Pataxó-Indios aus einem abgelegenen Dorf im Tausch gegen Altkleider überlassen. Die Kleidung bekommt Cláudia von Touristen geschenkt. Das Tauschsystem nennt sie „Sozialprojekt für die Indios“. Die Touristen stehen auf so etwas.

Wie einst die großen Reisenden suchen sie nach einem anderen Leben. In Porto Seguro finden sie ein Aussteigen auf Zeit. Wo Rauschzustände aller Art problemlos zu haben sind. Billig und legal

wie eine stundenlange Wanderung am Strand, türkisblaue Wellen auf der einen Seite, rot-beige-roségestreifte Felsen auf der anderen, bis der Kopf leer und leicht wird. Teure und illegale Rauschdrogen, die Kleindealer auf den Plätzen und in den Bars offen anbieten. Oder atemlose und laute nächtliche Parties. Die nie vor ein Uhr morgens anfangen und oft bis zum nächsten Nachmittag dauern. Als gelte es, jede Nacht aufs Neue ein frisch entdecktes Land zu feiern. Gestrenge Türsteher gibt es so wenig wie eine Kleiderordnung oder Sperrstunde. Tausende tanzen im Sand zur baianischen Axé-Musik, die vom Rhythmus bis zu Texten ungetrübte gute Laune ist. Die Parties von Porto Seguro sind so berühmt, dass Studenten aus São Paulo in ganzen Busladungen anreisen, um mitzufeiern.

Das Konzept ging nicht auf

Die Einheimischen hatten sich das anders vorgestellt. Porto Seguro war einer der ersten Orte Brasiliens, der einen Tourismussektretär wählte, um die Entwicklung zu planen. Der veranstaltete in den 1970-er Jahren mit großem Erfolg Sommerfestivals für Urlauber. Den Musikstars wie Elba Ramalho, Gal Costa und Gilberto Gil gefiel es so gut, dass sie sich gleich Häuser bauten. Dass sich der Geheimtipp herumsprach, konnte der Tourismussektretär nicht verhindern. Kürzlich hat Sängerin Gal Costa ihr Haus verkauft, weil zu viele andere ihr Paradies entdeckt haben. Das Häuschen von Gilberto Gil steht die meiste Zeit leer in der historischen Altstadt von Porto Seguro.

Das Konzept der Tourismusplaner ist nicht aufgegangen: Sie dachten an wenige, großzügig angelegte Pensionen und Hotels für ausgewählte Touristen, die viel ausgeben für die Einsamkeit. Statt dessen wurde in diesem Jahr eine Asphaltstraße eingeweiht, die die Lehm-piste zwischen Arraial d'Ajuda und Trancoso ersetzt. In den ersten vier Monaten dieses Jahres sollen mehr als eine Viertelmillion Besucher knapp 80 Millionen Dollar in Porto Seguro gelassen haben. Das macht Mut für immer größere Investitionen.

Zwei Enthusiasten haben auf einer kleinen Insel im Fluss Buranhém zwischen Porto und Arraial für über vier Millionen Reais riesige Aquarien, ein Café, eine immense Freilichtbühne und eine Disco errichtet. Zweitausend Besucher haben Platz auf der Insel, und wenn sie gut läuft, rentiert sich das Unternehmen innerhalb von vier Jahren. Im nächsten Juli eröffnet in Trancoso ein 250-Hütten-Dorf des Club Med, das sich die Franzosen 24 Millionen Reais kosten lassen. Die Zukunft des Strandes bestimmen mal wieder Fremde. Ganz wie damals: Die Investorengruppe aus Frankreich heißt Terravista – Land in Sicht.

Christine Wollowsky



BRASIL 500 ANOS

Festivais nos EUA destacam a arte brasileira

FABIO CYPRIANO

DA REPORTAGEM LOCAL

14.12.00
5

O ano de comemoração dos 500 anos do Brasil está acabando, mas, mesmo assim, as celebrações da cultura nacional no exterior continuam com programação intensa nos próximos anos.

O Kennedy Center, em Washington (EUA), programou um festival de artes latino-americanas que será aberto com espetáculo da companhia Deborah Colker, de 6 a 11 de fevereiro de 2001.

Em 2002, o instituto irá dedicar um festival ao Brasil e à Argentina. A curadora do Kennedy Center, Alicia Adans, passou por São Paulo esta semana em busca de companhias e artistas para levar a Washington. "Já conhecia a arte brasileira, mas estou surpresa com a riqueza da produção teatral do país", disse Alicia, que visitou os grupos de Antunes Filho,IVALDO BERTAZZO e o Galpão e anunciará a seleção em maio de 2001.

Alicia também manteve contato com a Associação Brasil + 500, o MAM/SP e a Pinacoteca, entre outros, pois uma das sessões do festival é dedicada às artes visuais. "O objetivo é apresentar uma visão do país que quebre os estereótipos e seja mais voltada para a produção contemporânea", diz.

O Kennedy Center, fundado em 1971, é uma das maiores instituições culturais de Washington. Dedicase a organizar festivais anuais que tratam das culturas de países. O orçamento para o evento sobre o Brasil é de R\$ 1,5 milhão, arcado pela iniciativa privada.

Bausparen

FOLHA DE S. PAULO

19.12.00

JOÃO BATISTA NATALI

Brasil, 500

FOI UM grande malogro, um aniversário que não deu certo por falta de motivação de seus 167 milhões de convidados. Dentro de duas semanas, com 2001 já correndo solto, não haverá mais nem sequer o pretexto fornecido pelo calendário gregoriano para evocar os 500 anos do Brasil.

A efeméride será no futuro evocada por uma mistura de eventos desiguais, como encontros fechados de acadêmicos, uma bela exposição de artes plásticas, o esforço da mídia em carnavalizar ou problematizar a nacionalidade, ou, de uma forma bem mais prosaica, a truculência da PM baiana ao dispersar negros, índios e sem-terra que, em abril, nas imediações de Porto Seguro, procuraram se aproximar da festa oficial presidida por FHC.

A chegada das caravelas em 1500 é um marco no expansionismo marítimo português, e não o pontapé inicial no processo de formação de um Estado nacional, o que se daria só três séculos mais tarde. Mas isso é consenso apenas entre os historiadores e pouco fundamental na massa mitológica de informações que em verdade recheia o sentimento de brasilidade.

O que está em jogo é bem mais trivial. Ninguém comemora o aniversário de uma pessoa pela qual não sente grande afeto. E foi sempre problemático o conteúdo afetivo das relações entre o Brasil e os brasileiros. Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior (1860-1938) passou para a história das chacotas por ter publicado "Por Que Me Ufano de Meu País".

O orgulho nacional não é um componente cultural em essência recomendável. Na história republicana, ele foi estimulado como forte anestésico às brutalidades autoritárias do Estado Novo e do regime militar pós-1964, sobretudo durante o governo Garrastazu Médici (1969-1974). Mas nem por isso o sentimento oposto — o de que o Brasil não tem jeito, de que aqui nada dará certo — confunde-se com sagacidade ou astúcia. Mas o discurso fundamentado no pessimismo sistemático tornou-se uma espécie de atavismo dos espíritos desinformados.

O mito da nacionalidade afetiva surge então como seu inverso. O Brasil passa a ser exclusivamente o viveiro de políticos e juizes corruptos, de uma pobreza material justificada pela rapinagem da classe dirigente. Idéias como democracia representativa e ética perdem muito de seu sentido.

O antropólogo Roberto da Matta declarou há pouco mais de um ano que as comemorações dos 500 anos estavam fadadas ao fracasso porque as elites não gostam do Brasil. Elas têm um poder de disseminação do desafeto. No passado mantinham o olhar grudado em Paris. Hoje suas camadas emergentes e menos eruditas grudam o olhar em Miami. Pouco importa, no caso, que os franceses gostem da França — em 1989, a mobilização foi intensa no bicentenário da Revolução — e que os norte-americanos gostem dos Estados Unidos, levando o "manifest destiny" a impulsionar a expansão territorial e material das ex-colônias inglesas.

Brasil-500 anos é o nome de uma festa que não houve. Um lindo tema para monografias ou teses dos brasileiros que estão para nascer nesse próximo milênio.

João Batista Natali é repórter especial da Folha.

Bausparen .

DESCOBRIMENTO Para entidade, autoridades não puniram

Anistia critica apura

OUTRO LADO

Presidente não comenta; Borges defende a polícia

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA
DA AGÊNCIA FOLHA, EM SALVADOR

O porta-voz da Presidência, Georges Lamazière, disse que o presidente Fernando Henrique Cardoso não iria comentar o novo relatório da Anistia Internacional.

“O presidente não leu o relatório, portanto não vai comentar. De qualquer maneira, as questões em relação à Polícia Militar são questões estaduais e não cabe ao presidente comentá-las”, afirmou Lamazière.

Já o governador da Bahia, César Borges (PFL), contestou os dados do relatório da Anistia Internacional. “A polícia da Bahia agiu de forma correta para proteger as autoridades presentes à festa. Não houve nenhum excesso por parte dos policiais”, declarou.

De acordo com Borges, a ação da Polícia Militar baiana foi preventiva. “Os policiais impediram muitas brigas entre os próprios manifestantes.”

Borges disse também que o próprio Ministério Público pediu o arquivamento do inquérito instaurado para investigar a ação da Polícia Militar nas festividades em Porto Seguro.

“Os procuradores não encontraram nenhuma prova para pedir a condenação da PM. A decisão do Ministério Público demonstra que a PM apenas fez a sua parte”, declarou Borges.

LUCAS FIGUEIREDO
DA REPORTAGEM LOCAL

Relatório da Anistia Internacional condena a falta de punição para os responsáveis pela operação policial que reprimiu, em abril passado, manifestantes contrários às comemorações oficiais dos 500 anos do Brasil, em Porto Seguro, sul da Bahia.

“As autoridades não reagiram de forma adequada às importantes provas documentárias e testemunhais da força policial não provocada e desproporcionada usada contra os manifestantes. Uma revisão completa do caso é imprescindível”, diz o documen-

to, divulgado ontem.

As comemorações oficiais dos 500 anos na Bahia foram marcadas por choques entre policiais militares e manifestantes contrários ao caráter festivo dos eventos (índios, sem-terra, negros etc.).

O saldo da repressão aos manifestantes foi cerca de 140 detidos e 30 feridos.

Segundo a Anistia, em vez de investigar e processar os responsáveis pela violência e indenizar as vítimas, as autoridades estaduais e federais tentaram apresentar os manifestantes como responsáveis pelos confrontos.

“A ação policial parece ter demonstrado que as autoridades

Lula Marques 2.abr.2000/Folha Imagem



PMs reprimem índio em manifestação do Descobrimto

n participantes de ação que reprimiu manifestantes nos 500 anos

ção de conflito na BA

brasileiras continuam dispostas a usar a violência arbitrária do Estado para silenciar os protestos inconvenientes", diz o documento.

A entidade afirma ainda que o oficial da PM baiana encarregado da operação contra os manifestantes em Porto Seguro foi promovido. A Anistia não cita o nome do oficial.

"As autoridades justificaram a ação policial, retratando os manifestantes como violentos e decididos a tumultuar as comemorações oficiais", diz o relatório.

Inquéritos e processos

A Anistia critica o resultado de um inquérito aberto na Polícia

Federal que concluiu não ter havido uso excessivo de força por parte dos policiais. Para a entidade, um novo inquérito deve ser realizado.

Também condena a falta de recursos disponíveis no Ministério Público Federal em Ilhéus para levar adiante um processo civil que pede indenização de R\$ 6,12 bilhões aos manifestantes —R\$ 1,7 milhão para cada uma das 3.600 pessoas envolvidas no caso.

Segundo a entidade, "é da responsabilidade das autoridades, tanto estaduais como federais, assegurar a realização de um processo judicial completo e justo. Até agora, as autoridades não pa-

recem estar dispostas a estabelecer esse tipo de clima, negando às vítimas o direito à justiça e à indenização".

"As autoridades aparentemente confirmaram as reclamações originais dos manifestantes de que, no Brasil, continua-se negando justiça aos marginalizados e despossuídos, tais como os grupos indígenas e negros. Além disso, a recusa das autoridades a efetuar uma investigação completa, transparente e imparcial demonstra, mais uma vez, que o sistema judiciário continua impedindo que a justiça esteja ao alcance de todos de forma igual", conclui o relatório.

Brasil, 500

FOI UM grande malogro, um aniversário que não deu certo por falta de motivação de seus 167 milhões de convidados. Dentro de duas semanas, com 2001 já correndo solto, não haverá mais nem sequer o pretexto fornecido pelo calendário gregoriano para evocar os 500 anos do Brasil.

A efeméride será no futuro evocada por uma mistura de eventos desiguais, como encontros fechados de acadêmicos, uma bela exposição de artes plásticas, o esforço da mídia em carnavalizar ou problematizar a nacionalidade, ou, de uma forma bem mais prosaica, a truculência da PM baiana ao dispersar negros, índios e sem-terra que, em abril, nas imediações de Porto Seguro, procuraram se aproximar da festa oficial presidida por FHC.

A chegada das caravelas em 1500 é um marco no expansionismo marítimo português, e não o pontapé inicial no processo de formação de um Estado nacional, o que se daria só três séculos mais tarde. Mas isso é consenso apenas entre os historiadores e pouco fundamental na massa mitológica de informações que em verdade recheia o sentimento de brasilidade.

O que está em jogo é bem mais trivial. Ninguém comemora o aniversário de uma pessoa pela qual não sente grande afeto. E foi sempre problemático o conteúdo afetivo das relações entre o Brasil e os brasileiros. Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior (1860-1938) passou para a história das chacotas por ter publicado "Por Que Me Ufano de Meu País".

O orgulho nacional não é um componente cultural em essência recomendável. Na história republicana, ele foi estimulado como forte anestésico às brutalidades autoritárias do Estado Novo e do regime militar pós-1964, sobretudo durante o governo Garrastazu Médici (1969-1974). Mas nem por isso o sentimento oposto —o de que o Brasil não tem jeito, de que aqui nada dará certo— confunde-se com sagacidade ou astúcia. Mas o discurso fundamentado no pessimismo sistemático tornou-se uma espécie de atavismo dos espíritos desinformados.

O mito da nacionalidade afetiva surge então como seu inverso. O Brasil passa a ser exclusivamente o viveiro de políticos e juízes corruptos, de uma pobreza material justificada pela rapinagem da classe dirigente. Idéias como democracia representativa e ética perdem muito de seu sentido.

O antropólogo Roberto da Matta declarou há pouco mais de um ano que as comemorações dos 500 anos estavam fadadas ao fracasso porque as elites não gostam do Brasil. Elas têm um poder de disseminação do desafeto. No passado mantinham o olhar grudado em Paris. Hoje suas camadas emergentes e menos eruditas grudam o olhar em Miami. Pouco importa, no caso, que os franceses gostem da França —em 1989, a mobilização foi intensa no bicentenário da Revolução— e que os norte-americanos gostem dos Estados Unidos, levando o "manifest destiny" a impulsionar a expansão territorial e material das ex-colônias inglesas.

Brasil-500 anos é o nome de uma festa que não houve. Um lindo tema para monografias ou teses dos brasileiros que estão para nascer nesse próximo milênio.

João Batista Natali é repórter especial da Folha.

Kapitalanlagen

Bezirksdirektion

Hasetorwall 17

49076 Osnabrück

Tel. 05 41 / 9 62 04 - 0

Fax 05 41 / 9 62 04 - 99

Seite 44 / Samstag, 2. März 2002, Nr. 52

Im Zwielficht: Albert Eckhout, der Chronist Brasiliens

2.3.02
FAZ

KOPENHAGEN, Anfang März
Nachdem die niederländische Westindienkompanie in den Jahren 1637 bis 1644 Teile der portugiesischen Kolonie im Nordosten Brasiliens erobert hatte, um ihre eigene Zuckerproduktion erhöhen zu können, engagierte sie den Grafen Johann Moritz von Nassau-Siegen (1604 bis 1679) als Generalgouverneur für die neugewonnenen Gebiete. Johann Mauritz traf 1637 in Brasilien ein; mit sich brachte er die Maler Albert Eckhout und Frans Post. Einmal angekommen, engagierte der Graf die Wissenschaftler Willem Pies und Georg Markgraf und beauftragte die vier, das ihm zugefallene Reich zu erforschen und zu dokumentieren. Noch zu Johann Moritz' Lebzeiten erschien als Resultat dieser Bemühungen eine „Historia Naturalis Brasiliae“, deren zahlreiche Holzschnitte wohl nach Vorlagen von Eckhout und Post angefertigt wurden.

Die anthropologische und wissenschaftliche Neugier des Grafen vertrug sich schlecht mit den nüchternen Geschäftsinteressen der Westindienkompanie, so daß er 1644 abgerufen wurde und in die Heimat zurückkehrte. Dort nutzte er seine Sammlung aus Artefakten und Gemälden, um nützliche Beziehungen zu knüpfen. 1654 vermächte er seinem Vor-

wandten König Frederik III. von Dänemark sechszwanzig in Brasilien entstandene Gemälde Albert Eckhouts, die Bestandteil der königlichen Kunstkammer wurden und heute zur ethnographischen Sammlung des Dänischen Nationalmuseums gehören. Ob die Verleihung des Weißen Elefantens durch Frederik an Johann Moritz ein Dank für diese Schenkung ist, oder aber umgekehrt Johann Moritz sich beim König für dessen Unterstützung bei der Erlangung des Prinzentitels im Jahr zuvor erkenntlich zeigen wollte, ist nicht restlos geklärt.

Von den Eckhoutschen Gemälden haben sich vierundzwanzig erhalten. Sie werden nun erstmals vollständig in Kopenhagen gezeigt. Über ihren Schöpfer weiß man wenig. Eckhout stammte aus Groningen, wo er um 1610 geboren wurde; nach seiner Rückkehr aus Brasilien arbeitete er längere Zeit ohne feste Stellung, bis er 1653 Hofmaler in Dresden wurde. Dort aber haben sich keine Bilder erhalten, die ihm eindeutig zuzuschreiben wären. Die Kopenhagener Sammlung stellt also zugleich das erhaltene Gesamtwerk dar.

Eckhout ging es um Dokumentation: Er porträtierte Afro-Brasilianer, die von den Portugiesen aus Westafrika als Sklaven nach Südamerika gebracht worden waren; er malte Mamelucken, die aus einer europäisch-einheimischen Verbindung hervorgegangen waren; und er hielt Stammesmitglieder der Tupi und Tapuya nebst ihrer Tracht im Bilde fest. Auf sechs Leinwänden dokumentierte er einheimische Früchte, gemeinsam mit europäischen. Seine Darstellungen sind präzise und haben einen Zug ins Naive. Faszinierend ist vor allem sein Licht: als ob eine Tageslichtszene mit Kunstlicht aufgeleuchtet würde oder ein Unwetter bevorstünde.

MICHAEL GASSMANN

Bis 26. Mai. Das Begleitheft in dänischer Sprache kostet 20 Dänische Kronen.



Dolche zu Maiskolben: Albert Eckhouts Afro-Brasilianerin mit Leibes- und anderen Früchten

Foto Nationalmuseum Kopenhagen

FOLHA TURISM

PÁGINA F 9 ★ SÃO PAULO, SEGUNDA-FEIRA, 15 DE JULHO DE 2002

15.7.02



...ria vista da cidade alta, que tem edificações coloniais



Igreja Nossa Senhora da Pena (à esq.), padroeira de Porto Seguro,

CHAME GENTE Volume de turistas pode ter diminuído em até 20 vezes sem a vinda de

Crise argentina atinge até Po

que começou a ser construída em 1535, ao lado da antiga cadeia

os vizinhos e após falência da Soletur

Porto Seguro



Baiana vendedora de acarajé

CAROL FREDERICO
ENVIADA ESPECIAL À BAHIA

Oito meses após a falência da Soletur, Porto Seguro ainda sente o forte impacto no turismo local. Vedete dos formandos de primeiro e segundo graus, a cidade já não consegue mais se bancar com a mistura explosiva do axé com o capeta (típica bebida local).

A Grou, maior agência de receptivo da Bahia, recebeu 2.000 turistas por semana em junho do ano passado, número que baixou para cem neste ano, 20 vezes menos.

Como se fosse vítima de uma onda de azar, a cidade também está sofrendo com a crise na Argentina. "Todos os 12 vôos fretados vindos de lá foram cancelados", diz Marcio Motta, gerente geral da Grou.

Nem os atentados de 11 de setembro, que fez crescer o turismo interno, salvaram o destino.

Tanto o Porto Seguro Convention & Visitors Bureau quanto agências e hotéis de Porto Seguro acreditam que a imagem da cidade tenha sido desgastada com os estereótipos da Passarela do Alcool, das barracas de axé e do grande número de adolescentes.

Para Fernando del Cistia, gerente comercial da CVC, a falência da Transbrasil também ajudou a provocar um descrédito no setor. "A CVC absorveu pelo menos

50% dos clientes da Soletur, mas o risco ainda é grande, já que Porto Seguro é vista como local de turismo barato, depois que pousadas e hotéis começaram a praticar planos tarifários suicidas."

Na cidade alta, até o índio que cobra R\$ 2 por cada foto tirada sente o baque; à noite, Arraial d'Ajuda não chega a ficar vazia, mas não é mais como antes.

É bem provável que Porto Seguro não consiga se recuperar para o verão 2002/2003, mas os responsáveis pelo turismo local estão se mexendo para virar o jogo na temporada seguinte.

Segundo Rosane Schneider, gerente de captação do Convention, a estratégia agora é investir nos arredores da cidade, com o apelo de que a região faz parte da Costa do Descobrimento, e esquecer um pouco os antigos chamarizes, como axé, lambada e praias.

"Queremos fazer de Porto Seguro um lugar para a família", diz Jonas de Carvalho, gerente-geral da rede Tropical, com dois hotéis na cidade que pertenciam à Soletur e que hoje são do Grupo Varig.

Porto Seguro aposta também no Centro Cultural e de Eventos do Descobrimento, inaugurado em 2000 e ainda pouco divulgado, como atrativo para o turismo de negócios.

Carol Frederico viajou a convite da rede Tropical e do Grupo Varig.

Institut für Brasilienkunde

